

NICOLINA MARIA ARANTES BOTELHO

**SOCIEDADE, LINGUAGEM E JORNALISMO:
O HUMOR DO "BINÔMIO" NOS ANOS 50 E 60**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2000

Ao meu pai (*in memoriam*),
com quem aprendi as coisas mais fundamentais para minha vida:
a certeza da existência de Deus, a orientação clara para discernir
aquilo que é errado do que é certo e o amor pelo conhecimento.

Ao meu tio e amigo Euro (*in memoriam*),
que confiou a mim, quando tinha apenas 15 anos, a importante tarefa
de preservar o **Binômio**, uma de suas mais preciosas criações.
Sem você o **Binômio** não teria existido. E esta tese, então, nem se fala.
Com a conclusão dela, espero estar cumprindo
uma parte da missão que você me confiou.

À Luíza, minha filha.
Minha obra prima. A pessoa que escolheria ser, se eu não fosse eu.
Motivação maior para que eu viva e ouse ser o melhor de mim mesma.

Ao Fernando Rocha (*in memoriam*),
um verdadeiro amigo, que se empenhou com carinho e dedicação
para me convencer a fazer este mestrado que estou concluindo.
No brevíssimo espaço de tempo que nos conhecemos
você modificou a minha vida e me mostrou
como realizar o necessário acerto de contas comigo mesma.

AGRADECIMENTO

Estar concluindo o mestrado de Extensão Rural com esta dissertação é um acontecimento bem importante para mim e para a minha vida, que vem me dando uma deliciosa sensação de vitória. Uma conquista destas não se consegue sozinha. E agora, enquanto recordo os acontecimentos dos últimos três anos, percebo o tanto que venho recebendo da vida e de algumas pessoas, em quantidade e em qualidade generosas, o que contribuiu para que eu pudesse obter esta vitória.

Foi graças a minha mãe Mary Vicentina Arantes Botelho que pude, no segundo semestre de 1993, ficar durante quatro meses praticamente por conta de fazer minha pesquisa nos exemplares do **Binômio**, arquivados na Hemeroteca do Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte.

Cursando este cursando me certifiquei mais uma vez da importância de minha formação acadêmica fornecida pelo Departamento de Sociologia e Antropologia da FAFICH/UFMG, onde fiz minha graduação. Foi lá, também, que cursei o mestrado de Sociologia da Cultura e elaborei meu primeiro projeto de dissertação, dando início ao seu desenvolvimento. Naqueles seis anos e pouco em que frequentei a FAFICH quase que diariamente, várias pessoas, entre as quais citarei apenas algumas, somaram um tanto em minha vida, contribuindo de alguma forma para meu crescimento pessoal e, ou, intelectual.

Primeiramente quero manifestar minha gratidão ao Prof. Antônio Fernando Mitre do Departamento de Ciências Políticas. Além de ser uma pessoa humana admirável, foi a primeira pessoa que conheci com a capacidade de chegar à estrutura básica de uma obra, refazendo o caminho inverso percorrido pelo autor, desvendando na definição das categorias de análise e dos conceitos básicos, sua filiação e seus embasamentos com as correntes de pensamento e com as abordagens teóricas de onde de fato provêm, alcançando, assim, as perguntas iniciais e reformulando a problemática construída pelo autor.

Era realmente um deleite para mim, assim como ver abrir a caixa de pandôra, assistir suas exposições brilhantes e tão bem sistematizadas, e me surpreender ao ver surgir diante de mim, onde se pressupõe existir uma abordagem marxista, por exemplo, categorias, conceitos e problemáticas totalmente positivistas ou funcionalistas. Com você, Mitre, aprendi o que é ciência e como se constrói e se “desmonta” o conhecimento científico, base sem a qual não teria chegado aonde venho chegando. Grata, também, pela orientação do meu primeiro projeto de tese, que ainda vem se tornar pelo menos um ensaio.

Quero dizer ao Prof. Otávio Soares Dulce, meu amigo e meu anjo protetor, que sou grata pela paciência, consideração e disposição que sempre manifestou, me atendendo e auxiliando no que era possível. Obrigada, também, pela orientação que me ofereceu quando estava elaborando o primeiro projeto do **Binômio**.

A todos os professores e funcionários do mestrado de Extensão Rural que heroicamente mantêm este curso funcionando, oferecendo esta excelente oportunidade de aprimoramento acadêmico para a formação de pesquisadores. Desejo que tenham forças para continuar esta peleja, mantendo o nível de excelência já alcançado para que ele possa ser cada vez mais aprimorado.

À Prof.^a Alice Inês de Oliveira e Silva e ao Prof. Alberto da Silva Jones por terem solicitado que desse continuidade à pesquisa do **Binômio**, já iniciada em 1992 e interrompida por falta de recursos, ao invés de prosseguir com o projeto apresentado para concorrer ao mestrado. Sou grata, também, à coordenação do mestrado, na pessoa do Prof. José Norberto Muniz, por ter

permitido esta troca. A importância desta oportunidade que me foi oferecida, só eu mesma posso estimar. E para mim, isto não tem preço.

Ao meu orientador Prof. José Benedito Pinho, cuja diplomacia sempre me fez nem sequer perceber se meu trabalho foi alguma vez criticado por ele. Sob sua orientação sempre firme, pude, entre outras coisas, aprimorar minha escrita e construção de texto.

Aos meus conselheiros Prof. Geraldo Magela Braga e Prof. Fábio Faria Mendes, que ao me apresentar Mikhail Bakhtin forneceu-me a orientação para encontrar a outra face da moeda do problema e do referencial teórico de minha tese, o que enriqueceu e ampliou enormemente a própria construção da problemática, as análises, as discussões realizadas e as conclusões obtidas.

Ao Prof. Franklin Daniel Rothman, que num momento delicado que atravessei, ofereceu-me o apoio e a orientação correta para saber avaliar e lidar com aquela situação, além de ter me proporcionado o curso tão bem estruturado de Sociologia Rural.

Estou querendo agradecer de forma especial, também, aos demais professores com quem cursei as disciplinas: Alice Inês de Oliveira e Silva, José Geraldo Fernandes de Araújo, Antônio Luiz de Lima, Geraldo Magela Braga, Marisa (Faculdade de Educação) e José Norberto Muniz.

E entre os funcionários, é preciso destacar Maria das Graças Lourenço Soares de Freitas e Rosângela da Cruz Belcavelo, com quem mantive um contato permanente e que sempre me atenderam tão bem, procurando a todo momento facilitar as coisas para mim.

A todos que através de seu empenho, cuidado e trabalho mantêm funcionando o Arquivo Público Mineiro e sua Hemeroteca, pois tornaram possível o acesso à obra completa do **Binômio**.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela bolsa fornecida. Sem este auxílio teria sido impossível fazer o curso e a dissertação.

BIOGRAFIA

NICOLINA MARIA ARANTES BOTELHO, filha de Mary Vicentina Arantes Botelho e Adjalme da Silva Botelho. Nasceu em 3 de junho de 1953, em Ubá, Minas Gerais, onde concluiu o primário no Grupo Escolar São José, em 1963; o ginásio no Colégio Sacré-Cœur de Marie, em 1968; e cursou os dois primeiros anos do curso científico, no Colégio Estadual Raul Soares, até 1970. Concluiu o segundo grau na Mercer Area High School, na cidade de Mercer, Pa. EUA, em 1971.

Em Belo Horizonte, foi aprovada em 1977 no vestibular de Ciências Sociais da FAFICH/UFMG, se formando em 1981.

Passou no concurso de mestrado de Sociologia do Departamento de Sociologia e Antropologia da FAFICH/UFMG, no final de 1981, tendo concluído os créditos em 1983. Seu projeto de dissertação de tese foi aprovado pelo colegiado do mestrado supra citado, com o título provisório **Euclides da Cunha e Mario Vargas Llosa: uma análise sociológica comparativa**, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Fernando Mitre do DCP/UFMG. Por problemas de ordem pessoal, e principalmente devido à perda da tese quase pronta, foi impossível fechar esta etapa.

Mudou-se para São Paulo em maio de 1984, onde morou até março de 1990. Durante esses seis anos, fez parte da equipe técnica do DIEESE -

Departamento de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, lecionou na PUC e na ESP - Escola de Sociologia e Política, fez parte da equipe de planejamento e posteriormente da assessoria de cultura da Secretaria de Estado do Menor do Estado de São Paulo.

Em 1990 voltou para Belo Horizonte e em 1995 para Ubá, onde continua residindo. Nos últimos cinco anos vem lecionando na UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos, na sua Faculdade de Ciências Econômicas, Contabilidade e Administração de Empresas, na cidade de Visconde do Rio Branco. Lecionou, também, durante três anos, na Faculdade de Direito de Ubá.

Trabalhos de sua autoria já publicados:

BARROS, G.P.P., BRAGA, G.M., BOTELHO, N.A. Ação pedagógica da extensão rural: discurso e prática. **Revista Economia Rural**, Viçosa, ano 9, n. 3, p. 26-28, jul./set. 1998.

BOTELHO, N.A. Minas de cabeça para baixo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n. 2, jul./dez. 1998.

ABUJAMRA, A., BOTELHO, N.A. (Orgs.). **José Campomizzi Filho: escritos e memórias**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional da Indústria, 2000. 320 p.

CONTEÚDO

	Página
RESUMO	xi
ABSTRACT	xiii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Contextualização: uma breve visão de alguns aspectos culturais e econômicos do Brasil dos anos 50 e 60	1
1.1.1. E assim nasceu Binômio - Sombra e Água Fresca	7
1.2. O problema de pesquisa e sua importância	9
1.2.1. Objetivos do estudo	14
1.2.1.1. Objetivo geral	14
1.2.1.2. Objetivos específicos	15
2. METODOLOGIA	16
2.1. A natureza da pesquisa	20
2.2. A coleta de dados	20

	Página
2.3. Unidade de análise	23
3. REFERENCIAL TEÓRICO	24
3.1. Personagens paradigmáticas em Roberto Da Matta e Binômio	25
3.2. O cômico popular da Idade Média em Mikhail Bakhtin e o humor binomiano	30
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
4.1. História do humor binomiano	39
4.1.1. Fase humorística (fevereiro de 1952 a outubro de 1955)	39
4.1.2. Um breve período de transição (de outubro de 1955 a junho de 1956)	49
4.1.3. Fase panfletária (de junho de 1956 a 1959)	53
4.1.4. Fase de pregação ideológica (1960 a março de 1964)	62
4.2. Binômio lido como personagem paradigmático: o herói de três faces	66
4.2.1. O herói e o paradigma do malandro	66
4.2.2. O herói e o paradigma do justiceiro	73
4.2.3. O herói e o paradigma do renunciador	78
4.3. O herói e suas linguagens	87
4.3.1. O humor binomiano: a linguagem do malandro e a carnavalização das alterosas	87
4.3.2. A seriedade unilateral do patético e do "sensacionalismo": a linguagem do justiceiro e do renunciador	101
5. RESUMO E CONCLUSÕES	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121

FONTES	124
--------------	-----

RESUMO

BOTELHO, Nicolina Maria Arantes, M.S., Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2000. **Sociedade, linguagem e jornalismo: o humor do "Binômio" nos anos 50 e 60.** Orientador: José Benedito Pinho. Conselheiros: Fábio Faria Mendes e Geraldo Magela Braga.

Esta dissertação resulta de uma pesquisa realizada a respeito do jornal **Binômio**, criado pelo jornalista Euro Luiz Arantes, lançado em 17 de fevereiro de 1952, em Belo Horizonte-MG. O periódico teve a finalidade de fazer crítica e oposição ao governo Juscelino Kubitschek e a pretensão de revolucionar o estilo jornalístico da época, tendo sobrevivido por 12 anos, durante os quais passou por três fases: humorística (1952-1955), panfletária (1956-1959) e ideológica (1960-1964). Deixou de existir em março de 1964 em consequência do golpe militar. Nesta investigação considerou-se **Binômio** como produto cultural que traduz e traz inscrito em si, de várias formas e em muitos níveis, o seu próprio tempo. Para demonstrar como se deram algumas das possíveis interligações entre esse semanário e sua época, procurou-se pesquisar os vestígios, indícios e sinais de sua historicidade em sua linguagem, buscando descobrir a identidade existente entre o estilo, as linguagens e as posturas adotadas pelo **Binômio** ao longo de seus 12 anos de existência e alguns aspectos culturais de nossa sociedade dos

anos 50 e início dos anos 60. Entre outros achados, o estudo comprovou a existência de uma série de semelhanças entre a história e a trajetória de **Binômio** em cada uma de suas três fases e o malandro, o justiceiro e o renunciador, respectivamente, percebidos como personagens paradigmáticas de rituais de inversão da ordem social brasileira (DA MATTA, 1990). Assim como estes heróis, esse semanário estampava a rebeldia e a irreverência como verdadeiras marcas de nascença, não se enquadrando no sistema, tentando criar suas próprias regras, promovendo com suas posturas e atitudes uma subversão da ordem social. Ao analisar as linguagens desse jornal, concluiu-se que sua maior riqueza se encontra em seu humor, sendo sua fase humorística, e o pouco que dela sobreviveu, seu período mais rico e criativo. A compreensão do riso presente no que se denominou de humor binomiano contém em si a originalidade e a vitalidade presentes na cultura cômica popular da Idade Média e do Renascimento (BAKHTIN, 1987). Durante esses períodos históricos encontrou-se semelhanças significativas entre as fontes do riso, os festejos carnavalescos, o grotesco, a paródia e a praça pública e o humor binomiano.

ABSTRACT

BOTELHO, Nicolina Maria Arantes, M.S., Universidade Federal de Viçosa, October 2000. **Society, language and journalism: humor in “Binômio” during the 1950’s and 1960’s.** Adviser: José Benedito Pinho. Committee Members: Fábio Faria Mendes and Geraldo Magela Braga.

This dissertation is the result of a research on the newspaper “Binômio”, which was created by the journalist Euro Luis Arantes and first edited on February 17, 1952 in Belo Horizonte-MG. The newspaper’s purpose was to criticize and make opposition to the government of Juscelino Kubitschek and dare to revolutionize the journalistic style of that period, having survived for 12 years during which it went through three phases: humoristical (1952-1955), pamphletary (1956-1959) and ideological (1960-1964). Publication ended in March 1964 as a result of the military coup. This research considered “Binômio” as a cultural product which translates and holds within itself, under various forms and levels, its own time. In order to show the way some of the possible interactions between this newspaper and its time took place, one tried to search for the vestiges, evidences and signs of its historicity within its own language, trying to find out the identification between the style, languages and postures adopted along its twelve years and some cultural aspects of our society during the

1950s and early 1960s. Among other things the study has confirmed the existence of a series of similarities between history and “Binômio”’s trajectory throughout each one of its three phases with the humorist, the vindicator and the abdicator, respectively, being perceived as paradigmatic characters in rituals of inversion of the Brazilian social order (DA MATTA, 1990). Similarly to these heroes, this weekly publication showed rebellion and irreverence as its true birthmarks, by not fitting in the system, and by trying to create its own rules with its posture and attitudes, promoting a subversion on the social order. By analyzing the languages used by this newspaper, it was concluded that humor was its main asset with its humoristic phase and the little of it that was left, being its richest and most creative period. The understanding of laughter in what was known as the “the Binomial humor” carries in itself the same originality and vitality which are characteristic of the Middle Ages and Renaissance popular humoristic cultures (BAKHTIN, 1987). These historical periods’ sources of laughter, carnival frolics, the grotesque, the parody and the public square present similarities with the Binomial humor.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização: breve visão de alguns aspectos culturais e econômicos mais relevantes do Brasil dos anos 50 e 60

Os anos 50 correspondem ao período em que se deu, de forma mais definitiva, ampla e profunda, a inserção do Brasil na modernidade, com seus inúmeros desdobramentos para a vida cultural, social, política e econômica do país.

A mudança na mentalidade empresarial se constituiu num dos fatores importantes para a modernização da sociedade brasileira. Para KOWARICK (1976), por exemplo, o plano de metas de Juscelino Kubistchek se configurou numa primeira sistematização da idéia de planejamento econômico, que, segundo IANNI (1979), só passou a ser percebido como algo individualizado a partir do golpe militar. Em decorrência desta nova percepção foi atribuída à política governamental e à própria atuação do Estado uma especificidade até então desconhecida no Brasil.

Ao contar a história da imprensa brasileira, a fim de situar os anos 50, Juarez Bahia chama a atenção para o fato de que naquela época o país ainda era campeão de analfabetismo, mortalidade infantil, acidentes de trânsito, violação de direitos civis, com uma renda per capita entre as mais baixas, se comparada à

do bloco desenvolvido. São apontadas, também, as fragilidades do sistema político brasileiro, com seus espasmos democráticos interrompidos por golpes e intervenções militares, que por sua vez,

“(…) se aliam à direita urbana e agrícola para cercear as liberdades fundamentais, interromper o avanço popular no rumo da independência econômica e social, garantir por mais tempo a submissão nacional a interesses políticos e econômicos estrangeiros” (BAHIA, 1990:266).

Por outro lado, afirma que “os anos 50 seccionam a história brasileira para distinguir o país de antes e depois de 1955”. A fim de comprovar o que foi dito, o autor cita transformações significativas ocorridas no setor econômico, durante a segunda metade daquela década. Somadas, essas transformações podem ser vistas como bases geradoras de um outro país. Entre elas, a triplicação da produção de energia elétrica com a construção de Três Marias e Furnas, a abertura de novas rodovias, a viabilização da indústria automobilística e a concretização da indústria naval através da instalação de estaleiros. E prossegue enumerando outras transformações do setor econômico:

“A produção em toneladas de ferro gusa, entre 1955-1961, sobe 71%; a de aço em lingotes, 88% e a de laminados, 62%. Aumenta substancialmente o consumo de gasolina comum, de óleo diesel, de cimento e de asfalto. Cosipa, Usiminas, Companhia Siderúrgica Nacional, Ferro e Aço Vitória são as maiores siderúrgicas. Os portos são reequipados. O país fabrica máquinas pesadas, grandes guindastes, equipamentos e materiais para a Petrobrás e outras empresas de porte, em índice superior a 80% do consumo nacional. A engenharia civil ganha renome mundial. O país passa a depender menos das importações e estabelece o seu próprio padrão de desenvolvimento industrial” (BAHIA, 1990:226).

Partindo de um outro recorte, ORTIZ (1988) enfatiza a constituição da indústria cultural no Brasil, ocorrida durante o período compreendido entre 1945 e 1964. Além de ter sido um dos poucos períodos democráticos de nossa história, é apontado, também, como um momento marcado pela efervescência e pela criatividade cultural, quando se deu a concentração de uma soma variada de expressões culturais.

Procurando demonstrar que no Brasil o projeto de modernidade antecedeu às possibilidades concretas de sua realização, Renato Ortiz identifica nesse período - e mais especificamente nos anos 50 - o momento em que se

multiplicaram os empreendimentos culturais de cunho mais empresarial, que para o autor se constituíram em investimentos da burguesia numa nova indústria cultural burguesa. Entre eles destacam-se a criação da Vera Cruz e a fixação de normas padrão para o funcionamento das agências de publicidade (1949); a implantação da televisão em São Paulo (TV Tupi, em 1950); a introdução da fotonovela; a mudança no decreto que regulamentava a propaganda no rádio (passando de 10% para 20% o tempo que era permitido para esse fim); a criação da primeira escola de propaganda; o lançamento das revistas **Manchete** e **Visão** (apontada como precursora do jornalismo informativo semanal no Brasil); a fundação da Editora Abril (1953); e o surgimento das primeiras entidades profissionais, como por exemplo, a Associação Brasileira de Agência de Propaganda (1958).

Além de fazer parte do processo de constituição de uma sociedade moderna incipiente, Renato Ortiz aponta a precariedade como sendo a palavra-chave para resumir aquela época, explicada por fatores tais como:

“a insipiência das especializações, que se encontrava associada às dificuldades tecnológicas e materiais de uma indústria cultural no Brasil, (...) exprimindo a lacuna existente entre os objetivos empresariais e a incapacidade de eles se realizarem plenamente”.

Ao analisar depoimentos da época que contam casos que exigem uma improvisação daqueles que estão envolvidos, ORTIZ (1988) mostra a recorrência de uma situação anacrônica, próxima da farsa¹, que, além do elemento de valorização da pessoa que foi testemunha ou participou da situação – “eu estava lá” ou “vi com meus próprios olhos” – são gafes reveladoras de dimensões próprias da sociedade brasileira dos anos 50 e início dos anos 60:

“No fundo a taxa elevada de anacronismo pode ser compreendida quando contraposta à precariedade tecnológica, financeira e empresarial que sublinhamos. Ela é um momento particular da sociedade onde as ‘falhas’ são tantas que dificilmente poderíamos explicá-las como um fato ocasional.

¹ “Os depoimentos de Márcia Real e de Benjamin Catan têm caráter anedótico. Eles contam as peripécias de uma atriz que procura contornar os problemas do figurino de uma ‘empresa estruturada’, as improvisações de um diretor de teatro sem recursos que se vê na posição de ‘inventar’ o cenário. Na área da publicidade se tornaram conhecidas as gafes das garotas-propaganda. Roberto Duailibi relembra um episódio: ‘a garota-propaganda falava do sofá cama Probel, que facilmente transforma seu sofá em cama e vice-versa. Quando ela foi demonstrar o produto, o sofá acabou emperrando e não se transformou em cama. A garota forçou, forçou, até que apareceu um bombeiro para ajudá-la’.” Depoimento de Roberto Dualibi, citado em ORTIZ (1989:96).

Há uma necessidade do acaso. Nessa fase de pioneirismo, onde as coisas ainda estão por construir, a iniciativa individual é fundamental, ela é parte integrante das estruturas que ‘funcionam mal’. A improvisação é nesse sentido uma exigência da época. (...) Se podemos dizer que a idéia de precariedade caracteriza a época, não deixa de ser verdade que ela encerra em si uma contradição. A improvisação pode ser considerada pelo lado das dificuldades materiais e econômicas, mas ela possui uma outra dimensão, a da criatividade. O advento de novas formas de produção e de difusão cultural demandam dos homens que vivem o período uma imaginação que venha suprir não só as falhas que apontamos, como também preencher esse novo espaço que emerge com as técnicas de comunicação e de produção industrial.”

Como se verá mais adiante, em seus primeiros anos, **Binômio** exemplifica bem esta mistura de iniciativa individual, precariedade, improvisação e criatividade, apontada por Renato Ortiz como aspecto fundamental da época em questão.

Em relação à imprensa no Brasil, vários autores identificam esse mesmo período - de 1945 a 1964 -, como sendo a fase de modernização do jornalismo. É o caso de MOTA e CAPELATO (1980), que, ao analisarem a história da **Folha de S. Paulo**, situam entre 1945 e 1962 o período em que esse jornal passa a ser gerido por uma visão empresarial, superando, assim, a fase anterior (1931-1945), marcada pela representação dos interesses rurais. Para SODRÉ (1983), em torno dessa época ocorreu a passagem do jornalismo político, financiado pelo poder público, para o jornalismo empresarial. É o caso, por exemplo, do jornal **Última Hora**, que introduziu métodos empresariais para garantir seu sucesso comercial. Para GOLDENSTEIN (1978), este jornal teve as técnicas da indústria cultural, sem incorporar a sua lógica. E se referindo ao jornalismo brasileiro de um modo geral, BAHIA (1990) afirma que “dos anos 50 em diante, a modernização empresarial torna ainda mais disponível o caráter industrial do jornal, seja impresso ou audiovisual”.

No entanto, naqueles anos de avanço da racionalidade em vários setores da vida nacional, ainda havia amplos espaços para atos heróicos e românticos, pois como mostra Renato Ortiz, aplicando análises de BERMAN (1986)², houve

² Para BERMAN (1986), “o modernismo das nações desenvolvidas se constrói com o material diretamente derivado da modernização política e econômica”. Esse foi o caso da França, por exemplo. Entretanto, o modernismo do subdesenvolvimento é “forçado de se construir sobre fantasias e sonhos de modernidade”, como foi o caso brasileiro.

uma anterioridade do projeto de modernização em relação ao subdesenvolvimento da sociedade, pois o moderno no caso brasileiro, antes de ser uma realidade objetiva e concreta, pode ser percebido nos anos 50 e 60, como vontade de construção nacional [grifo nosso] e, portanto, como projeto para um futuro que ainda estava por ser construído.

Ao se analisar alguns acontecimentos da primeira metade dos anos 50, pode-se apontar pelo menos três características marcantes do “espírito da época”, que demonstram o que foi exposto anteriormente. A primeira delas se refere ao que se convencionou chamar de cultura ornamental, visando a uma distinção social. Ou seja, as elites, desejosas de aparentar “modernidade” antes que a modernidade acontecesse ao nível concreto, tinham sua conduta e etiqueta social marcadas por um gosto pelo cerimonioso e pelo “empolado”, com um bom toque de provincianismo. Características como essas podem ser percebidas em acontecimentos que marcaram a vida nacional nos anos 50. É o caso, por exemplo, da inauguração da I Bienal de Artes de São Paulo, cuja importância e repercussão é possível avaliar ao considerar que 21 países enviaram obras, tendo sido expostas 1.800 no total, entre as quais trabalhos de alguns dos artistas mais importantes do século XX:

“(…) Cerca de 5.000 pessoas participaram da inauguração. (...) Damas vestidas pela Maison Dior de Paris, algumas com peles de vison, e cavalheiros de black tie formigavam entre os artistas presentes” [grifo nosso] (NOSSO SÉCULO, 76).

Visto sob os olhos de hoje, esse acontecimento revela dimensões importantes da compreensão de setores das elites daquele período em relação à cultura e à arte, com seus aspectos obviamente ornamentais, cerimoniosos e provincianos, mas cujo desejo era de expressar um espírito avançado e requintado. Isto se torna mais evidente ainda, ao se considerar que aqueles casacos de vison foram usados em pleno 20 de outubro de 1951, quando o clima, mesmo em São Paulo, não comporta tal indumentária.

Ao analisar a relação de setores da elite com o cinema, Ismael Xavier esclarece bem aquele tipo de mentalidade predominante na época:

“Arte e indústria eram duas palavras sérias, cultuadas por aqueles que desejavam fazer parte da elite ilustrada, orgulhosa de seu contraste frente à ignorância da maioria. A colocação do cinema sob estas etiquetas não deixava de ser conveniente para os praticantes da cultura ornamental: reverenciadores da tradição clássica, devotos do beletismo como forma de elegância e distinção social, fascinados pelos costumes civilizados, tinham nos auspícios da arte e no modelo industrial de grande envergadura uma forma de tornar mais cultos e responsáveis seus pronunciamentos sobre o cinema” (XAVIER, 1985).

A segunda característica se refere a uma moralidade ambígua, que por um lado valorizava o vaporoso, o inocente-virginal e o glamouroso: quando a beleza feminina era cultuada através das listas das dez mais elegantes, de concursos de miss, de glamour-girls, de princesas e de rainhas de “quase tudo”, que serviam, também, como um meio de ascensão social para algumas mulheres; quando as emissoras de rádio afirmavam falar para o Brasil, mesmo não tendo penetração nacional; a rádio mania com as suas musas, suas Rainhas do Rádio e seus “correios de fans”; quando os oficiais da Aeronáutica, em seus uniformes impecáveis, faziam as mocinhas sonharem e suspirarem; quando havia “as moças boas para se casar”, com seus namoros com prazos bem estabelecidos para se permitir “certas intimidades”.

Finalmente, a outra face dessa moralidade, que entrava em contradição com o que foi exposto acima, se encontrava presente na improvisação, na molecagem, expressas nas chanchadas da Atlântica, no Teatro Revista ou Teatro Rebolado; nos sucessos carnavalescos que imprimiam uma marca personalizada a cada ano, com força suficiente para comandar a folia e determinar o apogeu ou a continuidade da carreira de cantores e de compositores.

Foi naqueles espaços ambíguos da precariedade, da improvisação, da criatividade, tempo de tantas origens, estréias, novidades e lançamentos que nasceu heróico e romântico o jornal **Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**. As informações fundamentais da história de sua criação serão fornecidas a seguir, baseando-se em trabalhos já publicados a respeito do jornal e nos resultados de pesquisas iniciadas em 1992, incluindo principalmente o estudo sistemático dos exemplares do **Binômio**, assim como entrevistas com seus diretores, Euro Luiz Arantes e José Maria Rabêlo.

1.1.1. E assim nasceu **Binômio - Sombra e Água Fresca**

Quando foi publicada a primeira edição desse jornal, em 17 de fevereiro de 1952, o governo de Juscelino Kubitschek já havia completado um ano. Seu programa de governo – Binômio: Energia e Transportes – parecia um desastre aos olhos das oposições, que denunciavam um enorme crescimento da corrupção nos meios governamentais. Completava um ano, também, que Getúlio Vargas havia sido empossado presidente do país. Vivia-se um clima intenso de redemocratização. Desde o pós-guerra, no lugar do estilo francês, pretensamente literário, cheio de floreios e gongorismos, a imprensa carioca havia começado a adotar o modelo de jornalismo norte-americano, objetivo, ágil e dinâmico.

Apesar da importância dos fatos políticos e culturais que cercaram seu nascimento, **Binômio - Sombra e Água Fresca** foi criado por uma pessoa anônima, na época. Euro Luiz Arantes já havia ensaiado, em Ubá, cidade mineira da Zona da Mata, os primeiros passos no jornalismo, criando o jornal humorístico **Escorpião**, quando ainda era estudante secundarista. Enquanto cursava Direito em Belo Horizonte, Euro iniciava sua carreira profissional de jornalista no atual **Diário do Comércio**, antigo **Informador Comercial**, onde trabalhava com José Maria Rabêlo, que esteve presente na história do **Binômio** desde o seu início.

A gota d'água para a criação do **Binômio** foi a greve realizada pelos estudantes universitários contra o aumento dos preços dos ingressos de cinema. Seus protestos provocaram a repressão policial, mas não tiveram repercussão na grande imprensa local. Além de porta-voz do Palácio da Liberdade, a imprensa mineira se encontrava completamente ultrapassada em relação às modernas concepções de jornalismo, que ganhavam primazia em outras capitais.

Foi da UDN, oposição natural ao governo de Juscelino Kubitschek, que surgiu, não só o apoio financeiro para a criação do jornal, como o seu batismo de fogo: **Binômio - Sombra e Água Fresca**:

“Euro Luiz Arantes, o diretor do órgão mais polêmico da imprensa mineira, conta em público, pela primeira vez, a história do nascimento de seu jornal: “(...) Até agora, somente eu, o Zé Maria Rabêlo e o deputado Milton Sales

conhecemos exatamente como o **Binômio** veio à luz. Foi em janeiro de 1952 que, pela primeira vez, debatemos a possibilidade de lançarmos um jornal humorístico, de crítica política, em Belo Horizonte. Como o Sr. Juscelino Kubitschek já estava anunciando o seu “Binômio Energia e Transportes”, o Milton Sales sugeriu o nome. E mais: arrumou uma pequena subvenção da bancada udenista para garantir parte das despesas do primeiro número. Cada deputado entraria com 100 cruzeiros, o que representaria 2.400 cruzeiros, contando os 23 deputados udenistas e um da bancada pedecista. Combinamos tudo direitinho e a 17 de fevereiro vinha a público o primeiro número do jornal. Para esta edição, tão feia, coitadinha, com apenas quatro páginas, de formato reduzido e em papel horrível, a bancada udenista cumpriu a promessa. Na segunda, já a contribuição foi de 1.400,00 cruzeiros. Na terceira ficou tão somente nos 100,00 de nosso amigo Milton Sales... Daí por diante que tratássemos de resolver os nossos problemas financeiros, o que diga-se com sinceridade, até hoje não conseguimos inteiramente”. *In SIP* - 10/12/1956 (semanário dos jornalistas José Araújo Costa e Isis de Oliveira) e *In Binômio - Humorismo e Crítica* - 30/12/1956.

Esse apoio financeiro inicial da UDN não implicou em qualquer vínculo ou comprometimento político e ideológico entre esse partido e esse órgão, valendo a pena ressaltar a ironia presente no fato de Sombra e Água Fresca ter sido inicialmente financiado e batizado pela UDN e ter se transformado em um jornal de esquerda. É devido, inclusive, às inúmeras críticas feitas à UDN e a seus políticos em suas crônicas, piadas e reportagens, que o então deputado Edgar da Mata Machado emitiu, na Assembléia Legislativa, a seguinte opinião a respeito do **Binômio**:

“O jornal está ligado às correntes oposicionistas, tanto assim que em mais de uma de suas edições, tem feito críticas sarcásticas contra figuras altamente categorizadas da UDN” (**Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, 28/09/1952).

Como já foi dito, esse jornal existiu durante 12 anos (1952-1964), tendo passado por três fases, todas elas políticas mas bem distintas. Elas foram assim designadas por ARANTES (1992) e RABÊLO (1997): a fase humorística (1952-1955), com o nome **Binômio - Sombra e Água Fresca (um órgão quase independente)**; a fase panfletária (1955-1959), quando passou a ser chamado de **Binômio - O Jornal da Semana, a maior tiragem da imprensa mineira**; e a fase de pregação ideológica (1960-1964), quando manteve o nome da fase anterior - **Binômio - O Jornal da Semana** - porém, sem o slogan. Entre a fase humorística e a panfletária houve um pequeno período de transição, durante o qual o jornal se chamou **Binômio - Crítica e Humorismo**. E antes de seu

fechamento compulsório, esse semanário pretendia se tornar uma publicação nacional. Como parte desse projeto houve uma mudança no logotipo em 18/11/1963, mas até a última edição daquele ano, o jornal manteve a denominação de **O Jornal da Semana**, acrescida de “**o primeiro grande magazine brasileiro**”.

No capítulo 3, Resultados e Discussão, as três fases desse semanário e seu período de transição serão descritos em blocos separados, encabeçados cada um por seus respectivos nomes, para garantir maior clareza e compreensão.

1.2. O problema de pesquisa e sua importância

Considerando a trajetória do **Binômio** foi realizado um estudo que parte de dois focos fundamentais de análise. O primeiro deles procurou examinar essa trajetória como sendo uma manifestação de “paradigmas cristalizados em nossa formação social”, englobados pelo paradigma do herói (DA MATTA, 1990). E em função das diferentes linguagens adotadas por esse órgão, o segundo foco consistiu na interpretação das características e funções do que se denominou como sendo o humor binomiano comparado-o com a cultura do cômico popular da Idade Média e do Renascimento, assim como analisada por BAKHTIN (1987) e das representações sociais presentes no eixo seriedade/riso, expressas pelo jornal.

Portanto, foi realizada uma leitura da trajetória do **Binômio**, através de uma abordagem que permitiu perceber esse jornal como um ator participante de um drama que o ultrapassa e engloba, sendo ele mesmo a expressão e a manifestação de representações sociais (no sentido durkheimiano do termo), encarnando e expressando paradoxos de nossa cultura que foram decodificados.

O processo de construção deste tema tem uma longa história, enredada por relações e vínculos de ordem pessoal, afetiva e de parentesco, que remontam à infância da pesquisadora. Essas relações e vínculos antecedem e ultrapassam a relevância científica do tema escolhido, mas lhe oferecem fundamento,

orientação metodológica, consistência e sentido. Como nos diz Roberto DA MATTA (1978, 1990):

“uma etnografia sempre assume uma posição de estranhamento diante de seu objeto. (...) O etnógrafo não inventa a realidade, (...) mas deve existir enquanto seu tradutor (...), situar-se como aquele que permite a transformação do exótico em familiar ou do familiar em distante”.

Dos vínculos familiares com Euro Luiz Arantes, seu fundador, nasceu a ligação da pesquisadora com o jornal. Uma ligação de ordem pessoal, que foi se transformando na necessidade de conhecer melhor o **Binômio** e, mais recentemente, de se colocar no lugar do estranhamento, transformando o “familiar em distante”. Neste esforço, que nada mais é que a própria construção antropológica do objeto de estudo, buscou-se olhar esse jornal como um ator (TURNER, 1974), capaz de revelar significados da cultura de uma geração e de um período da história brasileira de extrema importância para todos nós.

A investigação centrou-se, principalmente, em sua fase humorística, privilegiando a questão do humor ou o lugar que o humor ocupou na trajetória do **Binômio**. Há, no entanto, pelo menos dois motivos que colocaram a necessidade de se focar, também, as demais fases do jornal, sem se prender apenas a um de seus períodos. Como já foi mencionado, mesmo depois de encerrado o período humorístico, foi mantido até quase o seu final (1964) algum espaço para o cômico, principalmente em colunas como “Place Pigalle”, “Aparte das Galerias” e “O Golpe (contra o estado... de coisas) pelo General da Banda”. Além disto, **Binômio** foi tratado como uma personagem – o herói – tendo sido analisado, inclusive, algumas das diferentes características por ele adotadas ao longo de sua trajetória, assim como sua relação com aspectos de nossa cultura considerados estruturais por DA MATTA (1990).

É possível afirmar que um jornal, além de ser um órgão de comunicação (e por isto mesmo), pode ser visto como um “ator social”, a um só tempo produto, reproduzidor e tradutor de uma estrutura social que lhe dá sentido e de onde são geradas suas possibilidades e limitações.

Através de uma interpretação de sua trajetória, origem e destino, de seu estilo, do que definiu e delimitou sua existência, tentou-se ler e decodificar nos

elementos básicos de sua “biografia” e de sua linguagem, alguns aspectos estruturais da cultura dos anos 50 e início dos anos 60, em Belo Horizonte, e desta forma comprovar sua historicidade, ou melhor, como se deram os vínculos entre esta obra e seu próprio tempo.

No que se refere à trajetória desse órgão, ela se apresentou marcada desde o início pelo paradigma do herói, como se o jornal encarnasse, em cada uma de suas fases, algumas vertentes principais de “paradigmas cristalizados em nossa formação social”, que recobrem espaços sociais complexos, classificados como próprios, principalmente, do malandro, do renunciador (DA MATTA, 1990) e do bandido social (HOBBSAWN, 1975). Portanto, pretendeu-se identificar, na trajetória do jornal, através da análise de sua linguagem, estilo, opções ideológicas e posturas adotadas, as características fundamentais do malandro (no período humorístico, (1952-1955), do bandido social (na fase panfletária, 1956-1959) e do renunciador (na de pregação ideológica, 1960-1964). É importante dizer que se trata aqui de heróis de rituais de inversão da ordem social e que no caso do Brasil, são anti-heróis que não apresentam a solenidade do herói clássico, não são olímpicos, nem tampouco recorrem à retórica elevada. Principalmente em relação ao malandro, por exemplo, seu discurso é carnavalizado, ou seja, transforma tudo o que é solene em jocoso, o que torna a inversão e a ironia num dos tropos clássicos desta dissertação.

Visto por esta ótica, **Binômio**, assim como as paradas, procissões e carnavais analisados por Roberto Da Matta, se integrava num complexo de ritos ou dramas sociais e seu sistema de personagens, ambos dinâmicos, que simultaneamente correspondem a um sistema de papéis sociais por ele desempenhados. Buscar compreender os dramas com suas personagens que marcaram a existência do jornal significou compreender, também, as formas através das quais nós nos definimos, nos anos 50 e início dos anos 60, enquanto sociedade, povo e nação, bem como verificar a atualidade para a nossa sociedade, dessas representações e da própria estrutura social que lhes deu sentido.

Um jornal representa a si mesmo como quem informa “de fora” os acontecimentos do cotidiano e costuma ser visto socialmente da mesma forma.

Ao mesmo tempo, sua própria trajetória, linguagem, estilo, opção ideológica, se constituem em elementos preñhes de significado, à espera de serem decifrados e explicitados, através de uma abordagem que possibilite revelar camadas de sentido do real pouco ou nada usuais ou óbvias.

No caso específico do objeto de estudo da pesquisa, tudo nesse jornal sugeriu uma abordagem dessa natureza: um jornal que se definiu como sendo “sério” e o fez através de uma linguagem humorística; um jornal que, apesar disto, poucos anos depois de seu surgimento, optou por uma linguagem “sensacionalista”, utilizando a palavra como uma arma, tornando-se, como dizia AULICUS (1992), pateticamente sério em suas denúncias; e que nos seus últimos anos aderiu à ideologia política de certos grupos que estiveram no poder no início dos anos 60, fazendo eco aos clamores por reformas de base, em apoio ao capital nacional e promovendo eleições de políticos. Tudo isto se encontra expresso, basicamente, através da mesma linguagem da fase panfletária (1956-1959), que antecedeu esse período final de pregação ideológica (1960-1964), porém com modificações crescentes, principalmente na forma, adotando um formato cada vez mais semelhante ao da grande imprensa.

Portanto, eleger o eixo paradigmático seriedade/riso como um dos focos principais de análise tornou-se uma imposição do próprio objeto de estudo. Segundo Luís Baêta Neves,

[é tarefa] “da anti-ideologia da seriedade (...) definir um conceito de cômico como uma totalidade. [Ou seja,] tratar a comicidade como forma específica de conhecimento do social (...); como forma renegada e estigmatizada de leitura crítica da opressão (...); como conceito que negue a antinomia rir/pensar (...); [e que] englobe a comicidade no repertório dos temas possíveis de serem estudados cientificamente” (NEVES, 1979).

Assim sendo, ao se estudar, do ponto de vista sociológico, a linguagem humorística de **Binômio**, escolhendo como um dos focos fundamentais da análise as representações sociais (DURKHEIM, 1968) presentes no eixo seriedade/riso, buscou-se decodificar, ao nível da estrutura social, os significados que orientam relações paradoxais entre o sério e o cômico, manifestadas, por exemplo, na dicotomia verdadeiro/falso, respectivamente atribuídas a cada um destes pólos. E pôde-se perceber, também, que esta relação entre o eixo seriedade/riso, antes

manifestada nesse semanário como uma unidade, se tornou paradoxal quando **Binômio** deixou de ser um jornal de humor.

A importância deste estudo se encontra, por um lado, nos valores intrínsecos do próprio objeto de estudo, ou seja, no próprio significado do **Binômio** enquanto jornal e, por outro lado, na relevância dos eixos temáticos escolhidos para a análise.

Em relação ao primeiro aspecto, é necessário considerar que **Binômio** nasceu e se encontrava inserido em um período da história de Minas e do Brasil, no qual ocorreram mudanças significativas em praticamente todos os setores da vida nacional. Segundo alguns estudiosos da imprensa brasileira, **Binômio** deve ser considerado como um de seus marcos inovadores. Ele é apontado, por exemplo, como sendo o precursor d'**O Pasquim**, que surgiu em 1969 (WERNECK, 1992). Para CARRATO (1996), “**Binômio** soube perceber as nuances que se processavam naqueles tempos de enfrentamento e inconformismo”. Além disto, na publicação intitulada **Gramática da inovação: a linguagem jornalística em Binômio** (COURA et al., 1993), constatou-se que o jornal, além de utilizar uma linguagem jornalística ousada para o seu tempo, inovou, também, na técnica, com uma

“diagramação leve, dinâmica, moderna, o uso da cor e as fotos bem abertas, manchetes de impacto reforçando o conteúdo do texto e provocando maior efeito no leitor”.

É preciso considerar, também, que **Binômio** foi, provavelmente, o único jornal em Minas que, durante aquele período, contou aquela história discordando e se contrapondo às versões oficiais relatadas pela grande imprensa, chegando a tiragens de 54 mil exemplares. Pode-se, dizer, então, que esse jornal construiu uma órbita própria e transitava dentro de uma temporalidade maior, respirando junto com sua época e, simultaneamente, dentro de seu próprio tempo singular, contrastando com ela, o que o torna importante fonte de pesquisa não só para a área da Comunicação, mas, também, para a História e Ciências Sociais.

Em relação aos eixos temáticos escolhidos para a análise, como já foi dito, a trajetória do jornal foi abordada em duas dimensões interligadas:

procurou-se estudá-lo como manifestação de “paradigmas cristalizados em nossa formação social”; e interpretar as linguagens utilizadas pelo jornal através das representações sociais encontradas no eixo seriedade/riso.

O estudo destas dimensões e suas interligações permitiu compreender **Binômio** como um ator capaz de traduzir em si mesmo dimensões importantes da totalidade de sua época. Mais que isto, através deste estudo pretendeu-se trazer alguma contribuição para uma sociologia da comicidade, no sentido atribuído a este termo por BAKHTIN (1987), ou seja, perceber a comicidade como uma forma específica de conhecimento do social, assim como contribuir para uma melhor compreensão de aspectos da realidade mineira, sobretudo dos anos 50.

Assim sendo, pode-se dizer que **Binômio** se constitui em um luminar do nosso passado. Decodificar seus aspectos significativos foi bem mais do que simplesmente relatar impasses, conflitos, erros e acertos. Como um evento do passado, o que **Binômio** continua a oferecer de fascinante e de fundamental é resgatar nesse acontecimento sua dimensão totalizante e totalizadora e, portanto, sua atualidade. Em outras palavras, ao se decodificar a sua trajetória e sua linguagem, procurou-se verificar onde elas são símbolo, índice ou expressão de uma realidade maior e mais abrangente, trazendo consigo ‘sinais’ que evocam a cultura na qual se encontravam submersas: a forma como **Binômio** “agiu”, “pensou” e disse o que só poderia ter sido feito daquela maneira naquele tempo e lugar, traduzindo, assim, em si mesmo a sua própria época. Tentou-se esclarecer, também, em que sentido tudo isto ainda conta para nós.

1.2.1. Objetivos do estudo

1.2.1.1. Objetivo geral

Este estudo teve como objetivo geral identificar e analisar as relações existentes entre o jornal **Binômio** percebido como criação histórico-cultural e a sociedade de seu tempo. Para poder determinar e demonstrar que ligações são essas e como aconteceram, optou-se por dois focos centrais de análise, distintos

mas interligados entre si. Por um lado procurou-se tratar o jornal como uma personagem e analisar sua história como a trajetória de um herói de rituais de inversão da ordem social brasileira.

Por outro lado, decodificou-se as linguagens dessa personagem, dando especial ênfase ao humor binomiano, buscando definir as características fundamentais desse humor, assim como sua função no todo do jornal e, desse, no conjunto de sua época.

Ao fazer esta análise pretendeu-se a reconstituição e a compreensão das razões sociais de alguns paradoxos, contradições e dicotomias que, pelo que tudo indica, fazem parte da estrutura de nossa sociedade, como por exemplo, aqueles que se encontram presentes nas representações sociais do eixo seriedade/riso.

Objetivou-se, também, demonstrar as formas específicas com que se revestiram esses paradoxos nos anos de existência desse jornal, percebendo-os como expressões de paradigmas do herói.

1.2.1.2. Objetivos específicos

- Comparar a forma como o jornal personalizou suas lutas e os papéis sociais por ele desempenhados, com seus correspondentes sistemas de rituais ou de dramas sociais e seu sistema de personagens, manifestados ou encarnados nas posturas adotadas pelo **Binômio**;
- Analisar a comicidade como forma particular de conhecimento do real;
- Analisar as representações sociais presentes na dicotomia seriedade/riso;
- Decodificar os significados ideológicos que orientam as relações paradoxais entre o sério e o cômico.

2. METODOLOGIA

Para dar conta dos objetivos propostos, recorreu-se a métodos e técnicas qualitativas de investigação. Entre eles, deu-se destaque ao levantamento bibliográfico, à pesquisa documental e à entrevista não-diretiva.

Por método qualitativo está se entendendo, entre outras coisas, o não emprego de instrumental estatístico como base do processo de coleta de dados e de análise do problema tratado. Há autores que não fazem distinção clara entre métodos quantitativos e qualitativos, por entenderem que a pesquisa quantitativa é, também, de certo modo, qualitativa. Segundo GOODE e HATT (1977),

“a pesquisa moderna deve rejeitar como uma falsa dicotomia a separação entre estudos ‘qualitativos’ e ‘quantitativos’, ou entre o ponto de vista ‘estatístico’ e o ‘não estatístico’. Além disto, não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua a ser a qualidade.”

Há que se considerar, também, que a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de determinados fenômenos históricos, sociais e culturais. No presente caso, pretendeu-se utilizar as observações qualitativas como indicadores para a compreensão de aspectos sócio-culturais de Minas Gerais dos anos 50 e início dos anos 60, buscando compreendê-los, não isoladamente, mas, sim, segundo uma relação complexa com o sistema social global.

Ao argumentar a respeito da necessidade de uma abordagem qualitativa para a semiótica, argumentação esta que pode ser estendida a certos tipos de pesquisa das ciências sociais, entre elas a que foi realizada, PROPP (1975) afirmou que

“não é o fato de um elemento se encontrar manifestado em grande número que lhe confere qualquer privilégio em termos semióticos. Um elemento único, estatisticamente desprezível, um *happax*, pode até oferecer um interesse semiótico indiscutível. Quantas vezes até, apesar de não manifestado, um determinado elemento deverá ser postulado para a decifragem de uma estrutura significativa. É o caso do não-dito e do interdito que assumem uma importância crucial, apesar de não se encontrarem manifestados explicitamente. Estão nestes casos os conteúdos recalcados, os *tabus*, que escapam por definição à toda e qualquer modalidade de amostragem”.

Portanto, considerando a natureza do problema analisado, bem como os objetivos da pesquisa, optou-se por não delimitar uma amostragem para cada uma das fases do jornal, pois o que se buscou não se encontrava numa parte ou noutra, mas na estrutura mesma da obra.

Em relação às técnicas de coleta de dados mencionadas acima utilizadas durante as investigações, a pesquisa bibliográfica e documental e entrevistas não-diretivas, se basearam no seguinte:

Pesquisa bibliográfica, que juntamente com a documental fazem parte das técnicas próprias do método histórico. Considera-se de fundamental importância o levantamento, estudo e análise crítica da bibliografia existente a respeito do objeto de estudo, tanto para evitar repetições e sobreposições de abordagens e problemáticas já realizadas, como também, para ser consultada como fonte secundária a ser comparada com as fontes primárias pesquisadas.

Além disto, a pesquisa bibliográfica deve abranger o problema de pesquisa, fornecendo-lhe a abordagem, a fundamentação e o recorte teórico para sua construção. No presente caso, a pesquisa bibliográfica centrou-se principalmente no estudo sociológico do humor e do cômico, de aspectos estruturais da cultura brasileira, e da história do jornalismo no Brasil durante a década de cinquenta e início dos anos 60.

Pesquisa documental, que costuma se constituir no próprio fundamento da pesquisa, principalmente quando os documentos a serem analisados são fontes

primárias, conforme é o caso da presente pesquisa, de cuja análise provém parte significativa dos dados e informações essenciais à solução da problemática em estudo. Os dados e informações obtidos através da pesquisa documental são fundamentais, também, na verificação e comprovação das hipóteses formuladas e das informações fornecidas por outras fontes, tais como, entrevistas e pesquisa bibliográfica.

Entrevistas não diretivas, como o próprio nome sugere, é um tipo de técnica em que o entrevistador apenas indica ao entrevistado a natureza geral do problema de pesquisa que será tratado no processo da entrevista, procurando levá-lo a um processo de reflexão a respeito do tema.

É importante que o entrevistado tenha liberdade de falar, podendo abordar o problema da forma que lhe parecer a melhor, podendo fazer, inclusive, análises detalhadas. A própria forma como aborda o tema sugerido deve ser considerada, também, como informação a ser analisada. Ao entrevistador cabe levar o entrevistado a desenvolver e aprofundar os pontos que coloca espontaneamente, a medida em que eles se revelam importantes para a pesquisa em questão.

Optou-se pela entrevista não diretiva por entender que esta é uma técnica particularmente adequada para detectar atitudes, motivações e opiniões de um pequeno número de entrevistados, para registrar sua memória pessoal e suas reflexões, levando-os a “recordar e burilar o espírito (...), a situar-se na fronteira onde cruzam os modos de ser do indivíduo e os da sua cultura” (BOSI, 1979), constituindo-se, no caso da presente pesquisa, numa fonte primária.

No item Coleta de dados foram fornecidas as demais informações referentes ao emprego das técnicas descritas acima, assim como foram utilizadas na presente pesquisa.

Finalmente, para a realização da análise do texto, a leitura pretendida se orientou segundo alguns procedimentos básicos, tais como:

1. Evitou-se que o texto servisse como pretexto para ilustrar metodologias ou discursar sobre idéias e teorias sociológicas estranhas a sua estrutura. Entre outras coisas, a observação deste princípio pretendeu, por exemplo, evitar

classificações ou identificações reducionistas das linhas ideológicas ou das posturas políticas estruturalmente contidas no **Binômio**.

2. Buscou-se um diálogo com o texto, onde, preservados suas imagens, seu pathos e suas conexões, procurou-se fazer com que uma época e uma subjetividade pudessem emergir como experiência, consciência e práxis;
3. Obrigou-se a uma constante auto-indagação sobre a fidelidade das interpretações construídas, confrontando-as com as estruturas dos materiais analisados. No caso da presente análise, a fonte fundamental para se chegar a esta fidelidade foi sempre o próprio texto, a obra em si mesma. Diante de qualquer interpretação ou novo sentido surgidos durante o estudo, buscou-se não ultrapassar o que está contido em sua estrutura, não distorcer o que foi narrado, não forçar significados estranhos a ela ou entrar em contradição com seus enunciados.
4. Procurou-se verificar se as hipóteses de leitura se mostravam compatíveis com a obra. Por exemplo, partiu-se da hipótese de que **Binômio** adotou certas posturas em cada uma de suas três fases, que se pressupôs apresentarem características fundamentais de nossa cultura popular, simbolizadas por “anti-heróis” tais como a figura do malandro, do bandido social e do renunciador. Uma vez que durante a investigação da obra foi possível verificar tal hipótese, ela foi mantida.
5. Buscou-se descobrir novas camadas de sentido até então ignoradas, não reveladas através das temáticas e eixos centrais escolhidos, procurando desvendar possíveis ligações existentes entre este produto histórico, **Binômio**, e aspectos culturais de seu próprio tempo.

Finalmente, torna-se importante esclarecer que, apesar deste estudo ter pretendido ser interdisciplinar no que se refere aos métodos de investigação, a abordagem escolhida se manteve no âmbito da pesquisa sociológica, uma vez que o recorte básico de seu objeto de estudo se deu em função de sua dimensão de fato social: tentou-se compreender linguagem e jornalismo como produtos culturais de determinada época e, desta forma, reconhecer neles, aspectos

estruturais da sociedade que os engloba e de onde se constituíram os seus sentidos.

2.1. A natureza da pesquisa

Esta pesquisa tem uma dupla natureza: exploratória e interpretativa. Em sua dimensão exploratória buscou-se estabelecer relações entre o fenômeno jornal **Binômio** e as dimensões estruturais de sua época, bem como sua atualidade. Além disto, partiu-se de teorias formuladas principalmente por BAKHTIN (1987) e DA MATTA (1990). Algumas dessas teorias, que já foram empregadas para o estudo de outras manifestações da cultura brasileira, foram testadas em relação ao problema pesquisado.

No que se refere à sua natureza interpretativa, tentou-se trabalhar não só a obra e seu contexto, mas, sobretudo, seus aspectos formais, ou seja, a obra e sua trajetória como texto, buscando revelar, assim, alguns de seus possíveis significados.

2.2. A coleta de dados

Em fevereiro de 1992, como ainda não existia um estudo sistemático do jornal **Binômio**, foi elaborado um projeto de pesquisa com o objetivo memorialista de contar a história dos 12 anos de existência desse semanário, do ponto de vista de seu criador e principais participantes, procurando resgatar sua importante contribuição a nossa história, cultura e imprensa. Como resultado final, planejava-se produzir duas obras: uma coletânea de seus melhores momentos, com o título **As mais mais do Binômio**, alusivo às listas com nomes semelhantes que costumavam ser fruto de concursos criativos e bem-humorados realizados pelo jornal, além de uma publicação que contasse sua história, demonstrando e analisando seu significado e importância.

Esse projeto foi aprovado pela Universidade do Estado de Minas Gerais e encaminhado por essa instituição à CEMIG, que naquela época tinha um

convênio que destinava verbas para viabilizar a implantação daquela universidade, incluindo recursos destinados a financiar várias de suas pesquisas. Alegando não ter dinheiro, a CEMIG não financiou a realização da pesquisa.

Com recursos próprios, a pesquisadora fez uma parte significativa da pesquisa de campo, que incluiu algumas entrevistas e uma parte significativa da pesquisa documental, com a leitura sistemática dos exemplares do **Binômio**, existentes na Hemeroteca do Arquivo Público de Belo Horizonte. Dessa investigação inicial que abarcou o período compreendido entre 1952-1957, foram anotadas, entre outras coisas, a estrutura editorial básica do jornal e suas transformações, os fatos relativos a sua história, uma relação das pessoas noticiadas com mais frequência, assim como eventos e acontecimentos mais significativos da época, as reportagens, colunas, matérias, charges e piadas que melhor expressavam os estilos do jornal.

Entre os critérios básicos que nortearam a seleção do material levantado nas edições para compor a coletânea, deu-se destaque, principalmente, às matérias que tratassem de fatos significativos relacionados à história do **Binômio**; de temas e fatos de importância local, regional e nacional, que caracterizassem os estilos jornalísticos adotados, as linhas político-ideológicas e os enfoques e abordagens que retratassem inovações nas concepções e técnicas da comunicação.

Pretendia-se que a conclusão dessa etapa resultasse tanto na produção e edição da coletânea descrita acima, como possibilitasse, também, a fundamentação teórica e empírica necessária para dar início à redação de um livro de cunho memorialista, narrando a história desse semanário.

Durante aquele período, foram realizadas algumas entrevistas não diretivas, tendo sido coletados os depoimentos de Euro Luiz Arantes, José Maria Rabêlo e Celius Aulicus Jardim.

Por falta de recursos, a pesquisa foi interrompida no final do segundo semestre de 1993.

No início de 1998, novo projeto foi realizado, desta vez, procurando atender às exigências acadêmicas para a elaboração de uma dissertação de tese.

Baseando-se no que se pôde problematizar e constatar na investigação realizada anteriormente, um novo recorte foi traçado e uma nova problemática construída: o humor binomiano tornou-se o centro das questões a serem pesquisadas e a própria reconstituição de sua história passou a ser pensada e foi realizada em função desse núcleo básico.

Fundamentando-se nesse novo recorte, as investigações foram retomadas, completando-se a pesquisa documental realizada até 1957 em praticamente todos os exemplares do jornal, estendendo essa pesquisa para os que foram editados entre 1958 a março de 1964. Como RABÊLO (1997) havia lançado um livro sobre a história do **Binômio** e tendo em vista os novos objetivos propostos, tornou-se necessário, também, refazer em parte o levantamento compreendido entre 1952-1957. Essa fase foi bem trabalhosa, uma vez que a hemeroteca se encontra atualmente separada do prédio do Arquivo Público Mineiro e ainda não tem um serviço de cópias xerográficas, o que obrigou à pesquisadora a copiar as matérias e notícias que poderiam ser necessárias para a análise e para o relatório da pesquisa. Isto sem contar as inúmeras idas a Belo Horizonte, em função de alguma citação ou confirmação de algum dado que passava a ser necessário anotar em função do andamento dos trabalhos.

Avaliou-se que as entrevistas que foram realizadas no período anterior (1992-93) eram suficientes para dar conta dos novos objetivos propostos e da nova problemática construída, uma vez que os demais participantes do jornal trabalharam lá por curtos períodos de tempo, entre seis meses a três anos no máximo, durante períodos diferentes do jornal. Somente Euro Luiz Arantes e José Maria Rabêlo estiveram a maior parte do tempo no **Binômio** e Celius Aulicus Jardim, que lá esteve de 1955 a 1962, foi o seu humorista “oficial”. Além disto, como o foco central da pesquisa se voltou para o humor binomiano, foi a pesquisa documental, com a análise dos próprios exemplares do jornal que passou a ter maior importância para o presente estudo.

2.3. Unidade de análise

Com este recorte – o humor – predeterminando o objeto de estudo, as unidades de análise foram sendo escolhidas a partir do referencial teórico construído ao longo da pesquisa, bem como da própria leitura das matérias humorísticas nos próprios exemplares do jornal. As colunas de humor que foram definidas como sendo unidades de análise, são aquelas que melhor caracterizam o estilo irreverente e debochado do **Binômio**. Entre elas, destacam-se as “Entrevistas”, “Place Pigalle” e “O Golpe (contra o estado... de coisas)”, que se encontram descritas e analisadas no capítulo Resultados e Discussões.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Assim como todos os produtos culturais, **Binômio** traduz e traz inscrito em si, de várias formas e em muitos níveis, o seu próprio tempo. Foi na tentativa de perceber, na tessitura mesma do jornal, como foi que isto se deu, que se procurou seguir vestígios, indícios e sinais de sua historicidade, naquilo que um jornal apresenta de mais orgânico e estrutural: sua linguagem. Seguindo este veio, foi possível descobrir uma identidade existente entre o estilo, as formas de expressão e as posturas do **Binômio** ao longo de sua trajetória e as características de três das personagens consideradas paradigmáticas por DA MATTA (1990). Ou seja, foram descobertas semelhanças essenciais, marcantes e significativas entre cada uma das três fases do jornal e três atores típicos de rituais coletivos de inversão da ordem social brasileira: o malandro, o justiceiro e o renunciador.

Dando continuidade à análise da linguagem adotada pelo **Binômio**, principalmente em seus três primeiros anos, foram encontradas, também, algumas correspondências significativas entre características e funções do cômico popular da Idade Média e do Renascimento, em seus aspectos mais fundamentais de carnavalização da realidade (BAKHTIN, 1987) e o humor binomiano.

Assim sendo, conforme já foi dito, a análise foi conduzida através de dois eixos centrais que permitiram uma compreensão do todo do jornal e a

reconstituição de algumas de suas possíveis articulações com sua época. **Binômio** noticiou seu próprio tempo, tanto através das informações que veiculava, como das formas como se expressava. As formas como se expressou, por sua vez, teceram, também, a construção de si mesmo, de sua trajetória e de sua história. Seguindo este veio de leitura, assim como quem faz uma prospecção “arqueológica”, procurou-se chegar em camadas mais interiores, que possibilitassem uma melhor compreensão de aspectos culturais da sociedade mineira dos anos 50 e início dos anos 60, por meio da análise do que foi esse jornal.

O primeiro eixo de análise pretendeu revelar, através de uma interpretação metafórica da própria história do jornal e, portanto, de sua “biografia”, as três faces desse herói e a relação entre cada uma delas com “os paradigmas cristalizados de nossa formação social” (DA MATTA, 1990), que foram citados acima.

Encontrou-se, no segundo eixo, a existência de relações entre essas três faces desse herói e as linguagens que adotou ao longo de sua trajetória, bem como as formas como tratou a dicotomia sério/cômico (BAKHTIN, 1987). Deu-se uma ênfase especial ao humor binomiano, por ser esta a linguagem que consagrou **Binômio**, que contém as características fundamentais de suas origens e que representou, como procurar-se-á demonstrar mais à frente, uma ruptura com a ideologia dominante e sua compreensão do sério e do cômico, assim como das formas como costumam ser expressas.

Serão apresentados, a seguir, os referenciais teóricos que fundamentaram estes dois eixos centrais de análise: **Binômio** lido como uma personagem paradigmática e as linguagens utilizadas por esse jornal.

3.1. Personagens paradigmáticas em Roberto Da Matta e Binômio

De acordo com DA MATTA (1990), o que diferencia as sociedades é a ocorrência regular de um certo número de dramas levados a efeito e que são específicos de cada formação social. Assim como existem dramatizações que são

regulares, há, também, personagens recorrentes, que são coerentes com nossas formas cerimoniais mais básicas. Existem, portanto, determinados padrões e certas características que podem ser identificados em nossas personagens paradigmáticas ou heróis. A fim de tornar mais clara a comparação que será feita entre alguns de nossos heróis e a trajetória do **Binômio**, serão descritos, de acordo com DA MATTA (1990), os principais padrões e características do malandro, do justiceiro e do renunciador.

Diferente dos Estados Unidos, no Brasil não é o homem comum – *regular guy* – que se transforma em personagem paradigmática. Para ser interessante, o herói brasileiro precisa sempre ter algo de trágico, uma trajetória cheia de peripécias, ser marcado desde o início por algum sinal particular, um caráter especial, alguma coisa que lhe seja intrínseca.

De acordo com o padrão brasileiro, verifica-se nestes heróis a existência de uma vocação para o desmascaramento e a vingança, o que certamente contribui para lhes conceder popularidade e legitimação, tornando atraentes os Malasartes, Matragas, Lampiões e Conselheiros. À medida que cumprem seu destino, nossos heróis realizam as promessas de enriquecimento e de ascensão social presentes em nossos dramas e se transformam em personagens/super pessoas:

“(…) A trajetória do herói segue a mesma curvatura da sociedade que engendra a dramatização, já que, em ambos os casos, deve-se ser o que ainda não se é, o aceno do futuro aberto, rico e grandioso se constituindo no ponto crucial de todas as reviravoltas e tragédias que reproduzimos em nossas narrativas” (DA MATTA, 1990).

Ao enfrentar as maiores provas, o herói atesta suas qualidades excepcionais. São os obstáculos e sua superação que tornam claro que ele é de alguma forma predestinado e escolhido.

As personagens paradigmáticas brasileiras ou heróis que foram identificados com **Binômio** são compreendidas como sendo “atores típicos de rituais coletivos de inversão da ordem social brasileira” e, portanto, não se enquadram nas regras formais, se encontram fora do mercado de trabalho e, no caso do malandro, apresenta uma forma bem personalizada no modo de andar,

falar e vestir-se, se encontrando num universo marcado pela criatividade, pela liberdade e pela improvisação. Suas normas são inventadas pelo seu coração, o que mostra a importância dos sentimentos, do que vem do interior. A malandragem traz em si a promessa de uma vida de sombra e água fresca e, sendo o malandro uma personagem intersticial, não deseja modificar o mundo, mas ora manter, ora burlar as regras. Identificando esta personagem paradigmática no plano ficcional com Pedro Malasartes, DA MATTA (1990) disse:

“(...) a figura de Pedro Malasartes é construída pelo povo em sua originalidade e generalidade, em sua previsão e anonimato, em sua ânsia de justiça e inconseqüência galhofeira, em sua esperança de um mundo diferente e em conformidade com as leis e a ordem”.

Portanto, assim como a sociedade brasileira, o mito de Malasartes é constituído por alguns paradoxos, sendo considerado parte das narrativas e dos fatos sociais básicos através dos quais nós nos definimos enquanto sociedade, povo e nação. Semelhante à Macunaíma, Malasartes se apresenta como “um herói sem nenhum caráter”, aquele que sabe reverter a seu favor as situações desvantajosas, e com seu espírito irreverente, galhofeiro, astuto e subversivo, persegue os poderosos, trazendo-lhes vingança e destruição.

Embora até determinado grau a malandragem seja aceita socialmente, o malandro é um *outsider* (BECKER, 1966), assim como o justiceiro e o renunciador, estigmatizados por sua trajetória meio suspeita e solitária. Os símbolos de poder e as hierarquias de nossa sociedade são ridicularizados e abandonados por eles, que exercem sua vingança – e no caso do renunciador, sua renúncia – na esperança de corrigir o mundo através da compensação das diferenças sociais.

De modo geral, o malandro nasce pobre e realiza uma trajetória marcada pela busca permanente de recursos de sobrevivência. No entanto, apesar de sua pobreza, Pedro Malasartes recusa as posições de prestígio e de poder. Mesmo apresentando um modelo de sobrevivência e sucesso, ele não conclui sua trajetória se integrando na ordem social:

“(...) fica nos interstícios, recusando os pontos focais da sociedade. (...) Modelo prototípico do malandro e do herói das zonas ambíguas da ordem social, onde é difícil dizer o que é certo e errado, o justo e o injusto (...). Como Macunaíma, é um relativizador das leis, regulamentos e moralidades” (DA MATTA, 1990).

Malasartes estabelece relações paradoxais com o trabalho e com o que o trabalho pode trazer. Este paradoxo se define por condições da própria natureza de Malasartes: ser vadio, astuto e errante. A vadiagem lhe permite flutuar na estrutura social, entrar ou sair ou mesmo transcender esta estrutura. E a astúcia, que é o célebre jeitinho brasileiro, fornece a possibilidade de fazer uso das regras vigentes em proveito próprio, sem, contudo, destruí-las ou questioná-las. O jeitinho, tanto quanto a zombaria, são considerados a arma dos fracos e o poder dos fracos (LEWIS, 1963; TURNER, 1974). Por meio deles, Pedro realiza sua vingança. Assim sendo, o compromisso com o sistema é mantido através de uma relação jocosa e uma dose saudável de cinismo, aceitando-se, juntamente com a vingança, as próprias hierarquias do sistema social:

“Pedro exerce seu direito de vingança, mas não fica preso, como o Conde de Monte Cristo e os bandidos sociais brasileiros, a sua própria vingança. (...) Pedro não renuncia completamente à ordem, mas, também, não fica na plena marginalidade. Sua escolha, sejamos claros, é da esfera intermediária, aquela zona das inconsistências onde - vale repetir - não ter caráter significa justamente o inverso: ser homem de caráter e nunca, jamais, pretender reformar o mundo apresentando-se como o grande exemplo. Este, creio, é o paradoxo final dos Malasartes e dos malandros” (DA MATTA, 1990).

O justiceiro apresenta semelhanças com o Conde de Monte Cristo. Ao se ver injustiçado por seus inimigos, entra na zona liminal, adquire poder, definindo sua atuação social pela crueldade e pela generosidade para com os pobres e oprimidos. Procura se vingar promovendo justiça pelas próprias mãos e com seus próprios recursos. Valendo-se da violência, rejeita parcialmente a ordem social, pois em sua vingança, que se dá pelas armas e pela destruição física e moral de seus inimigos, reproduz as regras da própria ordem social. Ele é o vingador generalizado ou categórico (HOBBS, 1975), que tem como objetivo principal destruir os inimigos para restabelecer a ordem social e resgatar sua honra e respeito.

Assim sendo, cada qual ao seu modo, tanto o justiceiro como o malandro interagem com o sistema social através da aceitação da vingança e das hierarquias, o que não acontece com o renunciador, que, como Antônio Conselheiro, por exemplo, rejeitou totalmente a ordem social, reinventando um novo mundo. Seu papel paradigmático é criar um novo tempo, implementar as regras que inventa e renunciar radicalmente ao mundo e a sua vida pessoal, para se entregar de forma total a sua causa:

“(…) vimos a peça pelo ângulo de um malandro, agora é o momento de revê-la pelo prisma do renunciador, vertente que capta, como já apontei, não só as águas turbulentas dos penitentes e rezadores, esses atores que estão voltados para ‘um outro mundo’, mas também aquelas correntes que chegam das represas formadas pelos bandidos e marginais em geral, esses seres que parecem oscilar e ziguezaguear entre a ordem e a desordem, fazendo um trajeto de liminaridades e ficando, para usar a expressão de G. Rosa, na ‘terceira margem do rio’: na linha dúbia que separa a sociedade e seus trajetos sérios e ‘corretos’ dos seus porões escuros, do futuro e, muito provavelmente, daquilo que chamamos de esperança” (DA MATTA, 1990:250).

O renunciador é considerado o verdadeiro revolucionário num universo social hierarquizante como o brasileiro (DA MATTA, 1990). Seu problema fundamental é realizar seus ideais de justiça e paz social, criando um mundo alternativo e novo, acenando com a promessa de sua renovação social. Diferente do malandro e do justiceiro, o renunciador não atua em função de manter ou burlar individualmente as regras, mas de criar novos espaços sociais, romper com o sistema de forma total, renunciando às glórias deste mundo.

Concebido como figura paradigmática, o renunciador é relacionado no plano concreto a Antônio Conselheiro e no plano ficcional a Augusto Matraga. Considerando a renúncia como sendo a forma essencial de rejeição à sociedade realizada por esta personagem, há uma dupla aproximação possível de ser feita: com os padres da Igreja Católica Romana e com a política.

“(…) no caso do Brasil, (…) muitos políticos procuraram, como foi o caso típico de Jânio Quadros, apresentar-se como renunciadores deste mundo, obtendo clamoroso sucesso. Tudo indica que há uma relação direta entre o messianismo (social ou político), a presença do passado e o horror à mudança, de modo que o único meio possível de romper com o passado e libertar o futuro é imaginar um movimento social de mudança radical, com o futuro transformado em millennium e o líder político em messias” (DA MATTA, 1990).

Pretende-se demonstrar, no capítulo seguinte, Resultados e discussões, as semelhanças significativas encontradas entre estas características destes heróis brasileiros e suas principais personagens recorrentes – o malandro, o justiceiro e o renunciador – que traduzem dramatizações regulares ou formas cerimoniais básicas de nossa formação social (DA MATTA, 1990) e os aspectos centrais da trajetória do **Binômio**. É importante ressaltar que embora haja uma identificação praticamente total entre as duas primeiras fases do jornal e o malandro e o justiceiro, o mesmo não se verificou entre sua terceira fase e o renunciador. Como procurar-se-á mostrar, **Binômio** viveu esse período de forma ambígua, com os interesses políticos e comerciais se sobrepondo, de um modo geral, aos ideais de uma nova ordem que tentava abraçar.

3.2. O cômico popular da Idade Média em Mikhail Bakhtin e o humor binomiano

“O homem é o único ser vivente que ri.” (Aristóteles)

Ao analisar o **Binômio**, principalmente o **Sombra e Água Fresca**, foram encontradas algumas semelhanças significativas entre aspectos apontados por BAKHTIN (1987) como sendo essenciais da cultura do cômico popular da Idade Média e do Renascimento e características do humor binomiano. A fim de tornar mais claro quais são estes elementos comuns, procurar-se-á sintetizá-los.

Para este autor, a originalidade e a vitalidade presentes na obra de François Rabelais se devem, sobretudo, ao fato de sua linguagem estar impregnada pela tradição da cultura cômica popular da Idade Média e do Renascimento. Mais do que Shakespeare ou Cervantes, Rabelais recusou as normas e regras da escrita literária de seu tempo, criando imagens que se distinguiam devido ao seu caráter não-oficial. Para decifrar estas imagens, BAKHTIN (1987) realizou uma pesquisa em profundidade a respeito de suas fontes populares, procurando discernir as dimensões e definir as características originais da cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento, considerando como objeto de estudo do ponto de vista cultural, histórico,

folclórico ou literário, o humor do povo na praça pública, cuja profunda originalidade não havia ainda sido revelada.

Para BAKHTIN (1987), a época de Rabelais, Cervantes e Shakespeare representa uma mudança capital na história do riso:

“Em nenhum outro aspecto, a não ser na atitude em relação ao riso, as fronteiras que separam o século XVII e seguintes da época do Renascimento são tão bem marcadas, tão categóricas e nítidas.”

É importante lembrar que o Renascimento se fundamentava em fontes da Antigüidade que justificavam o riso como forma universal de concepção do mundo, como em Hipócrates, que defendia sua importância para a cura; em Aristóteles, que tinha o riso como privilégio espiritual supremo do homem; e em Luciano que relacionava o riso com a liberdade do espírito e da palavra. Fundamentando-se principalmente nestas três fontes, a teoria do riso do Renascimento lhe atribuía uma significação positiva, regeneradora e criadora, tendo o cômico popular se tornado “a expressão da consciência nova, livre, crítica e histórica da época”.

De acordo com BAKHTIN (1987), a cultura popular do riso na Idade Média teve seu desenvolvimento fora dos meios oficiais da ideologia e da literatura considerada elevada. E foi por ocupar este espaço extra-oficial, que pôde alcançar um radicalismo e uma liberdade extraordinários, além de uma “implacável lucidez”, apresentando três traços mais marcantes que a distinguem de forma especial: o universalismo do riso, uma ligação indissolúvel e essencial com a liberdade e seu vínculo fundamental com a verdade popular não oficial. Estas três dimensões da cultura popular do riso identificadas por Bakhtin guardam semelhanças significativas com as fontes do riso da Antigüidade mencionadas acima.

Entre as formas medievais da cultura popular, a paródia, por exemplo, considerava o riso tão universal quanto a seriedade, englobando todo o universo, a história, a sociedade, a concepção do mundo, enfim, a vida em sua totalidade, fazendo o sério “tomar ares cômicos”, trazendo para o jogo cômico todos os

aspectos da doutrina e do culto oficiais e, “de maneira geral, todas as formas de comportamento sério em relação ao mundo”.

“O riso da Idade Média visa o mesmo objeto que a seriedade. (...) Ele não é dirigido contra um caso particular ou uma parte, mas contra o todo, o universal, o total. Constrói seu próprio mundo contra a Igreja oficial, seu Estado contra o Estado oficial. O riso celebra sua liturgia, confessa seu símbolo da fé, une laços do matrimônio, cumpre o ritual fúnebre, redige epitáfios, elege reis e bispos. É interessante observar que toda paródia, por menor que seja, é construída exatamente como se constituísse um fragmento de um universo cômico único que formasse um todo” (BAKHTIN, 1987).

Portanto, na paródia medieval, principalmente antes do século XII, a atenção não se volta para os aspectos negativos ou para esta ou aquela imperfeição dos cultos ou da organização da Igreja e do Estado. Tanto o riso como a seriedade são igualmente percebidos como universais, sendo tudo, sem exceção, considerado cômico.

Embora legalizado, o riso na Idade Média continha uma natureza extra-oficial que fundamentava sua ligação essencial e indissolúvel com a liberdade, seu segundo traço distintivo. Como toda liberdade, a liberdade do riso era também relativa, se tornando maior e mais ampla nos períodos de festa, quando se unia com a atmosfera de alegria e “com a autorização de comer carne e toucinho, de retomar a atividade sexual”. Alternando com as repressões, interdições e censuras, o Estado e a Igreja se viam obrigados a legalizar, até certo ponto, os rituais cômicos de festas ocorridas na praça pública, dentro de um calendário que previa rigorosamente suas datas ao longo do ano, quando o riso podia acontecer quase sem nenhum limite.

“A festa marcava de alguma forma uma interrupção provisória de todo o sistema oficial, com suas interdições e barreiras hierárquicas. Por um breve lapso de tempo, a vida saía de seus trilhos habituais, legalizados e consagrados, e penetrava no domínio da liberdade utópica. O caráter efêmero dessa liberdade apenas intensificava a sensação fantástica e o radicalismo utópico das imagens geradas nesse clima particular” (BAKHTIN, 1987).

No que diz respeito à terceira característica mais marcante do riso durante a Idade Média, sua relação essencial com a verdade popular não-oficial, é importante considerar a associação existente entre o oficial, o autoritário, as restrições, a violência e o sério. Como ressalta BAKHTIN (1987), “há sempre

nessa seriedade um elemento de medo e de intimidação”, que era a forma por excelência de controle social, predominante no período medieval. Ao contrário do sério, o riso não se impõe através do medo nem das interdições e da violência. Aliás, o riso não se impõe, o riso, por trazer a marca da espontaneidade, tem um efeito contagiante, contaminador.

“(…) Jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso. (...) O homem medieval sentia no riso, com uma acuidade particular, a vitória sobre o medo, não somente como uma vitória sobre o terror místico (‘terror divino’) e o medo que inspiravam as forças da natureza, mas antes de tudo como uma vitória sobre o medo moral que acorrentava, oprimia e obscurecia a consciência do homem, o medo de tudo o que era sagrado e interdito (‘tabú’ e ‘maná’), o medo do poder divino e humano, dos mandamentos e proibições autoritárias, da morte e dos castigos de além-túmulo, do inferno, de tudo que era mais temível que a terra. Ao derrotar esse medo, o riso esclarecia a consciência do homem, revelava-lhe um novo mundo” (BAKHTIN, 1987).

Embora Mikhail Bakhtin ressalte que esta vitória se dava apenas durante a breve duração da festa, pois uma vez concluída, todos retornavam ao seu cotidiano marcado pelo medo e pela opressão, chama atenção, também, para a importância do fato de que

“graças aos clarões que a consciência humana assim entrevia, ela podia formar para si uma verdade diferente, não oficial, sobre o mundo e o homem, que preparava a nova autoconsciência do Renascimento” (BAKHTIN, 1987).

Neste estudo, as múltiplas manifestações da cultura cômica popular que exprimiam as características sucintamente descritas acima, foram subdivididas em três grandes categorias: as formas dos ritos e espetáculos (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, e outros); obras cômicas verbais (inclusive as paródicas) de diversas naturezas: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar; diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro (“insultos, juramentos, blasões populares etc.”).

Apesar de sua heterogeneidade, estas categorias refletem, segundo BAKHTIN (1987), uma mesma dimensão cômica do mundo, se encontrando intimamente relacionadas, podendo se combinar de diversas maneiras. Tendo em vista os fins visados pelo presente estudo, serão descritas apenas as principais características dos festejos carnavalescos (e, naturalmente, do grotesco) e o

significado da praça pública na Idade Média, dada a sua maior aproximação com o humor binomiano.

Além disto, é necessário ressaltar que haviam diferenças importantes de princípio entre a primeira categoria, os ritos e espetáculos, e os cultos e as cerimônias oficiais da Igreja e do Estado feudais. Para Mikhail Bakhtin, as diferenças eram tamanhas, que parecia ter sido construído, “ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida”, que se baseavam numa dualidade na percepção do mundo e da vida humana, fundamentais para se compreender a época medieval.

Naquele período, esta dualidade se manifestava de forma semelhante ao que ocorria entre povos primitivos. Ou seja, paralelo aos cultos sérios eram realizados cultos cômicos, que transformavam as divindades em objetos de jacota e de blasfêmia: “paralelamente aos mitos sérios, mitos cômicos e injuriosos; paralelamente aos heróis, seus sócias paródicos”. Ao contrário das festas populares, a festa oficial consagrava a estabilidade e a imutabilidade das regras, dos valores e das hierarquias, baseados em verdades pretensamente eternas e imutáveis. Portanto, para BAKHTIN (1987) a festa oficial traía e desfigurava a verdadeira natureza da festa humana, pois o único tom que lhe convinha era o da seriedade sem falha, sendo-lhe estranho o princípio cômico.

Em compensação, entre os ritos e espetáculos cômicos populares, BAKHTIN (1987) chama atenção para o carnaval e sua natureza específica, capaz de transformar o jogo em vida real, ou seja, “durante o carnaval é a própria vida que representa, (...) a vida festiva do povo, sua segunda vida, baseada no princípio do riso”. Trata-se, portanto, não apenas da festividade em si, mas de uma visão carnavalesca do mundo, capaz de estabelecer relacionamentos verdadeiramente humanos e de criar um tipo particular de comunicação na praça pública: são criadas formas especiais de vocabulário e de gestos, francos e sem restrições, capazes de acabar com a distância entre os indivíduos que se comunicam, libertando-os das normas de etiqueta, da decência e da conduta social.

Para BAKHTIN (1987), a linguagem carnavalesca típica transmitia uma percepção carnavalesca do mundo, comum ao povo e inteiramente distinta da ideologia oficial, que se caracterizava por ser oposta a qualquer pretensão de perfeição, imutabilidade e eternidade; se manifestava através de formas dinâmicas, mutáveis, flutuantes e ativas de expressão; tinha em sua base uma visão determinada e concreta do tempo natural, biológico e histórico, “impregnadas do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder”; continham uma lógica original das coisas “ao avesso”, “ao contrário”, “das permutações constantes do alto e do baixo (“a roda”)), da face e do traseiro”.

Portanto, a edificação desta segunda vida da cultura popular, de seu segundo mundo, ocorria, de certa forma, como paródia da vida do dia a dia, como um mundo “às avessas”, um verdadeiro ritual de inversão da ordem estabelecida, como diria Roberto Da Matta. BAKHTIN (1987) chama a atenção para o fato de que há uma diferença entre a paródia moderna, que é inteiramente negativa e formal e a paródia carnavalesca que nega, ressuscita e renova ao mesmo tempo, o que mostra a complexidade da natureza do riso carnavalesco. Como riso festivo que é, não se trata da reação individual diante de algum fato cômico isolado. Sendo patrimônio do povo, o riso é geral, todos riem e é universal, pois atinge a todas as coisas e pessoas: “o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado em seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo”.

Além disto, o riso carnavalesco é, também, ambivalente. Ao mesmo tempo que traz a alegria e o alvoroço, é um riso sarcástico e burlador, “nega e afirma, amortalha e ressuscita, simultaneamente, e escarnece dos próprios burladores”. De acordo com M. Bakhtin, há, também, diferenças essenciais separando o riso festivo popular e o grotesco, do riso puramente satírico da época moderna e o grotesco romântico, que são considerações importantes para a análise do humor binomiano e suas características.

“Na realidade, a função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as idéias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba essa necessidade e descobre seu caráter relativo e limitado. A

necessidade apresenta-se num determinado momento como algo sério, incondicional e peremptório. Mas historicamente as idéias de necessidade são sempre relativas e versáteis. O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significação incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam, assim, disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. Daí que uma certa ‘carnavalização’ da consciência precede e prepara sempre grandes transformações, mesmo no domínio científico.”

Portanto, o grotesco da cultura popular, por glorificar a força libertadora e regeneradora do riso, exclui o temor, não utilizando o menor vestígio de medo, com a alegria percorrendo-o de forma integral, permitindo um olhar diferente sobre o mundo, que não seja contaminado pelo ponto de vista “normal”, pelas idéias e juízos comuns:

“A alegria é uma alegre paródia do espírito oficial, da gravidade unilateral, da ‘verdade’ oficial. É uma loucura festiva. (...) O grotesco da Idade Média e do Renascimento, impregnado da visão carnavalesca do mundo, libera a este último de tudo que nele pode haver de terrível e atemorizador, torna-o totalmente inofensivo, alegre e luminoso. Tudo o que era terrível e espantoso no mundo habitual, transforma-se no mundo carnavalesco em ‘alegres espantalhos cômicos’. O medo é a expressão extrema de uma seriedade unilateral e estúpida, que no carnaval é vencida pelo riso (...). A liberdade absoluta que caracteriza o grotesco, não seria possível num mundo dominado pelo medo” (BAKHTIN, 1987).

No final da Idade Média e no Renascimento, imperava com frequência o ambiente carnavalesco na praça pública, que se constituía num “segundo mundo especial no interior do mundo oficial” e, portanto, “o ponto de convergência de tudo o que não era oficial”, onde predominava um tipo particular de comunicação humana marcada pela liberdade, franqueza e familiaridade, que impregnavam desde as interpelações em altos brados até os espetáculos organizados, as grosserias, maldições, pregões, reclames dos saltimbancos e dos comerciantes ou discursos dos charlatões de feira. Nos dias de festa e nos dias de feira

“(...) a praça pública (...), de certa forma, gozava de um direito de “extraterritorialidade” no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo tinha sempre a última palavra” (BAKHTIN, 1987).

Enquanto nos meios oficiais, palácios, templos, instituições, a comunicação obedecia a princípios hierárquicos, a um protocolo e a uma etiqueta com determinadas regras de polidez, em meio ao ambiente sempre carnavalesco

da praça pública, a linguagem era familiar, quase uma língua especial, diferente da usada pela Igreja, pelas cortes e tribunais, pela literatura oficial e diferente da língua falada pelas elites e classes dominantes. Eram formas impregnadas de uma sensação única, não oficial, do mundo, com seu jogo livre e alegre, onde

“louvores e injúrias são as duas faces da mesma medalha. O vocabulário da praça pública é um Jano de duplo rosto. (...) Na base da fusão dos elogios e das injúrias na mesma imagem, reside a idéia de um mundo em estado de perpétuo inacabamento, que morre e nasce simultaneamente, um mundo bicorporal” (BAKHTIN, 1987).

Até mesmo na propaganda popular do pregão da praça pública, feita de brincadeiras, gracejando de si mesma, o aspecto cômico do mundo era legalizado. Além disso, o próprio devir histórico representado através da profecia paródica, apresentava uma concepção carnavalesca do processo histórico percebido como jogo.

Em contrapartida, o mundo oficial expresso inclusive através do espírito gótico, encarnava uma seriedade unilateral, nascida do medo e da coação, do desejo de interpretar a vida do ponto de vista da eternidade, fora do tempo real. Naquela época, a seriedade pendia para a hierarquia imóvel, imutável e era intolerante em relação a qualquer mudança ou renovação. Através da “carnavalização do mundo”, as imagens cômicas das festas populares representavam a libertação total daquela seriedade gótica, com uma linguagem livre e ousada “que se exprimia sobre o mundo e o poder sem escapatórias nem silêncios” (BAKHTIN, 1987), procurando abrir caminho para uma nova seriedade, livre e lúcida, sem dissociação com as dimensões risíveis do mundo e da vida.

A partir do século XVII, esta atitude em relação ao riso se transformou, deixando de ser considerado como uma forma universal de concepção do mundo, dizendo respeito apenas a alguns aspectos parciais e parcialmente típicos da vida social, especialmente aqueles considerados de caráter negativo, ou seja, o que é essencial e importante não pode ser cômico. A história e quem a encarna, por exemplo, não podem ser cômicos. O domínio do cômico ficou restrito a aspectos específicos dos indivíduos e da sociedade, como os vícios, por exemplo. Para

dizer a verdade primordial a respeito do mundo e do homem, somente o tom sério passou a ser considerado adequado, pois o riso tornou-se apenas um divertimento ligeiro, como ainda acontece atualmente.

No grotesco romântico, o riso passou por uma importante transformação, não desaparecendo ou sendo excluído, como acontece nas obras ‘sérias’, mas foi atenuado, aparecendo sob a forma de humor, ironia ou sarcasmo, deixando de ser alegre e jocoso, tendo seu aspecto regenerador e positivo reduzido ao mínimo. Assim sendo, as necessidades corporais e sua satisfação (beber, comer, copular, parir) são transformadas em “vida inferior”, perdendo de forma quase completa seu sentido regenerador, com a “loucura festiva” adquirindo tons sombrios e trágicos do isolamento do indivíduo.

“O autor satírico que emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integridade do aspecto cômico do mundo e, então, o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular. Ao contrário, o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem.”

No próximo capítulo, Resultados e discussões, pretende-se demonstrar principalmente as semelhanças existentes entre as características do cômico popular da Idade Média e do Renascimento, assim como sua forma de tratar o sério conforme exposta acima, e o humor binomiano, mostrando que as transformações ocorridas no jornal foram refletindo cada vez mais uma visão unilateral da seriedade, com a perda quase que total do aspecto alegre e jocoso e, portanto, regenerador e positivo do riso.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“Nenhuma vida pode estar contida em um só relato.
Não há como dar cada ano sua importância real...
incluir cada evento ou pessoa que auxiliou a moldar esta vida.
Pode-se ser fiel à história em espírito...
e tentar chegar até o coração do homem.”* (Filme Gandhi)

4.1. A história do humor binomiano

4.1.1. Fase humorística (fevereiro de 1952 a outubro de 1955)

Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente já surgiu se diferenciando dos demais jornais em pelo menos três aspectos: pelo fato de ser um jornal humorístico de oposição política; por sua periodicidade que não era nem diária, nem semanal, nem mensal. Saía de 21 em 21 dias ou conforme aparecia no expediente: “circula um domingo sim e dois não” (foi somente a partir de abril de 1953, que passou a ser quinzenal); e por sua quase independência estampada no cabeçalho, e explicada no editorial de seu primeiro número, onde garantia ao público leitor ter noventa e nove por cento de independência e um por cento de ligações suspeitas. Segundo o editorial, essa proporção era exatamente o oposto do que acontecia com os outros jornais, que

tinham “um por cento de independência e noventa e nove por cento de ligações mais suspeitas que mordomo de filme policial americano”.

Tendo como objetivo central a crítica política e social, a fim de assegurar a liberdade de exercê-la e manter-se diferenciado em relação à grande imprensa, **Binômio** declarava nesse seu primeiro editorial o que durante seus dez primeiros anos passou a fazer parte do expediente e que eram, de certa forma, os seus princípios:

“1. A Direção se responsabiliza por toda matéria publicada, mesmo pelos artigos assinados; 2. Devolvemos os originais não publicados; 3. Não aceitamos publicidade: a) do governo do Estado; b) da Prefeitura Municipal; c) da Companhia Força e Luz; d) da Companhia Telefônica; e) das empresas de cinema;³ f) de todas as outras firmas e organizações da Capital, que tenham por norma controlar a imprensa por intermédio da publicidade”.

Só por esses princípios, é possível ver que, além de diferente, **Binômio** nasceu engraçado, aliás, engraçadíssimo, e heroicamente “do contra”: contra o governo JK; contra a censura ou qualquer outro tipo de tentativa de controle da imprensa; contra a chamada grande imprensa – “nossos quase indignos colegas”. Portanto, contra os desmandos, a corrupção, as injustiças sociais e os porta-vozes do poder e dos poderosos.

Euro Luiz Arantes e José Maria Rabêlo eram vinculados ao Partido Socialista, mas o jornal não se colocou como porta-voz de sua ideologia, embora manifestasse com clareza suas opções político-partidárias e ideológicas ao longo desse período. As posições do **Binômio** foram explicitadas em vários momentos, como, por exemplo, durante as eleições de 1954 para o Senado, Câmara Federal e Assembléia Legislativa. O jornal apoiou candidatos “fiéis à linha do Partido Socialista Brasileiro”, apresentando-os aos leitores na edição de 15/09/1954.

O jornal se posicionava em defesa das liberdades democráticas, mesmo quando foram “seus inimigos históricos” que se encontravam ameaçados de perdê-las. Por exemplo, **Binômio** se posicionou abertamente contra as tentativas de golpe à candidatura e, posteriormente, à posse de Juscelino Kubitschek à

³ As empresas de cinema de Belo Horizonte pertenciam ao banqueiro Antônio Luciano, considerado um “gangster” pelo **Binômio**.

presidência da república⁴. Esses ares de liberal-cordialidade foram sendo tragados pelo calor da luta e pelo acirramento das posições político-ideológicas, ocorridos, principalmente, na década de 60, fase de pregação ideológica. Esse fato, que não foi prerrogativa do **Binômio**, fez parte da radicalização que ocorreu nas várias posições e práticas políticas ao nível nacional.

Esse primeiro período do jornal, que vai de seu lançamento até sua edição de 02/10/55, se caracterizou, principalmente, pela linguagem humorística, irreverente, jocosa e satírica. Segundo os entrevistados, sua principal fonte de inspiração foi o jornal carioca **A Manhã** -1926 a 1955 - (cf. SOUSA, 1987), dirigido por Aparício Torelly, o Barão de Itararé, onde já se encontrava um estilo folclórico e apimentado semelhante ao que foi adotado e desenvolvido pelo **Sombra e Água Fresca**.

Binômio parecia um furacão naquela pacata província do coração de Minas Gerais. Não chegava nas bancas, irrompia como um ciclone, subvertendo as etiquetas e formalidades, provocando, avacalhando, perturbando e, sobretudo, escandalizando. O sucesso de **Binômio - Sombra e Água Fresca** foi estrondoso e imediato. Sua tiragem crescia contínua e rapidamente. Inúmeros foram os comentários e as polêmicas locais e, também, nacionais, que cercavam cada uma de suas edições. Ousadamente, o próprio jornal publicava esses debates em alguns de seus editoriais ou na coluna “**Binômio** dá o que falar”, sem se preocupar se as opiniões emitidas eram contra ou a seu favor.

Em seu sétimo número, o editorial falava de suas tiragens iniciais: seis mil exemplares para o primeiro número, esgotados em 48 horas; oito mil para o segundo; o terceiro, o quarto e o quinto com tiragem de dez mil exemplares; e o sexto subiu para quinze mil. E, como sempre, aproveitava para ironizar:

“Não é preciso esclarecer que em todas essas edições se verificou um encalhe mínimo, muito menor que as verbas que nesta terra se dedicam aos problemas fundamentais da população” (**Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, 06/07/1952).

⁴ Ver os artigos das edições de 23/10/1955: “Contra o Golpe”; 20/11/1955: “Golpe e Legalidade no Drama de 11 de Novembro” e “**Binômio** e o Golpe”.

Como se profetizasse o que aconteceu antes do final do mesmo ano, concluía afirmando que o jornal em breve teria uma tiragem com o mesmo número de bilhetes vendidos semanalmente pela loteria de Edílio Duarte, um dos diretores da Loteria do Estado, ou seja, trinta mil exemplares. O jornal havia feito essa promessa, porque o “esquisito sr. Edílio andou pela cidade combatendo o **Binômio** e pedindo às firmas comerciais para não conceder publicidade”.

Duas apreensões do jornal foram realizadas pela polícia⁵ durante esse período. A primeira foi da edição de 20/07/1952, sob a alegação de imoralidade. Estampava na primeira página a manchete “Juscelino foi a Araxá e levou Rolla”, e fez com que o sucesso do jornal redobrasse. No número anterior, a manchete dizia: “Juscelino vai por Rolla na praça Raul Soares”, referindo-se também a Joaquim Rolla, incorporador da época, que estava lançando, juntamente com Juscelino Kubitschek, o atual Conjunto JK, na Praça Raul Soares, em Belo Horizonte. E na edição seguinte à apreensão estampou em sua primeira página: “Juscelino quis pôr Rolha no **Binômio**”. Assegurado por um mandado de segurança que lhe garantia o direito de continuar a circular, **Binômio** lançou sua “Edição Imprópria para Menores de 18 anos. Não pode ser exposta aberta nas bancas”. Nessa edição foram cuidadosamente selecionados crônicas, notícias e artigos publicados pela grande imprensa belorizontina,⁶ com o intuito de provar que imorais eram os jornais da grande imprensa local.

O tiro saiu pela culatra. A “Edição Imprópria para Menores” vendeu 32.500 exemplares, que segundo o próprio jornal (22/11/1952), representava a tiragem verdadeira dos maiores diários editados na capital. Assim sendo, cumpria não só a promessa feita ao sr. Edílio, como, também, ultrapassava as vendas de

⁵ WERNECK (1992) menciona apenas uma apreensão.

⁶ Para que se possa ter uma idéia do teor das matérias da “Edição Imprópria”, torna-se necessário reproduzir pelo menos uma delas: “Tribuna de Minas” publicou em sua primeira página, no dia 5 de setembro deste ano, a seguinte comovedora notícia: “D. Heroína e o Pinto. Despacho da Secretaria de Educação, sobre uma professora, Heroína Freitas, que pediu a juntada do sobrenome Pinto: não consta que D. Heroína Freitas tenha Pinto. Se o tem, não o usou até agora. Se o Pinto é de seu marido, tem o direito de usá-lo oficialmente. À consideração superior. Defiro a D. Heroína o uso do Pinto, desde que prove sua existência”. **Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, 16/11/1952.

bilhete de sua loteria. Além do sucesso de venda avulsa, próximo de completar um ano (1/2/1953), o **Binômio** já contava com 13.832 assinantes.

A segunda apreensão, em 23 de novembro de 1952, se deu por causa da manchete da primeira página: “Juscelino precisa de Rolla!”, e da charge política de Ronaldo, que apresentava o governador indo para as Mangabeiras num cadillac cheio de garotas. O título da charge de Ronaldo era: “A Caminho de Pasárgada”. Segundo ARANTES (1992) as duas apreensões aconteceram na ausência do governador, a mando de D. Sarah Kubistchek. Mas mesmo assim, em protesto, Euro Luiz Arantes escreve a “Carta Aberta ao Governador do Estado”⁷, que caracteriza bem o estilo moleque e irreverente que consagrou **Binômio - Sombra e Água Fresca**.

Outra coisa comum nos primeiros anos do **Binômio - Sombra e Água Fresca** era a criação em equipe, que se dava na base da improvisação. Não havia pauta, nem qualquer organização empresarial e é fácil constatar que esses foram os seus anos mais criativos. Acontecia com frequência das edições do jornal serem criadas enquanto eles jogavam sinuca. A diagramação era feita na base do improviso, com os problemas sendo solucionados à medida em que surgiam⁸.

A maioria das colunas humorísticas criadas nesse período fez história dentro do jornal, imprimindo-lhe uma marca muito própria que o singularizava. Em seguida serão descritas as que sobreviveram durante a maior parte dos seus 12 anos de existência ou que, pela sua originalidade, torna-se necessário que sejam registradas.

⁷ Trecho inicial da carta: “Doutor Juscelino, nós não podemos compreender a perseguição permanente que o senhor vem fazendo ao **Binômio**. Se nós dizemos que o senhor não gosta de Rolla, o senhor nos manda prender. Se nós afirmamos - ao contrário - que o senhor precisa de Rolla, acabamos na cadeia do mesmo jeito. No final não só perdemos a edição do jornal, como não ficamos sabendo, realmente, se o senhor precisa ou não precisa de Rolla.” **Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, 14/12/1952).

⁸ No meio da segunda página do primeiro número, por exemplo, para resolver o problema do espaço que sobrou, o jornal convidou o leitor a idealizar um desenho para a seguinte legenda, que se encontrava logo abaixo de um quadrado em branco: “A grande invenção: microfone com saco, para aparar as batatas do Paulo Nunes Vieira e outros locutores esportivos que andam por aí.”

AS “ENTREVISTAS”

Começaram no terceiro número do jornal (30/03/1952) e, naturalmente, a primeira “entrevista” foi com Juscelino Kubitschek, “em uma de suas rápidas passagens por Belo Horizonte”, anunciada com grande destaque pela manchete da primeira página, com uma foto-colagem de JK lendo sorridente a edição anterior desse jornal. E introduzindo o texto, havia uma nota a respeito da natureza singular dessas “entrevistas”, explicando que como **Binômio** não era um jornal comum, apresentava soluções inovadoras: ao invés de publicar ao pé da letra as declarações do entrevistado, optava por traduzir o que ele tinha vontade de dizer, mas não dizia e que, segundo o jornal, era, na verdade, o mais importante⁹.

A publicação das “entrevistas” vai até 1954. Depois dessa época, voltam a aparecer esporadicamente, só que bem menores, embora conservando o essencial do estilo. Os “entrevistados” eram políticos e personalidades de maior destaque do período, como por exemplo, Benedito Valadares, Antonio Luciano, Américo René Giannetti, José Maria Alkimin, Artur Bernardes, Tenente Gregório (o Anjo Negro) e outros.

“PLACE PIGALLE”

Surgiu em seu quarto número e fazia crítica às colunas e aos colunistas sociais, com suas fofocas e etiquetas afetadas e pretensamente glamour. Assinada por Pompadour, essa coluna, escrita num estilo propositadamente afetado, teve, segundo seu criador, ARANTES (1992), o primeiro “bicha” a escrever num jornal:

“O **Binômio** tinha a pretensão de revolucionar principalmente o estilo jornalístico. Por exemplo, no “Place Pigalle” o cara posava de bicha, porque o

⁹ Ao falar sobre as entrevistas, ARANTES (1992) disse que “elas não tiveram nada que ver com o **Manha**. Foi uma criação do **Binômio**, em equipe. Todo mundo colaborava. Eu dava o texto final (como era comum com grande parte das matérias), porque tinha mais facilidade para isto. O Zé Maria Rabêlo também dava o texto final, mas o Zé abusava, eu caprichava. Às vezes, ele exagerava na ficção, então a entrevista ficava irreal demais. Eu pegava, assim, o que realmente o cara tinha vontade de falar. Eu conhecia as pessoas antes, né? Isto foi inédito. Foi criação do **Binômio** e **O Pasquim** usou isto muito depois. Foi criação de equipe realmente. A “entrevista” do Juscelino foi uma beleza de “entrevista”, a do Geraldo Starling, do Pedro Pereira Filho, estas são marcantes.” Ver informação diferente em RABÊLO (1997:130-135).

colunista social era fresco.(...) O Pompadour criou uma revolta enorme, porque relacionava ser colunista social com ser bicha. E as colunas sociais eram cheias de frescuragem.(...) Aquela coluna permitia muita coisa. Qualquer problema que a gente tinha, alguém dizia: “- Ah, põe no “Place Pigalle” (risos). “Place Pigalle” aceita tudo”.

Foi nessa coluna que tiveram início concursos hilariantes, tais como “Os dez homens mais relaxados de Minas”, “Os dez mais elefantes do ano” e “As dez mais bem despidas”, cujas listas, naturalmente, incluíam pessoas de destaque. A primeira delas contendo os nomes dos dez mais relaxados, lançada em fevereiro de 1955, por exemplo, era encabeçada por Pedro Aleixo, com direito a foto e tudo mais. No ano seguinte, Bias Fortes ficou em primeiro lugar. Posteriormente, concursos desse tipo foram incorporados na coluna “O Golpe”.

A partir da segunda fase do jornal até 1961, quando deixou de ser publicada, “Place Pigalle” passou a ser feita por Celius Aulicus.

“AS HISTÓRIAS SECRETAS DOS AMORES DE NONÔ”

Foram escritas em capítulos numerados, que concluíam em cada edição com o tradicional “continua no próximo número”. Uma criação de Euro Luiz Arantes, “As Histórias Secretas dos Amores de Nonô”, utilizando o apelido de Juscelino Kubistchek quando pequeno, narrava intencionalmente uma espécie de “anti-biografia” da infância do então governador de Minas. Ironizando com a fama de boêmio de Juscelino, “As Histórias” contavam aventuras amorosas e paqueras de um Nonô louco por mulheres desde pequeno. Sua publicação teve início em 08/06/1952 e foi até abril de 1953.

“CRÔNICA DO GENUÍNO” E “CRÔNICA DO JABURU”

Houve várias colunas “esportivas” ligadas principalmente ao futebol que tiveram, de um modo geral, vida curta. Entre elas, merece comentar, por sua originalidade, a “Crônica do Genuíno” e a “Crônica do Jaburu”, ambas de autoria de ARANTES (1992). Segundo ele, o **Diário da Tarde** tinha a “Crônica do Ubaldo”, centroavante do Atlético. Como Euro Arantes era torcedor do América,

combinou com o Jaburu, jogador do América de fazer uma crônica com seu nome, imitando seu estilo, ou seja, usando gíria de malandro carioca¹⁰.

“A “Crônica do Genuíno” é minha, também. Genuíno era um jogador de futebol que tinha mania de chofer de caminhão. Ele pegou o dinheiro do contrato dele com o Vasco, comprou um caminhão e voltou para São Paulo. Então eu escrevia a crônica só falando em linguagem de caminhoneiro” (ARANTES, 1992).

As outras colunas “esportivas” desse período, tiveram nomes bem interessantes, tais como, “Flashinho”, “Bola Fora”, “Esquina dos Aflitos”, “Bola na Área” e “Perna de Pau” e curta duração.

“FATOS EM SURDINA”

Apesar de não ter sido uma coluna de humor, merece ser citada por ter sobrevivido aos 12 anos do jornal. Publicada pela primeira vez na edição de 12/10/1952 e, com breves intervalos, se manteve até 1964.

Segundo ARANTES (1992), ela se assemelhava ao “Informe **JB**”, coluna do **Jornal do Brasil** que divulga notícias que normalmente não apareciam nos jornais. Apesar de ter o mesmo nome de uma coluna da **Tribuna de Minas**, **Binômio** justificou sua apropriação, argumentando que “aquele jornal não tem podido divulgar mais nada depois que aderiu ao governo, com medo de perder a verba da Secretaria das Finanças”. Além disto, o nome era muito bom porque “foi criado por um de nossos redatores, e não deve ser desmoralizado por um jornal oportunista”. O redator a que se referia a nota, era José Maria Rabêlo, que nessa fase assinou a coluna com o pseudônimo de Maria José.

“SAPO DE FORA”

Surgiu em janeiro de 1955 e permaneceu até agosto de 1957 como sendo a coluna do leitor. A partir de então foi substituída pelo “Jornal do Leitor”. Com isto, “Sapo de Fora” passou a integrar esporadicamente “O Golpe”, coluna criada durante o período de transição, **Binômio - Humorismo e Crítica**. A diferença

¹⁰ Como Jaburu, Euro Arantes escreveu coisas do tipo: “(...) passei cinco jogos sem proporcionar à redonda a oportunidade de oscular o véu da noiva (...)”. **Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, 26/06/1955.

fundamental entre essas duas seções de leitor estava em suas concepções. Como o próprio nome mostra, “Sapo de Fora” incorporou, durante certo tempo, o espírito moleque do jornal. Além das cartas de leitores, havia aquelas permeadas por um tom ficcional, sem falar no jeito brincalhão e debochado das respostas da direção, chegando às vezes a esculhambar também com o leitor. Já a coluna “Jornal do Leitor” obedecia ao padrão mais tradicional e surgiu no período em que havia todo um empenho para transformar **Binômio** num empreendimento empresarial.

Entretanto, antes dessa mudança, houve outra tentativa de tornar “Sapo de Fora” uma seção “séria”, com a criação da coluna “Consultório Sentimental”, que teve curtíssima duração e tinha como objetivo ser

“uma chaminé aberta para os corações sufocados, dando conselhos sentimentais aos nossos leitores e leitoras, para que a coluna “Sapo de Fora” só trate de assuntos sérios (...)” (**Binômio - Humorismo e Crítica**, 01/06/1955).

“Sapo de Fora” merece um estudo à parte, embora não seja o caso de desenvolvê-lo aqui, pois se encontra fora do âmbito a que se propôs esta pesquisa. Assim, cabe apenas destacar que essa coluna cumpre um papel fundamental para se conhecer tanto as reações, interações e intensa participação dos leitores na vida e nas mudanças do **Binômio**, como para se pesquisar aspectos sociológicos da formação desse público leitor. Nas cartas que foram publicadas, por exemplo, é possível verificar o envolvimento dos leitores nas denúncias, que vão se tornando cada vez mais freqüentes. E, também, é onde se pode saber das críticas que surgiram em resposta ao crescente tom de seriedade e aos excessos dos ataques verbais que foram tomando conta do **Binômio** a partir de 1954 e de 1955, principalmente, e que foram acompanhados de pedidos de volta do humorismo.

Outra característica marcante do **Sombra e Água Fresca**, foi a presença de charges, piadas e das “manchetinhas” no alto da primeira e terceira páginas. Criadas pelo **Manha**, elas foram incorporadas pelo **Binômio** e se constituíam em tiradas humorísticas rápidas e sintéticas, como esta, por exemplo: “Há mulheres que são verdadeiras chapas fotográficas: só se revelam no escuro.”

Para se ter uma idéia da importância e do volume da produção humorística do jornal, basta considerar a manchete de uma das reportagens da edição de 20/02/1953, comemorativa de seu primeiro ano, onde se lê: “300 piadas em vinte números do **Binômio**”. Ainda no final de 1953 foi lançado o primeiro e único anuário em forma de almanaque, com 120 páginas, anunciado na última edição de novembro como sendo “O Livro Branco Sobre as Coisas Pretas da Política Mineira”. Esse anuário contou, também, com a colaboração de Antônio Maria, Fernando Sabino, Barão de Itararé, Paulo Mendes Campos, Millôr Fernandes, que na época assinava Van Gôgo, entre outros que, principalmente nessa fase humorística, costumavam colaborar nas edições especiais de final ou de início de ano lançadas pelo jornal.

Em seu terceiro ano, o jornal passou para oito o número de páginas e a cor vermelha começou a ser introduzida em sua composição gráfica a partir de 06/03/1955¹¹.

Como sendo a sua linguagem mais fundamental, o humor binomiano estava com seus dias contados. Na avaliação de ARANTES (1992), “o lado folclórico não foi intencional, mas aconteceu e é o mais importante”. É fácil comprovar a veracidade desta avaliação, realizada 40 anos depois do lançamento do primeiro número do **Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**. No entanto, há compreensões que só são alcançadas com a perspectiva que o passar do tempo traz. No calor dos acontecimentos e com as limitações próprias daqueles que se encontram com a visão delimitada e englobada por determinada época, como costuma ser inevitável, o que foi possível fazer, foi optar pela orientação oposta a esse lado folclórico: uma seriedade patética e, de certa forma, unilateral, como procurar-se-á demonstrar mais à frente.

¹¹ Vide informação diferente in J.M. Rabêlo, *op. cit.*, p. 36.

4.1.2. Um breve período de transição (de outubro de 1955 a junho de 1956)

Ano de 1955. Metade do decênio. O Brasil havia mudado. Getúlio Vargas “não há mais”. Minas já não era a mesma. Juscelino Kubitschek tentava assegurar seu direito de se candidatar à Presidência da República. E **Binômio** se perguntava: “E agora?”

“Nós vivemos um momento de indecisão sobre o rumo do jornal. **Binômio - Crítica e Humorismo** foi uma fase de transição. Não podíamos continuar com o jornal humorístico, porque já estava cansando. Então, nós resolvemos fazer um jornal sério e teve esta fase de transição, de indecisão nossa. A forma foi esta: não podíamos acabar com o humorismo de repente, não dava certo. Então ficou **Crítica e Humorismo**, uma fase que antecedeu **O Jornal da Semana**” (ARANTES, 1992).

A outra face do **Binômio** se tornava evidente. Essa segunda face, que de fato mereceria ser um outro jornal, e que se concretizou em **Binômio - O Jornal da Semana**: a da crítica política dura, ‘sensacionalista’ ou panfletária, e que passou ainda por mais uma mudança, a de pregação ideológica, no início dos anos 60. E a primeira face, a realmente **binominável**, para empregar um termo cunhado pelo próprio jornal, sobreviveu meio marginalmente as suas transformações, em colunas criadas por Euro Luiz Arantes, tais como “Place Pigalle” e “O Golpe - Contra o Estado... de Coisas”, pelo General da Banda e “Aparte das Galerias”, de Cyro Siqueira.

Além do esgotamento das fórmulas de humor, que de acordo com Euro estava acontecendo, o principal alvo do jornal – o governo de Juscelino Kubitschek em Minas – chegava ao fim e, juntamente com ele, perdia sentido a epígrafe **Sombra e Água Fresca**. E **Binômio**, que foi, segundo Euro Luiz Arantes, “uma brincadeira de estudante que o governo quis levar a sério”¹², começou a ser levado a sério por sua própria direção, que naquele momento, pelo que tudo indica, não teve condições de avaliar a seriedade de suas brincadeiras¹³.

Nesse período de **Crítica e Humorismo**, no entanto, os leitores do jornal pediam a volta do humor, que como o próprio subtítulo do jornal indicava,

¹² In **SIP**, *op. cit.*

¹³ O mesmo pode-se dizer em relação à avaliação de WERNECK (1992:148).

tornou-se secundário. “Sapo de Fora” publicou cartas de leitores reclamando que o jornal estava “muito sério, muito triste, carrancudo demais”, que era um erro eliminar inteiramente o humorismo, pedindo que reservassem bastante espaço às colunas humorísticas, que eram, inegavelmente, o ponto alto do jornal. Outros diziam não saber mais se **Binômio** era um jornal sério ou de humor. Afirmavam que, como o jornal fugiu consideravelmente à sua orientação inicial, muitos leitores já não o liam mais com a mesma frequência. E concluíam perguntando: “Não seria melhor que o **Binômio** voltasse a sua fase antiga, continuando apenas como órgão humorístico?” (**Binômio - Crítica e Humorismo**, 24/12/1955).

Com o nome e a diagramação mudados, com as manchetinhas cada vez mais raras, o jornal buscava uma nova identidade. Em sua primeira edição de 1956, o próprio jornal comentava os progressos realizados durante o ano anterior, passando de quatro para oito páginas, fazendo uso de mais uma cor - o vermelho, afirmando estar “trabalhando no sentido de transformar o jornal em semanário, com uma cobertura mais completa, principalmente dos fatos políticos”.

Provavelmente em resposta às solicitações e críticas feitas pelos leitores, durante os oito meses de **Binômio - Crítica e Humorismo**, surgiram mais duas novas colunas de humor, descritas a seguir.

“APARTE DAS GALERIAS”

Criada por Cyro Siqueira e depois escrita por Celius Aulicus, lançada em janeiro de 1956, “Aparte das Galerias” durou até 1961. Contava as piadas, gafes, aberrações e acontecimentos folclóricos ocorridos na Assembléia Legislativa. Os protagonistas principais eram os deputados - com essa “inclusão dos trabalhos parlamentares entre as coisas binomináveis”:

“(…) A festa máxima do dia 31 foi mesmo o empossamento dos nobres colegas na Assembléia Legislativa. (...) O sr. Presidente da câmara disse solenemente: “Prometo exercer o meu mandato obedecendo fielmente à Constituição da República.” E os nobres colegas, de pé, cada um por sua vez, iam respondendo: “Assim o prometo”. No final, os parabéns e cada um ia embora para sua casa muito satisfeito da vida. Por aquelas três palavras tinham ganho o jeton de seiscentas pratas. Agora vocês imaginem se a coisa continuasse nesse ritmo de duzentos cruzeiros por palavra. Em um mês, o Hernani estava mais rico que o Rockefeller” (**Binômio - Jornal da Semana**, fev. 1959).

É necessário lembrar que, diferente do que acontece atualmente, era atribuída importância maior à cobertura jornalística dos trabalhos parlamentares, que **Binômio** fazia dentro de seu estilo irreverente.

“O GOLPE (contra o estado... de coisas)”, pelo General da Banda

Essa seção foi lançada também em janeiro de 1956, “dentro daquele estilo que adotamos nos primeiros números do **Binômio**”, explicava o jornal. No início era bem pequena e assinada por Lacerdinha, sendo logo em seguida substituído pelo General da Banda.

Como já foi dito anteriormente, “O Golpe” foi criada por Euro Luiz Arantes, sendo que quando Celius Aulicus passou a escrevê-la, ele ampliou seu espaço para uma página inteira; transformou o General da Banda em Diretor, com “redação própria” e costumava fazer a brincadeira, provavelmente até certo ponto séria, afirmando que “O Golpe” carregava **Binômio** nas costas. Ou seja, Celius Aulicus transformou essa coluna num jornal dentro do jornal, tendo criado, também, personagens como o Gato Biazão, apelido de Bias Fortes. Em “sua redação”, o General da Banda ficava rodeado por suas “375 secretárias, estenógrafas, manicures e massagistas”, as quais ele costumava esconder quando recebia “seus amigos”, políticos e figuras de destaque nacional, que compunham a ‘fina flor’ da corrupção da época. Sua afinidade com os corruptos pode ser vista, por exemplo, na nota abaixo publicada em “O Golpe”, quando **Binômio** movia uma campanha contra a Fertisa:

“Retirado da Furtisa, o homem pede um emprego na redação de “O Golpe”. O General da Banda quase chorou ao ler a missiva de seu amigo B.B. [referência a Bretãs Bhering, que era o presidente da Fertisa]: “- Já estou velho demais para ganhar a vida honestamente. Quem se interessa pela compra de uns trilhos velhos - Furtisa, Furtos e Trapolinagens S.A.” (**Binômio - Jornal da Semana, a maior tiragem da imprensa mineira**, ago. 1957).

Celius criou, também, “As Dez Mais Mais” (como salva-vida em naufrágio ou mulher do próximo) e “As Dez Mais Menos” (como solitária de prisão e mulher sem dente), e foi principalmente ele que manteve vivo e pulsando o espírito satírico e irreverente que deu origem e caracterizou **Binômio**. Lançou concursos gozadíssimos e originais, como, por exemplo, o dos Velhinhos

Transviados, cujo resultado apontava Oswaldo Chateaubriand (70 anos) encabeçando a lista com 69 votos e o General da Banda em último lugar com o sugestivo 1 voto.

Após ter relatado as transformações que realizou nessa coluna, AULICUS (1993), disse que “O Golpe” passou a ser a página mais lida do **Binômio**. E ele ganhou, inclusive, o apelido de General e foi assim chamado enquanto viveu: “Tem muita gente de jornal aí que não sabe que eu chamo Celius, que me conhece por General.” Na verdade, o apelido de General foi dado a Celius devido ao pseudônimo General da Banda com o qual assinava sua coluna “O Golpe, contra o estado... de coisas”.

De acordo com este seu depoimento e também com o de ARANTES (1992), praticamente todas as seções humorísticas, tanto as que tiveram início na primeira fase, como as que surgiram posteriormente, passaram a ser redigidas por AULICUS (1993):

“Eu ganhava um pouco mais que a média dos jornalistas daquela época, mas era pouco. Só que o **Binômio** me satisfazia, porque eu escrevia lá uma crônica [“Coluna”], um comentário sobre a Assembléia, chamava “Aparte das Galerias”, criada pelo Cyro Siqueira, uma seção “Rádio, TV e Boite”, assinada por Serafim Grandval, que era o Euro e depois passou a ser eu. Quem dava as informações era o Wilson Ângelo, que já morreu, o pai do Fernando Ângelo. Fora o “Place Pigalle” e “O Golpe”. (...) Trabalhava prá burro. Tinha um trabalho danado”.

Como já foi dito anteriormente, segundo Fernando Gabeira, Celius Aulicus foi também o editorialista do jornal, o que deve ter acontecido principalmente durante a fase panfletária (1956-1959):

[**Binômio** foi] “um dos poucos jornais do mundo onde o editorialista e o humorista eram a mesma pessoa, Celius General Aulicus. Grande figura chapliniana o velho General, talvez jamais tenha deixado de rir dos seus editoriais e de levar a sério suas piadas” (RABELO, 1997:164).

Foi nesse período de transição, a partir de abril de 1956, conforme já foi comentado, que **Binômio** passou a ser um semanário. E, como parte de mais uma de suas brincadeiras, comemorou seu “centenário” quando foi publicado o seu centésimo número, com uma festa acompanhada de uma Edição Especial:

“Festa democrática: o churrasco centenário do **Binômio**. 100 números de **Binômio**. Para nós é um acontecimento marcante que atinge as fronteiras do milagre” (**Binômio - Crítica e Humorismo**, 10/06/1956).

Não era para menos. Afinal, como já disse Euro Luiz Arantes, “**Binômio** era um parto. Cada edição era um parto, um negócio muito sério”.

4.1.3. Fase panfletária (de junho de 1956 a 1959)

Em entrevista publicada pelo quinzenário SIP, citada anteriormente, Euro Luiz Arantes falou sobre a passagem “do humor à crítica séria” que caracterizou a fase panfletária:

“Um passo de enorme responsabilidade nós demos há questão de um ano e meio, quando resolvemos transformar o jornal humorístico, plenamente vitorioso, em órgão de combate, panfletário. Era uma decisão perigosa, pois íamos arriscar todo o prestígio do antigo **Binômio**, em favor de uma hipótese, de um simples plano. Mas sentimos que não era mais possível continuarmos na crítica inconseqüente, com base meramente jocosa. Dadas as condições de dependência da imprensa mineira para com a política dominante, toda ela unânime no apoio ao governo e às forças, compreendemos que poderíamos prestar serviços ainda maiores à Minas, transformando o **Binômio** em jornal sério. E houve um trabalho duro, estafante, para saltarmos da antiga posição para o jornal de hoje. Mas felizmente, verificamos que o plano foi cumprido à risca e que os leitores souberam compreender o novo sentido de nossa luta.”

Durante essa segunda fase, assim como até o seu final, o humorismo e o lado folclórico presentes em seus primeiros anos, foram passando, cada vez mais, para um plano secundário, vindo a se transformar em mero acessório na última fase do jornal. E o “jornalismo heróico”, com uma linguagem “patética”, conforme definição bem adequada de AULICUS (1993), se tornou a marca predominante do **Jornal da Semana**.

Seguindo as tendências da época, entrava em vigor de forma intencional e prioritária, o que aos poucos já havia começado a ganhar espaço nesse semanário: as denúncias e as reportagens. Nessa mesma entrevista citada acima, foi publicado um balanço das “Dez Grandes Campanhas do **Binômio**” (ver no Apêndice reprodução dessa reportagem na íntegra), levadas a cabo mais ou menos entre 1955 e 1956. Pelo volume dessas campanhas realizadas em tão

pouco tempo, é possível constatar o quanto o humorismo binomiano já havia se tornando secundário dentro do jornal.

A partir de julho de 1957, **Binômio - O Jornal da Semana**, a maior tiragem da imprensa mineira efetivou as mudanças mais significativas, procurando se tornar um empreendimento comercial e estruturar sua redação com uma equipe que pudesse dar suporte e continuidade ao projeto jornalístico que já vinha sendo implementado: ser um jornal de denúncia. Para ARANTES (1992), esse novo órgão de combate poderia ter sido totalmente independente do **Binômio**, tendo, inclusive, registrado uma nova firma com o nome **O Jornal da Semana**, com o intuito de fazer um outro jornal.

Serão descritas abaixo as duas novas colunas desse período, sendo que a primeira delas se manteve praticamente até o seu fechamento em 1964.

“RÁDIO, TV E BOITE”

A coluna “Rádio, TV e Boite”, por Serafim Grandval, criada em agosto de 1956, foi ampliada nessa fase de mudanças, passando a ter a “Discoteca do Serafim”. Em março de 1955, houve uma tentativa semelhante a essa, com o nome “Fora de Faixa”, que não emplacou. “Rádio, TV e Boite”, bem semelhante às certinhas de Stanislaw Ponte Preta, manteve durante alguns anos o concurso “Os Melhores do Rádio e da TV em Minas Gerais”. A entrega dos prêmios aos vencedores, inclusive do troféu “O Ary”, era realizada normalmente por Ary Barroso, acompanhada de grandes festividades e contava com a presença de outros sucessos nacionais da época, como Ângela Maria, por exemplo.

Promovido pelo CAS - Clube das Amiguinhas do Serafim - havia, também, o concurso das Dez Mais Amiguinhas do Serafim¹⁴, mas, de acordo com ARANTES (1992), no caso do Concurso dos Melhores do Rádio e da TV, promovido pelo próprio Serafim, ficava sob a responsabilidade do jornal o critério de competência para escolher o júri, que era escalado por ele e por

¹⁴ “Isto é coisa particular feita pelo Clube das Amiguinhas do Serafim (CAS), com três objetivos: 1) Prestigiar as sócias que mais se destacaram (segundo a opinião do Serafa), durante o ano de 1957. 2) Estimular as novas sócias no sentido de que, em 1958, apareçam melhor e mais destacadamente. 3) Deixar os leitores se babando de inveja”, **Binômio - O Jornal da Semana**.

Wilson Ângelo, que também fazia a coluna junto com ele. E concluiu dizendo: “Wilson Ângelo produzia todas as festas do **Binômio**. Como ele era eficiente. O Wilson Ângelo merece uma história”.

Contribuindo para aumentar a popularidade do **Jornal da Semana**, Wilson Ângelo, além das festas, realizava contratos entre o jornal e importantes gravadoras do país, como prêmio pela vitória, para gravação de melodias inéditas de compositores mineiros interpretadas por cantores vencedores daqueles concursos, com etiqueta no disco fazendo referência ao título conquistado pelo artista.

Havia uma enorme curiosidade por parte dos leitores para saber quem era Serafim Grandval, que, de acordo com ARANTES (1992) e AULICUS (1993), era o próprio Euro e depois passou a ser o Celius, “com informação de Wilson Ângelo, que aliás, já morreu, também”¹⁵.

“Rádio, TV e Boite”, em especial, fornece um material riquíssimo para se pesquisar o imaginário masculino a respeito da mulher e do feminino no Brasil dos anos 50 e início dos anos 60, o que naturalmente não será realizado nessa dissertação. No entanto, é interessante notar que, apesar de todas as características inovadoras do **Binômio**, no que se refere às questões de gênero, o jornal tinha a compreensão que provavelmente era a do senso comum da época.

“TOMADA DE CENA”

Em novembro de 1957, surgiu uma nova seção de cinema, “Tomada de Cena”, assinado por Luís Carlos Oliveira. **Binômio** já havia tentado, com “Fora de Foco” (1955), ter uma coluna especializada neste setor, mas dentro de um estilo de redação diferente. Criada por Cyro Siqueira, “Fora de Foco”, que teve curta duração, se propunha a fazer crítica cinematográfica pelo ângulo da gozação. Já “Tomada de Cena” era uma coluna convencional, dedicada à divulgação da programação de cinema em Belo Horizonte, que fazia parte das mudanças do **Binômio - O Jornal da Semana**.

¹⁵ Vide informação diferente em RABÊLO (1997:32).

Essa seção tinha uma linguagem irônica e ferina, criticando tanto os filmes, como também, as próprias salas de projeção, como a do cine Acaiaca, “o único forno do mundo que tem ar refrigerado (...) esquentativo, (...) uma novidade mineira”.

“Tomada de Cena” tinha um problema sério: Luís Carlos se empolgava ou exagerava no comentário e acabava contando o filme todinho, numa verdadeira “roubada de cena”, como se pode ver, a seguir, ao comentar o filme Alma Satânica:

“(…) termina caindo no ridículo, com o final mais visto e copiado que se pode imaginar, o personagem vivido por François Perier morrendo envenenado e sua algoz - Micheline Presle - exaurindo lentamente de fome, presa pelo dito Perier”
Binômio - O Jornal da Semana, 29/07/59).

Essa coluna não apresentou uma regularidade, aparecendo, sumindo e reaparecendo algumas vezes. Teve um período em que foi substituída por “Trailer”, que apenas informava a relação dos filmes em cartaz.

Foi durante essa fase que **Binômio** deu início a sua homenagem aos Dez Melhores Deputados do Ano, eleitos pela bancada da imprensa da Assembléia Legislativa, com um jantar devidamente documentado. Segundo o próprio jornal, essa homenagem “foi uma demonstração de apreço e respeito ao poder legislativo, transformando-se em uma festa de profundo significado democrático” (sic!) (**Binômio - O Jornal da Semana**, 20/12/1957).

Naqueles últimos anos da década de 50, **Binômio - O Jornal da Semana**, a maior tiragem da imprensa mineira ia de vento em popa. Suas denúncias eram reiteradamente confirmadas. Algumas, inclusive, deram origem a comissões parlamentares de inquérito, sindicâncias, processos. Recebia congratulações da Câmara dos Vereadores – edição de 30/06/1957 –, transformava-se em marchinha de carnaval, chamada “O Repórter do **Binômio**” (ARANTES, 1992; AULICUS, 1993), marchinha que foi sucesso no carnaval de 1958, em Ubá:

“Você andou fazendo atrapalhada por aí,
Eu quis lhe dar conselho,
Você começou a rir.
Mas eu quero ver se você ri,
A hora que o repórter do **Binômio** descobrir.

Quá, quá, quá, quá,
Agora você pode rir,
Depois você vai chorar.”

Metamorfoseava-se em bebida, um coquetel lançado pela lanchonete Pólo Norte para homenagear o jornal:

“(…) Trata-se de **Binômio-Extra**, que o Pólo Norte está lançando com grande sucesso, e que é uma mistura deliciosa de uma porção de coisas brabas. O **Binômio-Extra** vai agradar até a gente do Governo” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 13/01/1957).

Expandia-se pelas Gerais e outros estados do país, conforme informações do próprio jornal, circulando em quase todas as cidades de Minas, onde tinha mais leitores que todos os outros jornais reunidos, sendo vendido no Rio, Vitória e Goiânia, “com assinantes em todo o Brasil e até fora do país: em Portugal, Espanha, Itália, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Noruega e México” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 02/09/1957).

Transformou-se, também, em documentário filmado pela Falabella-Filmes, que representava a Vitória-Filmes em Minas, para ser exibido em seu jornal de atualidades, Brasil-Movietone, em mais de 1.400 cinemas por todo o Brasil (**Binômio - O Jornal da Semana**, 28/10/1957). Esse documentário foi noticiado pelo próprio jornal em 09/09/1957, mas não se conseguiu saber ao certo se foi exibido na época e nem mesmo obter notícias de seu paradeiro. Havia também o programa “**Binômio** nos Esportes”, na Rádio Inconfidência, aos domingos, de 12h45 às 13h, que aparece noticiado na edição de 28/10/1957. Portanto, pelo que tudo indica, foi nesse período que **Binômio** viveu “um momento particularmente brilhante”, apesar da discordância de RABÊLO (1997:54).

A credibilidade desse semanário junto ao público leitor era enorme. Centenas de denúncias eram regularmente enviadas à sua Redação. Segundo os entrevistados, havia muita seriedade na apuração de cada uma delas. E só eram divulgadas aquelas que, depois de investigadas, ficassem devidamente comprovadas. Até mesmo em casos de crime comum, quando as soluções apresentadas pela polícia não pareciam convincentes, a opinião do jornal tornava-se um parâmetro. Este foi o caso, por exemplo, do assassinato do milionário Aziz

Abras. A polícia havia considerado o crime solucionado quando a empregada confessou sua autoria,

“mas a opinião pública de Belo Horizonte não está acreditando. E tanto não está, que durante o sábado e o domingo os telefones do **Binômio** não pararam. Eram leitores que desejavam saber a verdade sobre o assassinato do milionário Aziz Abras” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 11/11/1957).

Assim sendo, apesar da linguagem “com uma veemência cada vez maior, que chegava às vezes aos limites da virulência e da agressão verbal”, como admite o próprio RABÊLO (1997:31), esse compromisso com a veracidade da notícia, era uma das coisas que diferenciava **Binômio** da chamada imprensa marrom, que faz uso de uma linguagem sensacionalista, também, mas visando apenas os objetivos comerciais. Em algumas ocasiões, diante dos questionamentos de leitores, **Binômio** tentou explicar ou justificar seus excessos verbais, assim como a forma extremamente pessoal com que fazia suas campanhas, afirmando que “o verdadeiro padrão de jornalismo”, não comportava “meias palavras, verdades pela metade”, que adotava “como norma de nosso jornalismo aquela expressão popular que fala em “dar nome aos bois”.” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 17/03/1957).

Mas, apesar de seu sucesso (ou por causa disso mesmo) e, também, devido ao seu próprio estilo guerreiro, nem tudo eram flores. À medida que **Binômio - O Jornal da Semana** radicalizava suas posições e, principalmente, sua linguagem, e que crescia sua credibilidade, as ameaças, os processos na justiça e mesmo as agressões físicas se multiplicavam.

De acordo com ARANTES (1992) e AULICUS (1993), o jornalista Dídimo de Paiva, repórter do jornal de 1957 a 1959, por exemplo, sofreu cerca de vinte processos simultâneos movidos por Antônio Luciano, em função da série de reportagens intitulada “Luciano, A Biografia de um Gangster”. José Maria Rabêlo, então redator do **Binômio**, foi agredido por “outro capanga do Luciano” e, segundo a reportagem, acabou apanhando.

Nesse período, além dos tradicionais ataques a Antônio Luciano, o ponto alto de suas campanhas foi a série de reportagens que denunciava casos de corrupção envolvendo direta e indiretamente o governador José Francisco Bias

Fortes. Um dos exemplares dessa série trouxe, estampada em sua primeira página e manuscrita em letras garrafais, a seguinte manchete: “Bias: além de peculatório, negociasta! Só arranjou a importação de trigo, mediante ‘bola’ de quase 5 milhões” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 23/12/1957). Naturalmente, em pouquíssimo tempo **Binômio** já não podia mais ser impresso nas gráficas mineiras. Segundo ARANTES (1992), essa proibição se deu através de um recado de Bias Fortes para a gráfica.

Em resposta a essa proibição, **Binômio - O Jornal da Semana** abriu sua artilharia mais pesada, levando ao seu limite o uso da palavra como arma de luta. Em letras garrafais, a manchete que tomava quase toda a primeira página, era a seguinte: “**Binômio** proibido de circular. Todo o governo mobilizado para liquidar o jornal”. Seu diretor, Euro Luiz Arantes, como já o fizera em outras ocasiões, escreveu a “Carta Aberta ao governador Bias Fortes”, que exemplifica bem o estilo “patético” e “heróico” adotado nesse período:

“Sr. Governador, demorou muito a demonstração de força com que Vossa Excelência nos honrou esta semana, como parte das comemorações do segundo aniversário de seu governo. Quem conhece seus processos de fazer política, baseados nas mais torpes perseguições aos seus adversários, não pode surpreender-se com seu gesto, tentando impedir agora a circulação do único órgão oposicionista do Estado. Sua intolerância democrática que o levou às mais desumanas violências durante a Ditadura, a quem serviu com a subserviência de um lacaios, não será disfarçada com simples referências a hipócritas e mentirosos propósitos de paz” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 03/02/1958).

Binômio, que desde 1955 já vinha tentando adquirir uma oficina própria, criou um Consórcio Gráfico Mineiro para importar máquinas de impressão, mas não chegou a concretizar seus planos. Ficou sendo impresso no Rio a partir de fevereiro de 1958, segundo RABÊLO (1997:33), “primeiro em **O Mundo Ilustrado** e depois na **Tribuna da Imprensa**”, tendo mantido durante muito tempo uma nota na primeira página, que dizia: “Faz hoje ‘tantos dias’ que o **Binômio** está sendo impresso a 500 km de sua sede, por perseguição do governador Bias Fortes”.

O estilo de certa forma sensacionalista e inflamado presente nessa fase do jornal, era comum de se encontrar na imprensa do mesmo período, em

jornalistas como Carlos Lacerda na **Tribuna da Imprensa**, David Nasser, e em revistas como **Maquis**, de Amaral Neto e **O Cruzeiro**.

Os anos 50 foram também a década das grandes reportagens. **Binômio - Jornal da Semana**, a maior tiragem da imprensa mineira participou dessa forte tendência. Na opinião de ARANTES (1992), as melhores reportagens dessa fase foram as seguintes:

- “Instituto Raul Soares: Curral de seres humanos. Espancamentos e torturas para curar doentes mentais. O repórter Mauro Santayana, que se internou como psicopata no Raul Soares, conta para os leitores do **Binômio** a sua impressionante aventura”.
- “Comércio de Seres Humanos” de Roberto Drummond e o fotógrafo Antônio Consenza. Roberto Drummond se fez passar por filho de um rico fazendeiro e comprou um casal de nordestinos em Montes Claros. Ganhou o Prêmio Esso.
- “Fim de semana com o Presidente”, de A. Ponce de León, que se fez passar por estudante de odontologia em Diamantina e acompanhou Juscelino, andando até de helicóptero com ele.
- A reportagem da prisão de Roberto Drummond na porta do **Binômio**, contada de três ângulos: o do repórter de polícia, o de Roberto Drummond e o do seu autor, Euro Luiz Arantes. Feita a seis mãos, sem ninguém saber o que o outro estava apurando. “É uma aula de jornalismo”.
- Com fotos de Antônio Consenza, Euro Luiz Arantes entrevista “o famoso Coronel Bimbim de Aimorés, apontado como mandante do assassinato do prefeito de sua cidade”.

Da fase panfletária, RABÊLO (1979:67) cita apenas mais duas reportagens: “BH repete África do Sul: ódio racial contra pretos e judeus”, por Ponce de León, 1957; e “Trinta quilos de documentos para inquérito do jogo: o **Binômio** reuniu 30 quilos de documentos comprovando o suborno de 80% da polícia civil por um banqueiro de Belo Horizonte”.

Foi durante esse período que houve o lançamento da edição de Juiz de Fora, em setembro de 1958. Segundo ARANTES (1992), a tiragem dessa edição foi aumentada de 150 exemplares para 10 mil, quando ele descobriu que para Juiz de Fora só vale o que acontece em Juiz de Fora. Planejava-se o lançamento de outras edições regionais, em Varginha, Uberlândia, Montes Claros e Governador Valadares, que não chegaram a se concretizar.

Outra preocupação importante do **Jornal da Semana**, que deve ser registrada, se trata de seu envolvimento com as concepções mais modernas de jornalismo: o “jornalismo objetivo”, de linha americana, que trouxe a orientação técnica necessária para poder aprimorar a tendência ao texto sintético, já presente

no jornal. Naturalmente que o termo “objetivo” neste contexto não se refere à isenção ideológica, mas ao tratamento dado à estruturação e à forma do texto. De acordo com ARANTES (1992):

“De 55 pra frente, até 58, o **Binômio** mantinha a linha editorial minha, pessoal. Era como se eu fizesse uma coluna. E eu fazia em função do público. Eu era Sílvio Santos, então, né? No fundo, no fundo, o **Binômio** era Sílvio Santos no início. Não tive escrúpulos com maior ou menor qualidade jornalística. Queria fazer um jornalismo que levasse meu recado. Hoje, coloca-se mulher pelada, mas isto qualquer um faz.”

A tiragem anunciada em 03/11/1958 demonstra que a avaliação de Euro Luiz Arantes estava correta: “Tiragem da presente edição: 54 mil exemplares. Tiragem comprovada por representantes das maiores agências de publicidade do país”, confirmando, assim, que **Binômio** durante a fase panfletária fez juz ao seu slogan. De acordo com RABÊLO (1997), como ainda não havia o IVT (Instituto de Verificação de Tiragem), o jornal costumava solicitar um representante de uma agência de propaganda para acompanhar a impressão do jornal a cada semana, atestando o número de exemplares editados.

Realmente há várias indicações de que o jornal se encontrava numa fase de expansão, pois além da abertura da redação de Juiz de Fora, em outubro de 1958 apareceram anúncios de “Concurso para repórter de **Binômio**”, oferecendo quatro vagas, duas para Juiz de Fora e duas para Belo Horizonte.

Até final de 1959 continuou predominando o vermelho, principalmente na primeira e última páginas e teve início o uso da cor azul, como na diagramação da coluna “O Golpe”, por exemplo.

Mas os ânimos continuavam exaltados. Como mais um indicador da força do **Binômio - O Jornal da Semana** e da presença marcante de seu diretor, Euro Luiz Arantes foi eleito deputado estadual em 1958 (o mais votado em Belo Horizonte). Quando passou a ser processado por Bias Fortes, abriu mão voluntariamente de sua imunidade parlamentar para responder ao processo, do qual foi inocentado.

Esboçando a tendência que iria se tornar a posição ideológica adotada pelo jornal nos anos 60, embora ainda de forma periférica em relação à linha editorial predominante, de 1957 em diante já começou a surgir alguns artigos de

cunho nacionalista, havendo, inclusive, a publicação de uma “Cartilha Nacionalista” em algumas edições.

4.1.4. Fase de pregação ideológica (1960 a março de 1964)

Diferente da passagem da fase humorística para a panfletária, pelo menos de forma explícita, a fase ideológica não foi intencionalmente planejada ou fruto de uma decisão da diretoria de **Binômio**. Como já foi citado anteriormente, a unidade que predominava na linha editorial do jornal, principalmente entre 1955-1958, e que foi verificada na investigação empírica, começou a sofrer alterações mais claras a partir de 1959/60, quando seu diretor, Euro Luiz Arantes já estava exercendo seu mandato. No entanto, foi somente dois anos após sua posse, na edição de 16/10/1961 que, através de uma carta aberta aos leitores, Euro anunciou seu afastamento do **Binômio**. O motivo alegado na carta para deixar a direção foi as exigências de seu trabalho como deputado estadual¹⁶.

Nos anos 60, com as denúncias deixando de ser prioridade, a adesão à ideologia nacionalista e aos políticos que a representavam, ganhavam espaço cada vez maior no jornal. Na edição de 09/09/1963, por exemplo, na reportagem de Carlos Felipe “As Grandes Denúncias do **Binômio**”, bem diferente do balanço anterior feito pelo jornal no início de sua fase panfletária, foram apontadas apenas três denúncias: o contrabando do Nióbio de Araxá, o escândalo da

¹⁶ Em seu depoimento, ARANTES (1992) conta que, na verdade, perdeu o **Binômio**. Só que tanto hoje, como em 1961, não haveria como provar ou esclarecer o problema que aconteceu entre ele e José Maria Rabêlo, só lhe restando a alternativa de sair do **Binômio**. Enquanto José Maria esteve no exílio, apesar da insistência de seus colegas de profissão para que Euro contasse o motivo de sua saída do jornal, ele apenas dizia que não podia falar, porque José Maria estava ausente. Quando ele voltou do exílio, jornalistas de Belo Horizonte promoveram um debate sobre o **Binômio**. Naturalmente que ambos foram convidados como debatedores. Euro compareceu, mas José Maria foi representado por um de seus filhos. Quando perguntaram a Euro as razões de sua saída do jornal, ele voltou a dizer que continuava sem poder falar, porque José Maria não estava presente. Pelo que tudo indica, as justificativas e declarações de Euro Arantes feitas na carta aos leitores citada acima, se deram em função do fato dele não poder provar e, ironicamente não poder denunciar, o que realmente estava acontecendo. Nesta sua entrevista ARANTES (1992) declarou que para poder ir a Cuba em 1961, deixou com J.M. Rabêlo folhas de papel em branco com sua assinatura, pois as máquinas para montar uma gráfica para o **Binômio** estavam para chegar e para retirá-las da alfândega era preciso a assinatura de Arantes, já que a firma do jornal era registrada apenas em seu nome. J.M. Rabêlo, então, fez um novo contrato, onde se registrou e ao Mário Ataíde como sócios do **Binômio**, em uma das folhas assinadas por Euro. Apesar de sua indignação diante do fato, restou-lhe apenas a opção de sair para preservar o jornal que ele tanto adorava. E foi o que ele fez.

Hidrominas e o preconceito contra negros e semitas, sendo que as duas primeiras surgiram em consequência do trabalho parlamentar de Euro Luiz Arantes.

Ao examinar o nome das colunas que surgiram nessa fase, fica evidente que a imaginação criativa andava em baixa: “Política”, “Política Confidencial”, “Um Repórter na Política”, “Sociedade”, “Sociedade Confidencial”, “Um Repórter na Sociedade”, “A Sociedade é Deles”, “Reportagem Exclusiva para **Binômio**”, “Justiça Seja Feita”, “Sem Disfarce: os problemas que a semana deixou”, “Aqui Brasil”, “Aqui Minas”, “Encontro com o Leitor”.

Para tentar transformar o jornal num empreendimento empresarial, o improvisado cedeu lugar às pautas, seções mais especializadas em algumas áreas do jornalismo foram introduzidas, matérias pagas e jogadas comerciais começaram a se multiplicar, com uma presença que mesmo com o passar dos anos soa mal, parecendo mais um implante de uma espécie diferente que não deu certo ou coisas postiças que de qualquer forma descaracterizaram **Binômio**.¹⁷

Ao longo desse período, além da pregação da ideologia nacionalista, do apoio incondicional a Jânio Quadros, Jango Goulart, Leonel Brizola e, por incrível que pareça, a Magalhães Pinto, em 1962, o jornal foi mobilizado prioritariamente para apoiar a candidatura de José Maria Rabêlo à prefeitura de Belo Horizonte, que, mesmo assim, não conseguiu se eleger.

O outro foco principal de sua atenção eram as fofocas de determinado universo social feminino, criticado por Roberto Drumond:

“O **Binômio** precisa voltar ao passado, deixar essa fase de jornalismo de colegial de férias, irresponsável e leviano e fazer um autêntico jornalismo. A equipe do jornal precisa saber que o sério e grande público não pode viver de fofocas de garotas propaganda, moças de amor livre, misses, etc.” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 30/09/1963).

A última notícia encontrada a respeito da tiragem dessa fase está na edição que fez a cobertura da renúncia de Jânio Quadros:

¹⁷ A publicação de matérias pagas começou a aumentar em torno de 1957, com a divulgação de feiras das indústrias e do comércio, lançamentos imobiliários, enfim, reportagens abordando acontecimentos do mundo financeiro, empresarial e comercial. Além disso, em 1961, teve início o concurso As Personalidades do Ano, que elegia empresários e banqueiros para compor as listas. Isto sem falar que o **Binômio** promoveu até baile de debutantes em Juiz de Fora.

“(...) A última edição do **Binômio - Jornal da Semana**, com cobertura dos acontecimentos políticos e militares, marcou um recorde em toda história da imprensa de Belo Horizonte. Domingo e segunda foram vendidos 30 mil exemplares de nosso jornal, tendo grande número de bancas solicitado, sem ser possível atendê-las, o aumento de suas cotas.” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 11/09/1961).

É difícil entender essa informação, pois, como vimos, o próprio **Binômio** já havia divulgado uma vendagem superior a esse recorde, com a “Edição Imprópria para Menores”, publicada em seu primeiro ano, na fase humorística, que vendeu 32.500 exemplares, assim como tiragens de 54 mil exemplares, em 1958. Isto sem falar num fato significativo: já fazia um bom tempo que o jornal havia deixado de acrescentar ao seu nome o slogan “a maior tiragem da imprensa mineira”.

Em outubro de 1963, um mês antes de se auto intitular “**o primeiro grande magazine da imprensa brasileira**”, **Binômio** anunciou que havia se filiado ao Instituto de Verificação da Circulação e que era o primeiro jornal de Minas a fazê-lo: “(...) A partir do próximo mês, todas as nossas tiragens serão controladas por aquele organismo”. Mas não foram encontradas outras referências em relação ao assunto.

A melhora que o jornal teve nesses últimos anos e que não poderia deixar de ser visível, se refere a sua parte gráfica, que atingiu o auge de seu aprimoramento em seus últimos meses, com a implantação de seu programa de reformulação, chamado primeiro de “Esquema-64” e depois de “Objetivo-64”, que visava transformar **Binômio** num magazine, conforme palavras do próprio jornal:

“O trabalho de inteira reformulação do jornal chega agora à primeira página. Abolindo a manchete, aumentando o espaço do título e valorizando ao máximo as fotografias, conseguimos a verdadeira imagem de um semanário, nos moldes dos mais modernos magazines da Europa e dos Estados Unidos da América” (**Binômio - Jornal da Semana, O Primeiro Grande Magazine Brasileiro**, 18 a 24/11/1963).¹⁸

Um dos fatos mais significativos desse período ocorreu em dezembro de 1961, quando **Binômio** foi invadido por tropas militares. Apesar de ser

¹⁸ Essa foi a primeira edição com mudança no logotipo do jornal e com tamanho standard.

constantemente divulgado que houve empastelamento, isso não ocorreu, pois o jornal não tinha gráfica própria. Sua redação é que foi totalmente metralhada, inclusive os banheiros, mesas e cadeiras quebrados e os arquivos apreendidos. Ninguém se feriu, porque o irmão de Euro Luiz Arantes, o jornalista José Martins Arantes, que na época prestava o serviço militar (o CPOR participou, também, da invasão), pôde avisar o que estava para acontecer a tempo do prédio ser evacuado (ARANTES, 1992).

Antes de ocorrer a invasão, o General Punaro Bley procurou José Maria RABÊLO (1997:91) para reclamar da matéria redigida por José Nilo Tavares e publicada em 18/12/1961, com a manchete “Democrata hoje, fascista ontem. Afinal, quem é esse general Punaro Bley?”, que contava a história da carreira militar e política do general. Nesse encontro ocorrido na redação do **Binômio**, acabou havendo agressão física entre o general e José Maria. Algum tempo depois Punaro Bley voltou com as tropas e invadiu o jornal.

Em relação ao humor, permaneceram praticamente as mesmas colunas já comentadas antes. Por volta de 1961, “Place Pigalle” e “Aparte das Galerias” foram diminuindo sua frequência até não aparecerem mais, sendo que não foram substituídas por nenhuma outra coluna de humor. Foi no final desse ano, também, que o expediente nascido do editorial de seu primeiro número, já citado anteriormente, expondo os princípios de **Binômio**, deixou de ser publicado, sendo substituído por um expediente comum. Houve um período (1962/63) em que mesmo “Rádio, TV e Boite” deixou de sair, tendo sido estranhamente anunciado seu lançamento em 30/09/1963, como parte do “Objetivo-64” ou “Esquema-64”. Somente em outubro de 1963 que aconteceu realmente o lançamento de uma nova seção humorística, chamada “Contragolpe” por Sargento Legal (Gladston Tavares Collins), que durou apenas cinco meses, devido ao fechamento do jornal em março de 1964. Essa seção não chegou a caracterizar um estilo como aconteceu com “O Golpe”, publicando apenas uma série de piadas, algumas delas bem parecidas com antigas tiradas do General da Banda, que mesmo sem Celius Aulicus e sem a mesma graça, continuava saindo.

Com o Golpe Militar de 1964, a aventura do **Binômio** chegou ao fim e como costuma acontecer com os heróis, não teve *happy end*. Euro Luiz Arantes passou cerca de 12 anos sem conseguir emprego. José Maria Rabêlo, em função da briga com o Gal. Punaro Bley, optou por se exilar. E Celius Aulicus, além de ficar sem conseguir trabalhar por volta do mesmo tempo que Euro, foi preso várias vezes devido a sua ligação com o Partido Comunista. Assim, após um tanto de peripécias, acertos e conflitos, como um aviso de que os tempos mudaram e com eles, a função da imprensa, a própria forma de se fazer jornal e de exercer a profissão de jornalista, nosso herói saiu de cena, definitivamente.

4.2. Binômio lido como personagem paradigmático: o herói de três faces

4.2.1. O herói e o paradigma do malandro

“O começo é tudo.” (Guimarães Rosa)

O aspecto trágico que costuma marcar a trajetória dos heróis brasileiros, se manifestou, no caso do **Binômio**, de forma tragicômica no próprio ato de sua criação. Seu primeiro número veio à luz tendo como estrutura onde se apoiar, apenas a ousadia e a irreverência: apesar de pobre, feio, pequeno e impresso em papel de péssima qualidade, como um herói dos espaços intersticiais e ambíguos (DA MATTA, 1990), declarava com estardalhaço a intenção de se colocar contra o monopólio da informação exercido pelo Palácio da Liberdade e como oposição ao governo do já então popular, Juscelino Kubistchek. **Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente** não surgiu, irrompeu, bradando logo na primeira página de seu primeiro número:

“Também somos da quebradeira. (...) A fim de evitar possíveis dúvidas, avisamos a todos os nossos leitores que esse jornal é sério, muito embora as pessoas e episódios que aqui aparecem nem sempre o sejam”.

Mantendo a tradição de nossos heróis, **Binômio** não tinha nada de comum, nada do *regular guy*. Além do que já foi descrito acima, logo em seu nascimento foi possível identificar outros sinais peculiares. Lançado a 17 de

fevereiro de 1952, esse número pode ser percebido como um verdadeiro manifesto, onde foram claramente enunciados seus princípios, suas intenções e seus objetivos, que foram cumpridos com fidelidade, pelo menos ao longo de suas duas primeiras fases.

A fim de atestar o fato de ser sincero e honesto e, portanto, diferente dos outros jornais, seu primeiro editorial, depois de pronto, teve seu número de palavras cuidadosamente contadas, trazendo, no lugar do tradicional “Duas Palavras ao Leitor”, o título “Duzentas e sessenta e nove palavras ao leitor”. Comparava-se a um dentifrício da época, cujo anúncio dizia não fazer milagres, mas ser um bom dentifrício e justificava o fato de estampar em seu cabeçalho o slogan **órgão quase independente**. Numa clara referência ao apoio financeiro dado pela bancada da UDN para a impressão desse seu primeiro número, declarava:

“Não é independente como dizem ser todos os nossos colegas. Mas é quase independente, como nenhum de nossos colegas conseguem ser. Temos noventa e nove por cento de independência e um por cento de ligações suspeitas. O oposto exatamente do que acontece com os nossos ilustres confrades, que têm um por cento de independência e noventa e nove por cento de ligações mais suspeitas do que mordomo de filme policial americano”.

Outros pontos foram identificados como se constituindo em marcas diferenciais entre **Binômio** e seus “quase indignos colegas” e que passaram a integrar, como já foi dito, o expediente do jornal por cerca de dez anos. De acordo com a citação feita anteriormente, ao contrário dos outros jornais, a diretoria se responsabilizava por todas as matérias publicadas, inclusive pelos artigos assinados, se comprometia a devolver os originais não publicados e a não aceitar publicidade das empresas, firmas, organizações e órgãos públicos e privados, que procurassem controlar a imprensa por intermédio da publicidade. Tratava-se de uma verdadeira declaração de rebeldia e irreverência, mostrando que, assim como um herói tipicamente nacional de rituais de inversão da ordem social, não veio para se enquadrar nas normas vigentes, nem nas normas estabelecidas pela grande imprensa, nem naquelas que eram ditadas pela conduta social e muito menos pelas regras estabelecidas pelos políticos e poderosos daquele período. Como bem definiu um humorista da época:

“A parte propriamente fenomênica de **Binômio** está no expediente (...). Um jornal com um expediente assim – e que se denomina “órgão quase independente” – é muito raro. Mais raro do que um galo de três pernas e um bezerro de duas cabeças” (**Publicidade e Negócios**, 20/12/1952; **Binômio - Sombra e Água Fresca**, 28/12/1952).

Em função desses sinais peculiares, nosso herói, nesse mesmo editorial histórico, declarou ser um jornal fadado ao sucesso, levando pelo menos a vantagem de não ter concorrente na praça. Essa promessa, que é ao mesmo tempo um vaticínio de sua destinação, foi cumprida plenamente por **Binômio** e coincide com a promessa de algumas de nossas personagens paradigmáticas, e com aquilo se que se aspira para o nosso próprio país: Brasil país do futuro. Portanto, pode-se afirmar que era “a curvatura da sociedade que engendrava a dramatização” (DA MATTA, 1990), sendo revelada na própria trajetória do herói: o jornal procurando tornar-se o que ainda não era, acenando com um futuro promissor e grandioso, que de fato veio a se realizar.

Ao ascender socialmente, **Sombra e Água Fresca** usufruiu de um sucesso sem precedentes, só comparável ao que **O Pasquim** obteve nos anos 60, de acordo com o próprio Ziraldo (RABÊLO, 1997:160), que foi chargista do **Binômio** no final de sua fase humorística: “O **Binômio** virou uma febre, só repetida, alguns anos depois, nas areias de Ipanema, com seu irmão carioca, **O Pasquim**.”

No entanto, apesar de sua fama, sua popularidade e do sucesso alcançado, teve sua trajetória marcada pela busca constante de sobrevivência e colocou em prática um modelo de sobrevivência e de sucesso que não incluía sua integração na ordem social. A fim de comprovar esta afirmação, basta lembrar da “Edição Imprópria para Menores”, lançada em resposta à primeira apreensão sofrida pelo jornal sob a alegação de imoralidade. Reunindo contos, piadas, notícias e reportagens dos jornais da grande imprensa, **Binômio** perguntava aos leitores quem era imoral, ele ou os jornais sustentados pelo governo, de onde havia transcrito as matérias. Anunciando o lançamento da “Edição Imprópria”, avisava ao público leitor no número anterior:

“No próximo domingo, o **Binômio** circulará extraordinariamente, com uma edição imprópria para menores de 18 anos. Esse número o senhor não deve levar para casa. É apenas para ser lido e rasgado imediatamente”.

E na “Edição Imprópria”, pode-se encontrar coisas do tipo:

“A Única Coisa Que Getúlio Quer: “Deitar-se na Cama com o Brigadeiro”. “Já o bolinou e agora quer desviá-lo”. “O Monstro pretende das mulheres o melhor, que é ainda o amor carnal”. Para o senador Assis Chateaubriand, o presidente da República é um desvirginador de donzelas incautas. “Enorme o amor que ele dedica às carnações novas”.

No corpo da matéria, a redação explicava que a manchete acima foi retirada do artigo **O Monstro Loiro de Itu**, escrito por Assis Chateaubriand e publicado no dia 7 de outubro de 1952 no **Estado de Minas**. Nesse artigo, o autor compara Getúlio Vargas, então presidente da República, com o tarado de São Paulo. Assegurando nada acrescentar, a não ser os títulos e explicações marginais necessários à melhor compreensão do leitor, **Sombra e Água Fresca** reproduz a matéria, que se inicia, assim:

“Ele aparece, no sul, como seu êmulo surgiu em São Paulo. Ambos se parecem na identidade dos métodos de desviar pessoas incautas, atraindo-as aos bosques cerrados para possuí-las e estrangulá-las. Agora, ambos os monstros inquietam a sociedade brasileira, com a ousadia de sua agressividade.(...) Qual dos dois tem mais volúpia de carne tenra, de musculozinhos frescos, desses que a gente põe na boca e o filet se desfaz em polpa de pêssego macio?”

Prossegue dizendo que outrora o “Monstro” era viciado nas balzaquianas, mas que com o passar do tempo, ele passou a preferir os brotos. Abaixo do subtítulo – “Quer Deitar-se com o Brigadeiro” –, a redação informa que o senador faz uma revelação importantíssima, descrevendo os planos do presidente da República:

“O Sátiro poderá estar pensando a esta hora em tudo: seja na guerra da Coréia, como no preço do feijão. Menos em ministério, mudança de ministro, contradança de partido. O que ele almeja é só uma coisa, uma coisa só: deitar-se na cama com o Brigadeiro, conspurcar-lhe a pureza, desnudando-o e beijando-o com os beijos ávidos, ricos de sensualidade e do amor que ele tem pelas carnações novas.”

Com o subtítulo - “O Gostoso Vai ser Agora”- **Binômio** explica que o senador paraibano continua sua descrição rica em detalhes, revelando seus conhecimentos sobre a vida de Getúlio Vargas:

“É fato que ele já teve o Brigadeiro, que bolinou o Brigadeiro. (...) Mas ‘Brotinho’ em 29, 30 e 32, tinha 12 ou 13 anos; não sabia o que fazia. Era totalmente inocente das intenções daquele que pretendia desviá-lo. O gostoso vai ser agora: fazer o Brigadeiro Miss 1952” (**Binômio - Sombra e Água Fresca**, 16/11/1952).

O artigo de Assis Chateaubriand prossegue fazendo advertências paternais quanto aos golpes que o “Monstro” costuma pregar e conclui dizendo que o Brigadeiro - que segundo o jornal era Eduardo Gomes - tem resistido às galanterias do presidente da República, que tudo faz para conquistá-lo. Acredite se quiser!

Portanto, foi como um herói das zonas ambíguas da ordem social, como um relativizador das leis, regulamentos e moralidades (DA MATTA, 1990), que **Sombra e Água Fresca** se impôs.

Sua vocação para a vingança e para o desmascaramento, juntamente com seu espírito malandro se encontram estampados no próprio nome escolhido: **Binômio - Sombra e Água Fresca**. Um nome que, ao mesmo tempo que ridicularizava o programa de governo de Juscelino Kubistchek, usava as próprias armas da malandragem para declarar o que todos sabiam, mas que ninguém dizia: o lado malandro do governador mineiro, conhecido como boêmio e pé de valsa, expondo, também, o que de fato, de acordo com o jornal, ele prometia a seus correligionários e colaboradores: no lugar de energia e transportes, uma vida de sombra e água fresca.

Portanto, desde o seu nascimento, o jornal se propunha a seguir suas próprias normas e não as regras formais do sistema, se colocando como um *outsider* em relação à grande imprensa. Além do que foi exposto, seu tamanho tablóide e sua linguagem humorística, tornaram **Sombra e Água Fresca** tão individualizado quanto um malandro o é em sua maneira de se vestir, falar e andar. Sem falar que essa epígrafe do jornal, por si mesma, se refere diretamente ao ideal e à promessa do mundo da malandragem.

Assim como a malandragem aprovada socialmente, **Binômio** em sua fase humorística gostava de viver perigosamente e viveu “comprometido no ponto certo do equilíbrio entre a ordem e a desordem” (DA MATTA, 1990), sobrevivendo do improviso, com saídas altamente criativas, sempre “dando um jeitinho” para compensar sua precariedade, como, por exemplo, valendo-se de notícias com duplo sentido, entrevistas fictícias, uso metafórico de fotografias e outras. Dessa forma, **Sombra e Água Fresca** conseguia inverter as desvantagens

em vantagens através de seu espírito astuto, galhofeiro e, de certa forma, inconseqüente.

Além da foto de JK ‘plantando bananeira’ já citada anteriormente, um outro exemplo desse uso metafórico das fotos se encontra na primeira edição de novembro de 1953, na seção “Um fato em foco”, onde aparece uma fotografia tirada de cima, de um bando de porcos comendo, com a seguinte inscrição logo abaixo: “Convenção do PSD”. E, em relação às notícias de duplo sentido, pode-se citar como exemplo a que foi publicada em sua terceira edição, que trazia estampado na primeira página, o seguinte:

“Vergonhosa tentativa de suborno - O Governador oferece 20 mil cruzeiros ao diretor do **Binômio** para retirar o jornal de circulação. Escândalo sem precedentes na vida pública de Minas”.

No corpo da matéria, depois de mostrar a excepcional gravidade da denúncia, apresentando seus protestos em relação à baixeza e desmoralização da autoridade no Brasil, publicou uma carta que concluía propondo o suborno, trazendo, segundo o jornal, uma assinatura ilegível logo abaixo de “*P. O Governador*”. E, no final, a nota da redação com a seguinte explicação:

“N.R. - Como se sabe, O Governador é um semanário humorístico editado em São Paulo, e que tinha larga aceitação em Minas, até o lançamento de **Binômio**. Depois disso as suas vendas caíram assustadoramente” (**Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, 09/03/1952).

Sua postura era totalmente emocional, ditada pelo coração. Não se tratava de modificar o mundo. Sua ânsia por justiça e por uma sociedade diferente passava pela conformidade com as leis e a ordem, lutando para que de fato elas fossem respeitadas e aplicadas igualmente para todos. Por meio de seu humor e de sua irreverência, o jornal pretendia uma moralização da sociedade, principalmente das elites dominantes. Provocava indignação no **Binômio**, assim como nos malandros, a ausência de um relacionamento social respeitoso e justo entre ricos e pobres. A perseguição aos poderosos se fazia através da ridicularização dos símbolos de poder e da hierarquia da sociedade dos anos 50. Tal qual Malazartes, **Sombra e Água Fresca** “recoloca a esperança de corrigir o mundo, compensando as diferenças sociais”, utilizando a arma dos fracos: a zombaria e a sagacidade (DA MATTA, 1990).

Foi detectado, também, durante sua fase humorística, que **Binômio** fez, de certa forma, o papel de bufão de Juscelino, embora não tenha sido escolhido pelo “rei” e sua “corte” para desempenhar este papel. Mas assim como o bufão, constituía-se num verdadeiro feixe de paradoxos (NEVES, 1979). Se opunha às normas de conduta social, através de um comportamento que nada tinha de “razoável”, “sensato”, “prudente”. Juscelino Kubistchek era o primeiro a rir e se deliciar com a suas piadas, tanto por seu apurado senso de humor, como, talvez, por saber que reagir seriamente às piadas do **Sombra e Água Fresca** podia significar uma auto-acusação, ou seja, levar à sério o que é jocoso e, portanto, “mentira”, é atribuir-lhe seriedade, tornando-o verdadeiro.

Um segundo paradoxo do bufão que coincide com características do jornal, é que embora o **Sombra e Água Fresca** tivesse uma aparência que não inspirava confiança, digna de riso ou menosprezo, ele dizia verdades que aparentavam graça, gratuidade, brincadeira. E por ser da chamada imprensa nanica, e ter, portanto, um caráter singular e incomum ou mesmo anômalo, sua crítica e sua agressividade atingiam dimensões neutras, pois na medida em que era um *outsider* sua fala se tornava ambígua, pois assim como o bufão o humor binomiano foi “mais uma desvairada consciência crítica anárquica do que consciente porta-voz de segmentos facilmente discerníveis na formação social” (NEVES, 1979), ou seja, falava por todos, logo falava por ninguém.

Semelhante ao bufão, como opositor **Binômio** atuava nas esferas dominantes da sociedade sem fazer parte delas, se constituindo num adversário, num estrangeiro e, portanto, numa personagem sociologicamente solta, estranha, desenraizada, que de certa forma não pertencia mais ao seu grupo social de origem e detinha um certo poder de influência sobre os círculos dominantes, na medida de sua popularidade e sucesso. Esta falta de enraizamento num grupo social ou numa classe, torna-se mais claro no fato do **Binômio** ter permanecido a maior parte de seus anos de existência sem se comprometer com um determinado grupo ou partido político, o que lhe permitia denunciar os conflitos ou mesmo fazer eclodir ou acirrar artificialmente conflitos, sem ser portador de uma nova ideologia:

“Ele [o bufão] apenas mostra que determinados indivíduos não estão observando as regras que esses mesmos indivíduos consideram como adequadas e sustentam para si e para os outros. (...) Não é um cruzado que luta pela instauração de uma nova moralidade, revolucionária em relação à dominante; é um ator que tem um poder reformador, no sentido de que re-alimenta o sistema com os valores que o mesmo sistema criou e que estariam sendo esquecidos ou apenas transgredidos” (NEVES, 1979).

Portanto, visto como malandro ou como bufão, com uma trajetória marcada por inúmeras peripécias, vencendo obstáculos de várias ordens, inclusive duas apreensões em seu primeiro ano de vida, escandalizando a tradicionalíssima capital mineira ao transformar tudo o que era considerado solene em motivo de jacota, foi conquistando seu espaço e seu público e se afirmando, principalmente, por ser a própria presença da inversão, da ironia e do deboche: **Sombra e Água Fresca** e o que sobreviveu de seu espírito malandro, pode ser considerado como um elemento de carnavalização da realidade, o que será melhor demonstrado na análise do humor binomiano.

4.2.2. O herói e o paradigma do justiceiro

“...quem é mais que havia de obedecer a um homem que não vinga gente sua, morta de traição? É a regra!” (Guimarães Rosa)

Como já foi dito anteriormente, a fase panfletária (1956-1959), se iniciou com a escolha de uma nova linha editorial. O deboche e a irreverência com que realizava sua crítica política passaram a ocupar um plano secundário e, seguindo a tendência que já vinha ganhando espaço em suas páginas, optou por se tornar um órgão de combate. Essa transformação se evidencia na própria mudança ocorrida em seu nome: no lugar da epígrafe **Sombra e Água Fresca** - lema e promessa da malandragem - **Binômio** se rebatizou com o epíteto “sério” e “neutro” de **O Jornal da Semana**¹⁹, acrescido do slogan “**a maior tiragem da imprensa mineira**”.

¹⁹ Em seus últimos meses de existência, **Binômio** voltou a modificar mais uma vez o seu slogan. Portanto, no próximo item – O herói e o paradigma do renunciador –, o assunto será retomado, discutindo-se possíveis significados ritualísticos das mudanças de nome.

Uma nova maneira de ser se firmou ao longo desses próximos três anos. Analisando a letra da marcha de carnaval O repórter do **Binômio**, já citada, torna clara a “vocação” dessa outra face do herói. Essa marchinha de carnaval, um verdadeiro hino da fase panfletária, advertia àqueles que tivessem fazendo atrapalhadas por aí, que eles iriam chorar ao invés de rir, quando o repórter do **Binômio** descobrisse. Portanto, era sobretudo através das denúncias de corrupções, injustiças e desmandos, que esse órgão realizava sua vingança contra os poderosos e enaltecia as virtudes da honra e da justiça.

Portanto, durante esse período constatou-se uma série de semelhanças existentes entre a maneira de ser do jornal e as características fundamentais do justiceiro, o vingador generalizado ou categórico (HOBSBAWN, 1975). No Brasil, o caso concreto mais conhecido desta personagem paradigmática é Lampião (DA MATTA, 1990). Assim como ele e outros cangaceiros, **Binômio** se colocou de forma violenta e ofensiva para fazer a sua crítica e o seu protesto em relação aos poderosos.

Como já foi dito, até por volta do início dos anos 60, **Binômio** continuou optando por não se tornar porta voz de uma ideologia ou partido político. Sempre teve uma tendência progressista de esquerda, mas não falava em nome de nenhum grupo político, não se encontrava a serviço de ninguém. Sua liberdade e sua independência eram as do herói comprometido com suas próprias causas, orientado por seus próprios princípios de natureza humanística, procurando informar, “doar a quem doar” e abalar com suas denúncias a estrutura social.

Tal qual o malandro, o justiceiro não deseja transformar o mundo. Ao encarnar o vingador generalizado, **O Jornal da Semana**, a maior tiragem da imprensa mineira, procurava, com a radicalização de sua postura combativa, promover a justiça social com suas próprias mãos e com seus próprios recursos, destruir seus inimigos para restabelecer a ordem social e seus valores de honra e respeito. Assim como costuma acontecer com o justiceiro, desse conjunto de traços de sua personalidade social derivou sua popularidade e legitimidade. Através de sua nova maneira de ser, tornou-se célebre atuando como um vingador generalizado.

Para Roberto da MATTA (1990), a vingança tem um significado bem importante na dinâmica de nosso sistema social hierarquizado, constituindo-se em elemento que paradoxalmente contribui para a manutenção da ordem que rejeita.

“Realmente, na vingança fica posto o primado das ligações pessoais, algo básico em sistemas hierarquizados, onde o confronto e a satisfação da honra e da dignidade têm que ser canalizados para que a estrutura de posições sociais, títulos e privilégios seja abalada. Desse modo, os sistemas de relações pessoais permitem sempre a conversão de conflitos que têm sua causa ou motivação na exploração econômica ou política para o plano moral onde são percebidos e, às vezes, resolvidos como uma luta pessoal: seja entre famílias, seja entre indivíduos. Não é o sistema que é considerado como mola mestra do conflito, mas certos indivíduos que representam posições importantes no sistema. Culpa-se a pessoa e nunca o sistema de identidades sociais que essas pessoas estão desempenhando (GLUCKMAN, 1963). Um sistema institucionalizado de vingança, portanto, canaliza os conflitos e permite a tradução dos problemas universais como assuntos pessoais, não deixando que o problema seja visto como parte do sistema de relações econômicas e políticas.”

Para DA MATTA (1990), a vingança retrata um dos pontos centrais do dilema brasileiro. Ao tornar pessoais os problemas que têm sua origem na própria estrutura do sistema, nem o sistema nem suas instituições são colocados em questão. Com isto, se mantêm a salvo de transformações significativas, o que, ironicamente, possibilita a preservação de ambos.

Através da investigação empírica desse período, verificou-se que esta dinâmica analisada por GLUCKMAN (1963) e que foi utilizada por Roberto DA MATTA (1990) para compreender aspectos importantes de nossa formação social, foi expressa de forma cristalina pelo **Jornal da Semana**. Como vingador generalizado de um sistema hierarquizado, transferia para o plano moral o que se originava na exploração econômica e política, tentando resolver esses conflitos via luta pessoal. Os próprios leitores chegaram a escrever criticando a forma extremamente pessoal com que o jornal realizava suas campanhas. É o que se pode ver nessa carta de um leitor que se apresentou como antigo admirador do **Binômio**, publicada em “Sapo de Fora”, que questionando a personalização da campanha contra a Caixa Econômica, devido aos ataques feitos pelo jornal à pessoa de Moura Costa, presidente daquela entidade, concluía:

“Vamos convir: os senhores agem certas vezes como se fossem guiados por questões meramente particulares, pessoais, mesmo, o que prejudica grandemente as suas campanhas.”

E a resposta dada pelo jornal foi a seguinte:

“(...) os ladrões não podem ser colocados à margem do furto, porque o criminoso e o crime se confundem.(...) Para nós, o ladrão deve ser chamado de ladrão, o ‘gangster’ de ‘gangster’, o bandido de bandido, seja ele quem for, rico ou pobre, preto ou branco, Canedo ou Bhering, Chatô ou Ademar, ‘Sete Dedos’ ou Moura Costa. Daí adotamos como norma de nosso jornalismo aquela expressão popular que fala em ‘dar nome aos bois’” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 17/03/1957).

Sem dúvida que a vingança percebida como sistema institucionalizado, esteve presente, também, durante a fase humorística do **Binômio**, pois assim como o justiceiro, o malandro não luta contra o sistema e suas instituições, mas contra quem os representa. No entanto, como era realizada através do deboche e da irreverência, seus efeitos eram consideravelmente suavizados, afetando ou abalando de formas aparentemente menos drásticas, como se verá na análise do humor binomiano. Naturalmente que este efeito não é próprio do cômico em si mesmo, mas da ideologia dominante que relaciona o cômico com o falso.

Na fase panfletária, o nosso herói foi novamente testado, enfrentando provas mais duras, conseguindo obter vitórias significativas. Ao tentar promover justiça com suas próprias mãos, **O Jornal da Semana** foi perseguido por seus inimigos, tendo de ser impresso no Rio de Janeiro, pois como já foi mencionado, as gráficas mineiras foram proibidas de imprimi-lo pelo governador José Francisco Bias Fortes, além de seu diretor, Euro L. Arantes e alguns de seus repórteres terem sofrido vários processos na justiça e agressões físicas. Através da palavra, exerceu a violência, com o objetivo de destruir moral e politicamente seus inimigos, usando e abusando da tática que diz que a melhor defesa é o ataque.

Vestindo-se com o vermelho, a cor do combate, da impulsividade e da paixão e as com armas da verdade e da justiça, extrapolava às vezes a função e o papel tradicionalmente exercidos pela imprensa, colocando em relevo em tons rubros, os escândalos, os roubos, “os ratos dos cofres públicos”. No episódio da FERTISA, por exemplo, além das denúncias, realizou uma investigação

aprofundada sobre o caso, que resultou em várias horas de depoimento prestados por seu diretor, Euro Luiz Arantes, à comissão de inquérito da Assembléia Legislativa²⁰, que foi constituída, como em vários outros casos, em função da campanha movida pelo **Jornal da Semana, a maior tiragem da imprensa mineira**.

Determinadas edições tiveram verdadeiros efeitos bomba, comparáveis às cenas de filmes de guerra que mostram uma cidade em chamas, sendo invadida por tanques. Ao ler essas edições é possível, ainda hoje, sentir os abalos sísmicos, as trepidações, solavancos e verdadeiras explosões atômicas que provocavam em larga escala. É o que se pode ver pelas manchetes de primeira página que se seguem, muitas delas escritas em vermelho:

“Generais (fascistas) Tramam a Restauração da Ditadura - a falência do executivo, a covardia do judiciário e a desmoralização do legislativo, levam ao aniquilamento do regime (...)” (**Binômio - O Jornal da Semana, a maior tiragem da imprensa mineira**, 02/09/1956)

“Capitulação humilhante de um governo de frouxos -Transformada Belo Horizonte numa cidade sem lei - Governo ao rés do chão” (**Binômio - O Jornal da Semana, a maior tiragem da imprensa mineira**, 13/01/1957).

“De Pé Todas as Acusações Contra o Peculatório. Comunicado oficial do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais coloca a questão em seus termos verdadeiros: O inquérito continua em andamento - Só ontem Moura gastou 400 mil [cifras da época] de propaganda pessoal nos jornais” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 13/01/1958).

Como estratégia de luta contra a corrupção e os desmandos, **O Jornal da Semana** ziguezagueava entre a desordem e a ordem social, embora assim como os justiceiros, tenha também se mantido sempre “na terceira margem do rio” (DA MATTA, 1990). Em 1958, Euro Luiz Arantes foi eleito para a Assembléia Legislativa, com a intenção, declarada durante a campanha, de facilitar as lutas desse órgão de combate contra os poderosos e a favor dos pobres e oprimidos.

²⁰ Anunciando a publicação das quatro horas de depoimento de Euro Luiz Arantes perante a comissão de inquérito da Assembléia Legislativa, **Binômio** informava: “O leitor terá, pelo completo estudo do jornalista Euro Luiz Arantes, uma impressionante visão de todos os aspectos do escândalo FERTISA que atinge mais de 3 bilhões de cruzeiros [cifras da época]. Irá descobrir ainda, na base de uma argumentação irresponsável, o cerco que se prepara contra as riquezas de Minas, que vai desde o assalto aos minérios de nióbio de Araxá, ao incêndio da FRIMISA e a concessão da Ferrostal. O documento representa, finalmente, a reconstituição de uma das maiores piratarias já tramadas neste país” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 13/01/1957).

4.2.3. O herói e o paradigma do renunciador

“Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.” (Guimarães Rosa)

Por volta do início dos anos 60, com a adesão do **Binômio** à ideologia nacionalista de esquerda, surgia a terceira face de nosso herói. Será que essa face corresponde integralmente à personagem paradigmática do renunciador, apontado por DA MATTA (1990) como sendo o verdadeiro revolucionário?

Como procurar-se-á demonstrar, em sua fase ideológica (1960-1964), nosso herói foi se perdendo de si mesmo, pois de ator de rituais de inversão que o caracterizou desde suas origens, **O Jornal da Semana** tornou-se ambivalente, predominando cada vez mais o “jornalismo leviano e inconseqüente”, como tão bem definiu Roberto Drumond.

Enquanto em seus dois períodos iniciais foi fácil comprovar as semelhanças existentes entre a maneira de ser do jornal e as personagens paradigmáticas do malandro e do justiceiro, o mesmo não ocorreu nesse último período. Por um lado, é inegável que há certas características semelhantes às do renunciador, como, por exemplo, sonhar com um novo mundo, fato que se manifestou com o apoio dado por esse semanário às reformas de base, com a divulgação dos ideais nacionalistas e com as campanhas realizadas a favor de Jânio Quadros, Leonel Brizola e Jango Goulart. Além disto, a própria invasão de **Binômio** por forças militares, em dezembro de 1961 e seu posterior desaparecimento após o golpe militar de 1964, juntamente com as perseguições aos seus membros, atestam, também, a existência de semelhanças significativas entre o jornal e o renunciador.

Mas por outro lado, há pelo menos um aspecto que dificulta que essa identificação seja integral, indicando a crescente fragilização e fragmentação de seus últimos anos. Este aspecto se constitui nas ambigüidades e distorções de sua linha editorial, motivadas, pelo que tudo indica, por interesses de ordem política e, ou, comercial. Durante a fase ideológica, **Binômio** não conseguiu definir uma nova linha editorial com um centro firme e com contornos claros e inequívocos, como aconteceu em suas duas fases anteriores. Ao ser analisado no

conjunto desses seus últimos quatro anos, a esquerdização desse período decorrente de sua adesão à ideologia nacionalista precisa ser relativizada, uma vez que essa ideologia não se constituiu na tônica principal do jornal e, portanto, numa orientação que lhe desse unidade e coerência.

Ao se investigar suas edições, verificou-se que, ao mesmo tempo em que apoiou as reformas de base e fez campanhas para Jânio Quadros, Leonel Brizola, Jango Goulart, prestava homenagens a Magalhães Pinto,²¹ defendendo abertamente seu governo, o que é, no mínimo, um contra-senso. Constatou-se, também, a presença marcante do que Roberto Drumond chamou de “jornalismo de colegial de férias, irresponsável e leviano”. Portanto, em seu conjunto, o que predominou nesse período foi a divulgação freqüente das “fofocas de garotas de propaganda, moças de amor livre, misses etc.”, como se pode constatar nos fatos que se seguem.

A partir do final de 1959, começou a ganhar espaço no jornal esse espírito de colonismo social dentro dos moldes tradicionais, iniciado com a coluna “Sociedade”, assinada por Mario Fontana (provavelmente um pseudônimo) e definida da seguinte maneira:

“(...) síntese dos principais acontecimentos mundanos de Belo Horizonte e adjacências, bem como detalhes sobre todos os fatos que dizem respeito a figuras que integram a nossa sociedade. Procuraremos, na medida do possível, servir a vocês os mais apetitosos pratos refogados na cozinha de nosso “café society” e temperados sempre com “quelque chose de piquante”, como manda o bom manual dos molhos de celebrada cozinha francesa. Este tipo de noticiário já faz parte de todos os principais jornais brasileiros e o **Binômio**, jornal cuja difusão não se restringe a este ou aquele agrupamento, o vai incluir, a partir de agora, entre suas diversas seções” (**Binômio - Jornal da Semana**).

Como já foi mencionado, surpreendentemente para um jornal crítico como esse semanário já havia sido, **Binômio** promoveu um baile de debutantes em Juiz de Fora. Abaixo da foto divulgada juntamente com a notícia, havia a seguinte legenda:

“(...) convidados especiais de Belo Horizonte que compareceram: Sr. e Sra. José Maria Rabêlo (ele é o diretor-superintendente do **Binômio**) e Sr. e Sra. Francisco Moraes (ele, diretor de publicidade do **Binômio**)” (**Binômio - O Jornal da Semana**, out. 1959).

²¹ Segundo depoimento de Euro Luiz Arantes, o apoio dado pelo jornal ao governador Magalhães Pinto, apoio ao qual ele se opunha, ocorreu em função da candidatura de José Maria Rabêlo à prefeitura de Belo Horizonte.

Em março de 1961, “Sociedade” é substituída por “Um Repórter na Sociedade”, assinada por Flaminio Monni²². Críticas mordazes eram feitas aos cronistas sociais, chamados de “papas sem mitra, governam como querem”; “esquisitos cronistas mundanos, num vocabulário à parte, ridículo idiota, criado por eles mesmos”; “nenhum possui personalidade”. No entanto, a visão conservadora de Flaminio Monni e seus preconceitos “aristocráticos” da França do século XV, que não deixavam nada a dever ao que era e continua sendo comum ao meio que ele tanto criticava, se encontram revelados de forma explícita, principalmente na sequência de artigos com os seguintes títulos: “O direito de esnobar”, “Quem esnobar”, “Quem convidar”, onde chegou a afirmar coisa do tipo:

“(…) A disputa é grande para se encaixar na sociedade cujo primeiro passo para quem não possui nada além de dinheiro, e não consegue procurar ancestrais duas gerações atrás, é o chamado “café-society”. Adulam cronistas, oferecem almoços, jantares íntimos e conseguem a presença de alguns elementos já consagrados do mesmo café e até mesmo de pessoas de sociedade que pouco cuidadosos a respeito de seu berço, ou mesmo por pena dos anfitriões, gentilmente se aquiescem e comparecem às festas (…)” [grifos nossos].

E vai mais longe ainda, aconselhando:

“Meus caros elementos de sociedade, meus caros [cita vários nomes de figuras da época], senhoritas que possuem berço, rapazes de educação, fechem as portas aos aventureiros que invadem a sociedade. Falo isto para o bem estar de todos, para a paz das festas que por acaso dêem em suas residências. Dinheiro ‘nuveaux-riches’ devem ser banidos, rapazes devem ser cortados, certas senhoritas devem ficar apenas nos automóveis dos ‘play-boys’ e casados insatisfeitos (…)” (**Binômio - O Jornal da Semana**, dez. 1962).

Em outubro de 1963, “Um Repórter na Sociedade” passou a se chamar “A Sociedade é Deles” e durou apenas cinco meses, pois como já foi dito, **Binômio** deixou de circular após o golpe militar de 1964.

Portanto, em relação ao que predominou durante os quase quatro anos da fase ideológica, a pesquisa empírica confirmou as críticas anteriores feitas por Roberto Drumond. Além de uma página inteira dedicada ao colonismo social, havia “Rádio, TV e Boite”, que foi se transformando cada vez mais em fofocas

²² Segundo RABÊLO (1997:54), esse era o pseudônimo do jornalista José Maurício, atual colunista do **Estado de Minas**, e nos últimos cinco meses de existência do jornal, passou a ser pseudônimo de Wander Piroli.

de bastidor, um horóscopo, um guia feminino de compras, uma página inteira dedicada a uma “Reportagem Exclusiva de **Binômio**”, assinada por diferentes repórteres, onde sempre era realizada uma entrevista com alguma mulher, com aquele tom de entrevista de miss, com direito a fotos tipo ‘caras e bocas’. Havia, também, a cobertura dada ao futebol, algumas tentativas de crítica cinematográfica e poucos e raros artigos de cultura que começaram a surgir a partir de 1961.

Foi nesse ano que, sem qualquer explicação aos leitores, o expediente do jornal divulgado desde seu primeiro número como sendo seus princípios, deixou de ser publicado, sendo substituído por um expediente tradicional. Esse fato é bem significativo, representando um verdadeiro divisor de águas entre os dois primeiros períodos do jornal e sua fase ideológica, e pode ser compreendido como sendo um sinal de que fora deixado completamente para trás o que havia de mais genuíno no jornal, marca de uma ruptura com os princípios que inspiraram a criação do **Binômio**.

Enquanto a crítica de Roberto Drumond esclarece uma parte significativa do que aconteceu com o jornal, a avaliação de ARANTES (1993) identifica outros problemas da fase ideológica:

“Linha ideológica é muito pessoal. Só pode ter um dono. Jornal de pregação ideológica é feito só para o seu próprio grupo. Jornal para o grande público não é ideológico. O jornal para o grande público pode ter uma linha de esquerda mais geral, mas sem se tornar porta-voz de um grupo ou partido. (...) Você vai ver o seguinte: a medida que o **Binômio** progride graficamente, ele perde editorialmente. Ao se tornar empresa, ganhou dinheiro e perdeu a liberdade.”²³

A coluna “Justiça é Feita”, onde se encontra a crítica já citada de Roberto Drumond, por si só representa mais um dos indícios de que o jornal já não era mais o mesmo. Surgida no início de 1963, trazia em cada número a opinião de pessoas sobre questões que hoje em dia poderiam servir de inspiração para programas do tipo “Você Decide”, como se pode ver pelas perguntas que a orientavam: “Por que a mulher trai?”, “Por que a mulher cede?”, “Quem foi seu primeiro amor?”, “Você acredita em assombração?”, “Conte sua gafe”, “Qual foi o seu maior aperto?”, “O que você acha do beijo roubado?” e outras mais.

²³ Ver opinião diferente de J.M. Rabêlo em RABÊLO (1997:17).

Quanto à interferência dos interesses mais diretamente comerciais, a publicação de matérias pagas começou a aumentar em torno de 1957: divulgação de feiras das indústrias e do comércio, lançamentos imobiliários, enfim, páginas inteiras de reportagens abordando acontecimentos do mundo financeiro, empresarial e comercial. Além disso, em 1961, como já foi comentado, teve início o concurso realizado pelo jornal – As Personalidades do Ano –, dando a Magalhães Pinto o primeiro lugar, elegendo sempre empresários e banqueiros para compor as listas.

Portanto, em função dessas ambigüidades e distorções ocorridas, nosso herói não encarnou o renunciador em toda a sua pureza, mas apesar disso, completou a trajetória típica desse herói ao ser sacrificado em função de seus ideais. Quando foi sacrificado, já havia melhorado consideravelmente sua aparência através de inovações na parte gráfica, aumentado de tamanho até atingir o tamanho standard, adquirindo semelhanças com a grande imprensa do Rio de Janeiro. Assim sendo, ao se pesquisar esses exemplares, constatou-se que não há mais como reconhecer **Binômio**, que em sua última fase tornou-se completamente descaracterizado em relação às suas origens. Manteve-se o nome do jornal, mas houve mudanças na direção, nas intenções, nos objetivos, perdendo, junto com isso, seus traços primordiais e mais genuínos.

Como já foi mencionado, até mesmo a esquerdização de sua fase ideológica precisa ser relativizada, pois em função de outros interesses, começou a deixar de existir o que antes definia **Binômio**: além de seu humorismo de crítica política e seu espírito claramente debochado e irreverente, havia, também, a independência em relação aos partidos políticos e a liberdade de pensamento e de ação no que se refere aos esquemas de influência, de troca de favores, de débito político e aos interesses comerciais. Aliás, a perda editorial e de liberdade a que ARANTES (1992) se referia, se deveu, principalmente, a esses fatores: o comprometimento com determinado grupo político, a necessidade de atender interesses políticos próprios e como disse Roberto Drumond²⁴, o fato do jornal

²⁴ In **Binômio**, *op. cit.*

ter optado por “agradar” um determinado gosto do público, provavelmente como tentativa de melhorar as vendas.

De acordo com Fernando Gabeira (RABÊLO, 1997:164), que iniciou sua carreira de jornalista na sucursal do **Binômio** de Juiz de Fora, em 1959, a preocupação com as técnicas modernas de jornalismo se sobrepunha à militância política:

“Muita gente compara o **Binômio** aos jornais alternativos do período da ditadura. Para mim há uma grande diferença. Da minha parte, não sentia que estava tendo algum tipo de militância escrevendo ali. Sentia-me em competição com a imprensa tradicional, ganhando até um pouco mais e abrindo uma clareira na técnica do jornalismo. Nossa referência era o **Jornal do Brasil**, que realizara realmente uma reforma que nos encheu de esperança. A partir dela, era possível fazer um grande jornalismo, sem copiar o exterior.

Vivia-se sempre a tensão de estar contra a corrente, ameaça de processos, pequenas perseguições oficiais. Nada disso ofuscou o debate sobre o texto, a construção da reportagem, a diagramação, como palavra e imagem se articulavam na página.

Era muito interessante. Quando Punaro Bley foi lá e quebrou tudo, estava quebrando apenas o jornal de oposição. O **Binômio** mesmo, esse jamais seria quebrado. Seus redatores, diagramadores e fotógrafos saíam por aí, continuando a história do jornalismo moderno no Brasil.”

Comparando a fase ideológica ao dono de bar que faz tira gosto só para si mesmo e, portanto, não vende, ARANTES (1992) afirmava que, apesar das jogadas publicitárias, as vendas do **Binômio** caíram vertiginosamente nesse período, o que, para ele, atesta a avaliação que fazia do jornal. E há pelo menos três indícios que tendem a confirmar essa queda nas vendas, além dos já apontados acima.

O primeiro deles se encontra na mesma coluna - “Justiça é Feita” - onde Roberto Drumond fez sua crítica ao jornal. Diante da mesma pergunta “O que você acha do **Binômio**?”, Aldair Pinto, segundo informação dessa coluna, um “antropólogo de auditório”, respondeu que era um bom jornal, mas faltava publicidade.

Os outros dois indícios aparecem nas notas, que começaram a surgir no final de setembro de 1963, anunciando o plano de mudança do jornal, denominado inicialmente como “Esquema-64” e, posteriormente, “Objetivo-64”, onde se lê o seguinte:

“Esse plano nasceu há vários meses, tendo exigido inclusive uma pesquisa sobre hábitos de leitura em Belo Horizonte, que encomendamos (e foi realizada) pela empresa GEOM. Com base principalmente nesse trabalho e nos estudos que vimos fazendo durante meses, foi que estabelecemos as diretrizes do “Esquema-64”, que agora estamos tratando de transformar em realidade” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 7/10/1963).

Na primeira semana de dezembro de 1963, conforme já foi dito, com tamanho standard e se denominando agora **Binômio - Jornal da Semana: o primeiro grande magazine brasileiro**, trouxe o terceiro indício numa nota da primeira página que iniciava com o que parece ser um desabafo: “É preciso que os leitores façam justiça ao jornal que estamos lhes oferecendo a cada semana.” E enumerava o que vinha sendo oferecido de tão especial aos leitores.

Considerando que **Binômio** já se encontrava próximo de completar 12 anos, que já havia afirmado ter “a maior tiragem da imprensa mineira” e batido recordes de vendagem em relação aos outros jornais locais (e até em relação à loteria), é de se espantar a queda ocorrida na publicidade nele anunciada. É de se espantar, também, que tenha sido necessário encomendar uma pesquisa para conhecer os hábitos de leitura em Belo Horizonte. E como se isto não bastasse, ainda foi preciso chamar a atenção de seus leitores, tentando demonstrar que eles deviam lhe fazer justiça. Tudo isto demonstra que a avaliação de ARANTES (1992) de fato está correta, ou seja, que houve uma queda considerável na popularidade desse semanário, expressa numa diminuição significativa de suas vendas.

Pode-se dizer, portanto, que em seus aspectos essenciais, **O primeiro magazine brasileiro** se constituiu no outro lado do **Sombra e Água Fresca**, o seu simétrico inverso (DA MATTA, 1990). Ou seja, de vários pontos de vista, constatou-se que onde um se mostrava bem humorado, irreverente debochado, o outro era sisudo, onde um era um órgão quase independente, o outro se tornou porta voz de um grupo político e sua ideologia e cerceado por seus próprios interesses políticos e, ou, comerciais, onde um crescia em popularidade e em tiragem, o outro perdia essas credenciais.

As mudanças de nomes próprios ou classificadores (como, por exemplo, títulos, números, etiquetas) de acordo com a tradição antropológica, sempre

correspondem a uma mudança de posição social (LÈVI-STRAUSS, 1976; GEERTZ, 1978). Como exemplifica DA MATTA (1990), Dr. Jekyll se transforma em Mr. Hyde; Edmund Dantes no Conde de Monte Cristo; Antônio Vicente Mendes Maciel em Antônio Conselheiro; Virgulino da Silva Ferreira em Lampião. E no caso específico do conto analisado por ele, A hora e a vez de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa, tal e qual acontece com Matraga²⁵, **Binômio** também passou por algumas alterações em seu nome: **Sombra e Água Fresca, órgão quase independente; Humorismo e crítica; O Jornal da Semana, a maior tiragem da imprensa mineira; O Jornal da Semana, o primeiro magazine brasileiro**. Assim como o nome Matraga na existência de Augusto Esteves, o slogan **O primeiro magazine brasileiro** só foi usado nos momentos finais, quando nosso herói já havia incorporado de forma total a ambigüidade de ser renunciador e, ao mesmo tempo, se comprometer com objetivos comerciais e políticos, fazendo um jornalismo leviano e irresponsável, como já afirmou Roberto Drumond.

Esses dois renunciadores - Augusto Matraga e **Binômio** - combinam em si mesmos três posições a um só tempo unas e distintas. A epígrafe **Sombra e Água Fresca**, o epíteto, **O Jornal da Semana** e os slogans, **A maior tiragem da imprensa mineira** e **O primeiro grande magazine brasileiro**, funcionam, na verdade, como índices do processo de transformação do próprio jornal, das identidades sociais desempenhadas por ele (DA MATTA, 1990), marcando as etapas, os papéis sociais dominantes e as mudanças de posição social na trajetória de nossa personagem. Essas mudanças de posição, por sua vez, expressam reinterpretações da sociedade realizadas por nosso herói, com a conquista de novos espaços sociais que foram sendo abertos a cada uma delas.

Diferente de Augusto Matraga, **Binômio** se colocou desde o início como um ator típico de rituais coletivos de inversão da ordem social brasileira e, embora tenha percorrido até sua fase ideológica uma mudança ascendente de sua posição social, ela não se deu em direção aos grupos centrais da sociedade, mas

²⁵ Augusto Esteves: o homem neutro, a pessoa da ordem, da dominação e do poder; Nhô Augusto, o indivíduo que descobre a sua própria alteridade; Augusto Matraga, o renunciador, redime e sintetiza os outros dois (DA MATTA, 1990:260).

sempre em oposição a eles. Durante as fases humorística e panfletária, nosso herói vivia no estado de plena liminaridade:

[Assim como Augusto Matraga, **Binômio**] “se encontrava destacado do seu fundo social, do seu meio, de sua classe e, conseqüentemente, individualizado, (...) ficando em oposição total a sua sociedade, apresentando-se como uma alternativa para o comportamento social. Suas ações, assim, ganham peso formidável, podendo ser generalizadas e transformadas em atos modelares” (DA MATTA, 1990).

Quanto à fase ideológica, nosso herói não incorporou, como já foi dito, o renunciador em toda a sua pureza. Diferente de Antônio Conselheiro, por exemplo, **Binômio** não realizou um movimento contínuo e sistemático para fora da ordem da sociedade, em direção a um novo mundo, pois não renunciou ao sistema e a tudo que ele representava. Embora tenha se alinhado às correntes esquerdistas de pensamento do início dos anos 60, seu jogo ambivalente para conquistar melhores vendas somado aos interesses políticos da direção, levou nosso herói a se aproximar perigosamente do mundo sociality e sua superficialidade, assim como de determinados setores das elites dominantes. Essa aproximação se deu além dos limites recomendáveis para um renunciador puro. Seu final trágico ocorreu, principalmente, em conseqüência dos acontecimentos de dezembro de 1961, desencadeados pela publicação da matéria já comentada anteriormente, “Democrata hoje, fascista ontem. Afinal quem é esse general Punaro Blay?”, que culminaram com a invasão e depredação de sua redação por forças militares. Acontecimentos esses, marcados pela radicalização e pela demonstração de força e violência por parte dos dois lados, o que corresponde às características efervescentes e explosivas dos anos 60 como um todo.

E como já dizia o velho ditado, a corda arrebenta para o lado do mais fraco. Portanto, desse embate entre o jornal e as forças militares resultou que nosso herói foi marcado para morrer. Dois anos e três meses após esses acontecimentos, ou seja, em março de 1964, os movimentos da própria sociedade brasileira, e as transformações daí decorrentes, obrigaram **Binômio** a fazer a passagem da ordem para a desordem de forma definitiva, provocando, com isso, a morte de nosso herói e, portanto, a impossibilidade de seu retorno à ordem social. Naturalmente que essa morte significou um movimento de transcendência

da ordem social, pois como disse Fernando Gabeira, o que morreu foi o jornal de oposição. O **Binômio** mesmo, esse jamais morrerá. “Seus redatores, diagramadores e fotógrafos saíram por aí, continuando a história do jornalismo moderno no Brasil”.

4.3. O herói e suas linguagens

4.3.1. O humor binomiano: a linguagem do malandro e a carnavalização das alterosas

“Melhor é de risos que de lágrimas escrever porque o riso é a marca do homem.” (François Rabelais)

No que se refere à linguagem, a maior riqueza do **Binômio** se encontra no **Sombra e Água Fresca**, pois seu período mais criativo se deu, principalmente, em sua fase humorística e no pouco que dela sobreviveu. A originalidade e a vitalidade presentes no humor binomiano apresentam características incrivelmente semelhantes à compreensão do riso existente na cultura cômica popular da Idade Média e do Renascimento, descrita e analisada por BAKHTIN (1987). As mesmas fontes da Antigüidade que, segundo este autor, justificaram o riso durante o Renascimento, ou seja, o riso como forma universal de concepção do mundo, sua ligação essencial e indissolúvel com a liberdade e seu vínculo com a verdade popular não oficial, foram identificadas nesse jornal.

Em relação à primeira fonte, o riso como forma universal de concepção do mundo, o humor binomiano englobava todos os aspectos da sociedade, da história e da vida em sua totalidade, mostrando que tudo tem seu aspecto risível, o que significa perceber o cômico como algo tão universal quanto o sério.

Considerando sério seu humor político, pode-se afirmar que durante um certo tempo de sua existência, **Binômio** se orientou por uma compreensão bem diferente da que faz parte da ideologia dominante atual e daquela época, no que se refere à relação existente entre seriedade/riso, verdadeiro/cômico. Ou seja, em sua primeira fase predominou uma compreensão que não opunha o sério ao

cômico, nem estabelecia a existência de um vínculo necessário entre a verdade e a seriedade, o falso e o cômico. Bem mais que isto, mostrava através de seu humor que a seriedade pode se encontrar presente no próprio cômico e vice-versa. Portanto, o humor binomiano, assim como a paródia medieval, considerava o riso e a seriedade igualmente universais, ou seja, tudo é cômico, mantendo sua atenção voltada para todos os aspectos de seu tempo, não se prendendo apenas às imperfeições e lados negativos da realidade cultural, social e política. No humor binomiano, estas aparentes e equivocadas dicotomias surgiam recuperadas em toda a sua totalidade e unidade.

Mesmo tendo sua circulação autorizada legalmente, **Binômio** mantinha um vínculo estreito com a liberdade, segunda fonte que justificava o riso no Renascimento, preservando a natureza extra-oficial de sua comicidade e de seu riso, fazendo um humor praticamente sem qualquer limite ou reservas. Semelhante aos rituais cômicos de festas populares ocorridas em praça pública na Idade Média, o humor binomiano promovia “uma interrupção provisória do sistema oficial, com suas interdições e barreiras hierárquicas”, levando seus leitores a entrarem no domínio da liberdade, que mesmo sendo utópica e efêmera, tinha algo de fantástico e intenso, colocando temporariamente a vida fora “de seus trilhos habituais, legalizados e consagrados” (BAKHTIN, 1987).

A terceira fonte da Antigüidade na qual se baseou o Renascimento, tratava-se da relação fundamental do riso com a verdade popular não-oficial. Para BAKHTIN (1987) o sério costuma se relacionar com tudo o que é oficial, autoritário, com as restrições e interdições, com a violência, principalmente durante a Idade Média, quando o medo e as intimidações se constituíam em elementos básicos utilizados para o controle social. O humor binomiano continha o esclarecimento necessário para que um novo mundo fosse revelado, pois, ao ridicularizar as autoridades, os usos e costumes de seu tempo, fazendo jacota de tudo o que era considerado sério e importante, criava uma verdade não oficial sobre o mundo.

À medida que se penetra no humor de **Binômio - Sombra e Água Fresca** sente-se a alegria especial e licenciosa do pensamento e da imaginação,

que, de acordo com BAKHTIN (1987), é comum acontecer quando se faz contato com algo que seja criativo em si mesmo, capaz de despertar no leitor o desejo de criar, também, e, portanto, de ser livre e poder imaginar uma nova ordem para o mundo. Entre os meios oficiais e o jornal existia uma tensão permanente de versões distintas do que era o Brasil: uma grandiloquente, a das elites dominantes, principalmente a de Juscelino Kubistchek, seu principal inimigo, e a versão escrachada do **Binômio**.

Portanto, assim como os festejos carnavalescos, que se constituíam numa das inúmeras manifestações da cultura cômica popular da Idade Média, o humor binomiano promovia uma “carnavalização da consciência”, pois ao lado do mundo oficial, construía “um segundo mundo e uma segunda vida”, fundamentados na percepção da dualidade do mundo e da vida humana. A forma de manifestar tudo isto, se dava através da inversão e da desfiguração da seriedade unilateral, cerimoniosa e sem lugar para o cômico dos meios oficiais e dos setores dominantes da sociedade em geral e de sua ideologia, transformando os poderosos, as elites e suas regras, valores e hierarquias em objeto de sátira, de gozação e de brincadeira.

Esta visão carnavalesca da realidade presente no humor binomiano, que faz do jogo a própria vida real, constituía-se em sua forma específica de comunicação, capaz de aglutinar, aproximar os leitores em torno de si, pois, assim como o carnaval, favorecia a libertação das normas de etiqueta, de decência e de conduta social. Diferente da ideologia oficial, a linguagem binomiana construía uma lógica original das coisas, “ao avesso”, reafirmando a possibilidade de renovação e alternância, e “a alegre relatividade das verdades e autoridades no poder”. Além disto, com suas brincadeiras e sua irreverência, destituía de poder os poderosos, sendo capaz de fazer com que perdessem sua suposta numinosidade, revelando, assim, sua humanidade e, portanto, a essência da igualdade existente entre todos os seres humanos. Moral da história: o cômico é coisa séria.

Neste sentido, o humor binomiano se assemelhava ao comportamento do menino do conto de fadas, O Rei Está Nu. Conta o estória que um dia um

charlatão convenceu ao rei de contratá-lo para confeccionar as novas vestimentas a serem usadas em sua próxima aparição pública. Ele conseguiu fazer o rei acreditar na existência de um tecido “mágico”, que parecia invisível, mas que se apresentaria aos olhos do povo como sendo de uma beleza e de um esplendor nunca vistos antes sobre a Terra. Levou algum tempo para que o “costureiro real” concluísse sua obra. Finalmente, chegou o grande dia. O rei desfilava pomposamente pelas ruas exibindo o que acreditava ser suas vestimentas novas, sob o olhar extasiado de seus súditos, quando uma criança gritou no meio da multidão: “O Rei está nu!”

Assim como este menino e, também, assim como o carnaval (BAKHTIN, 1987), **Binômio - Sombra e Água Fresca** suspendia, temporariamente, em cada edição, o poder do mundo oficial, juntamente com as regras e o sistema de valores dominantes, afirmando o direito de sair da rotina costumeira. Através da expressão jocosa e irreverente, **Binômio** ridicularizava toda uma sociedade, suas autoridades supremas e seus valores, desmascarando o falso moralismo de sua época, mostrando as dimensões risíveis da seriedade unilateral dos poderosos, dos meios oficiais e seus cerimoniais de manutenção da ordem e do *status quo*. Estas características identificadas na comicidade desse órgão mostram sua semelhança com o grotesco e a paródia carnavalesca da Idade Média, que preservavam a universalidade do riso, fazendo o mundo todo parecer cômico, ressaltando seu aspecto jocoso e a alegria de seu relativismo. Assim como a paródia carnavalesca, o humor binomiano, portanto, preservava a complexidade da natureza do riso, que além de sua universalidade, mantinha também sua ambivalência, ou seja, mostrava simultaneamente seu lado alegre e brincalhão e sua face satírica e burlesca.

Recuperar no riso sua natureza complexa tem sua importância, uma vez que difere da superficialidade do riso puramente satírico da época moderna, que segundo BAKHTIN (1987) se refere apenas a alguns aspectos da vida social, principalmente os que são considerados negativos. Tudo o que for essencial e importante deixou de ser considerado cômico, e o riso tornou-se apenas um divertimento ligeiro.

No entanto, ao promover uma “carnavalização da consciência”, o humor binomiano possibilitava a libertação da própria consciência, do pensamento e da imaginação de seus leitores, ao transformar a alegria em paródia do espírito oficial, da gravidade unilateral da “verdade” oficial. Ao fazer isto, recuperava-se a alegria de forma integral, uma vez que qualquer tipo de controle social fica totalmente excluído, abrindo espaço para a atuação da força de regeneração e de libertação do riso, sem se deixar contaminar pelos pontos de vista comuns, idéias e juízos “normais” (BAKHTIN, 1987). Este poder da paródia e do grotesco identificados nos primeiros anos de **Binômio**, transformava os poderosos, seus cerimoniais e símbolos de status em “alegres espantalhos cômicos”, o que se assemelha bem ao seguinte comentário publicado na coluna “**Binômio** dá o que falar”:

“Considero o aparecimento do **Binômio** digno de ser encorajado. É um bom sintoma esse de começarem os moços mineiros a rir das figuras de papelão de sua politicália” (Raimundo Magalhães Jr. - **Diário de Notícias**, 24/04/1952).

Até mesmo nos anúncios de propaganda que fazia de si mesmo, aparecem semelhanças com a propaganda popular dos pregões da praça pública, pois aproveitavam este espaço como mais uma oportunidade de gracejar dos acontecimentos:

“Por apenas 30 cruzeiros de nossa desvalorizadíssima moeda, (...) nós lhe enviaremos todos os números do jornal, inclusive os que forem apreendidos pela polícia” (**Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**).

Semelhante à praça pública na Idade Média e no Renascimento, no humor binomiano predominava um ambiente carnavalesco, o que transformava o jornal num espaço de “extraterritorialidade no mundo estabelecido da ordem e da ideologia oficial” (BAKHTIN, 1987), onde se utilizava uma linguagem livre, franca e familiar, diferente da língua culta e oficial, diferente do tipo de comunicação marcada pelo protocolo, pelas etiquetas, por princípios hierárquicos e regras de polidez que predominavam nas instituições formais e dominantes. Ao promover a carnavalização do mundo das Alterosas, **Sombra e Água Fresca** com suas imagens cômicas ousadas e alegres, rompia com a seriedade unilateral

e mostrava a possibilidade de expressar o sério de forma livre e lúcida, mantendo sua unidade com as dimensões risíveis do mundo e da vida.

Assim sendo, foi este tipo de humor a forma predominante através da qual **Binômio** mostrou, durante um certo período, sua compreensão a respeito de seu próprio tempo, da história e do homem, penetrando em aspectos importantes do mundo, que se tem acesso, sobretudo, através do riso, principalmente aqueles por onde se realizam as inversões da ordem social e as rupturas com o *status quo* dominante. Assim como a praça pública na Idade Média onde imperava o ambiente carnavalesco, **Binômio** se transformou várias vezes num “segundo mundo especial no interior do mundo oficial, (...) num ponto de convergência de tudo o que não era oficial” (BAKHTIN, 1987).

Provavelmente, como já foi colocado no item anterior, foram essas diferenças significativas em relação aos padrões de jornalismo da época, assim como em relação a alguns padrões culturais e ideológicos predominantes, que permitiram a esse órgão ter suas ações transformadas em atos modelares, colocando-se em oposição à sociedade de seu tempo, apresentando-se, portanto, como alternativa para o comportamento social (DA MATTA, 1990). É provável que a importância e o sucesso alcançados pelo **Binômio** tenham derivado fundamentalmente deste fato.

Nem Euro Luiz Arantes nem todos aqueles que o auxiliaram na construção do **Binômio** tiveram, provavelmente, a consciência clara da existência da natureza do humor binomiano e sua relação com as fontes do riso da Antiguidade presentes no cômico popular da Idade Média, pois uma boa parte do que foi realizado entre 1952 e 1958 foi criado instintivamente, com arrebatamento, de forma visceral. Além disto, caso houvesse esta consciência, dificilmente o jornal teria deixado de tocar as dimensões risíveis do mundo, optando pela predominância de uma seriedade unilateral.

Para assegurar maior clareza, procurar-se-á demonstrar, a seguir, as constatações realizadas acima, através da análise de algumas colunas humorísticas de **Binômio**.

De acordo com as denúncias do próprio jornal, a grande imprensa recebia uma verba considerável do Palácio da Liberdade para noticiar apenas dentro dos limites ditados pelos meios oficiais. Com as “entrevistas fictícias”, **Sombra e Água Fresca** rompia com esse cerco e revelava o erro, a falha, a gafe e as mentiras, através da irreverência e da zombaria. O poder criativo foi grande nesse período. O jornal não contava com um corpo de redatores, não tinha acesso a maior parte das autoridades para poder entrevistá-las, era feito de forma bem improvisada numa sinuca e, enquanto jogavam, ali mesmo, a nova edição ia nascendo. Portanto, essas “entrevistas” surgiram, provavelmente, como uma solução bem criativa para suprir as deficiências, limitações e precariedades enfrentadas principalmente nos primeiros anos, o que eram bem comum no Brasil dos anos 50, como já foi falado. Quando a primeira “entrevista” foi publicada, a redação deu a seguinte explicação:

“O comum nas entrevistas é publicar as declarações da pessoa focalizada, tais como são fornecidas ao repórter. **Binômio**, entretanto, não é um jornal comum e as soluções apresentam, por isso mesmo, um permanente caráter de novidade. A entrevista que o governador Juscelino Kubistchek nos concede hoje, em uma de suas rápidas passagens por Belo Horizonte, não traduz o que ele nos disse, mas o que ele tinha vontade de dizer e o que é, na verdade, muito mais importante” (**Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, 30/03/1952).

Essa primeira “entrevista” de uma série feita pelo jornal, já comentada anteriormente, coloca o então governador de Minas falando assim: “Bons tempos aqueles em que eu era o pé de valsa dos salões diamantinenses”. Ou desabafando: “Não sei onde eu estava com a cabeça quando coloquei aquele palerma, o Maurício Andrade, na direção da Rádio Inconfidência”. Ou revelando sua veia populista e demagógica ao aparentar intimidade com o “repórter” do **Binômio**, enquanto o jornal aproveitava para debochar de sua vaidade e do que era considerado “chic” naquela época:

“- ‘Meu caro repórter’ – disse ele, colocando afetuosamente a mão direita sobre o ombro do nosso representante – ‘a coisa num tá boa, não’. (...) Passou a mão pelos cabelos grisalhos, que naquele dia haviam recebido apenas três aplicações de loção...”.

Para ilustrar a entrevista, foi feito um desenho de um pé com asinhas e várias notas musicais a sua volta. Em baixo, a seguinte inscrição: “Os pés do

governador Juscelino Kubitschek como eram vistos pelas garotas de Diamantina”. Assim, **Sombra e Água Fresca** foi colocando na boca do Juscelino a própria avaliação crítica do jornal a respeito do governo dele e dos meios de comunicação, falando com naturalidade de suas farras e sua veia boêmia, tornando público o que todo mundo sabia, mas fazia de conta não saber.

Prosseguindo nessa linha de registrar principalmente o que “o entrevistado pensa e não fala, o que sente, mas não tem coragem para externar”, **Sombra e Água Fresca** continuou com suas entrevistas, colocando Benedito Valadares, por exemplo, fazendo declarações como esta:

“Ora, aquilo [a instalação da usina siderúrgica em Volta Redonda] foi sacanagem do Getúlio. Ele também sabia que a usina tinha de vir para nosso Estado. Entretanto, para proteger o genro, o príncipe consorte dom Alzirão, preparou tudo e mandou as instalações para o Estado do Rio.” (**Binômio - Sombra e Água Fresca - órgão quase independente**, 25/05/1952)

Na mesma “entrevista”, mostrando-se injustiçado com a fama de analfabeto, Benedito Valadares “declarou, depois de piscar um olho malicioso para o repórter”:

“Dizem muita coisa falsa a meu respeito. Afirmam que sou analfabeto, só porque uma vez escrevi a palavra “sal” e me esqueci de cedilhar o “c”. Um descuido, como pode ver o repórter.”

Depois de afirmar que semente vem do verbo mentir, para provar, conjugou para o repórter: “- Eu minto, tu mentes, cê mente”. Em seguida, ofereceu-lhe uma bebida, o que fez com que o repórter se retirasse de sua casa altas horas da noite:

“Ao nos retirarmos, Benedito bateu-nos no ombro, em tom paternal, e revolvendo o fundo de sua cultura francesa, pronunciou com esforço: - ‘Bon soir. Bon soir, amigo. A transpiração faz muito bem à saúde’.”

Essa “entrevista” foi publicada como tendo texto de Pedro Aleixo, ilustrada com uma fotografia de Benedito Valadares conversando com esse advogado. Em seu final havia a seguinte nota da redação:

“O sr. Pedro Aleixo que assina esta reportagem não é o conhecido causídico desta capital, advogado da companhia “Coca-Cola”. Trata-se de jornalista pertencente ao nosso corpo de redatores que mandamos ao Rio com a especial incumbência de ouvir o ex-governador de Minas. Entretanto, por não nos ter sido possível conseguir uma fotografia de nosso entrevistado, resolvemos

aproveitar uma em que aparece o outro Pedro Aleixo (o da “Coca-Cola”) que na verdade nada tem que ver com nossa reportagem.”

Já na “entrevista” com Artur Bernardes, **Sombra e Água Fresca** publicou na primeira página:

“Artur Bernardes ao repórter: ‘Se eu brigar com o Governo o meu partido acaba’. ‘O PR no Palácio da Liberdade é como os gatos: nunca sai da casa por mais que mudem os inquilinos’. Importantes declarações do ex-presidente Artur Bernardes, sobre a realidade brasileira. Não se reelegeu deputado, porque seus eleitores morreram de velhos” (**Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, 12/10/1952).

A reportagem afirmava ter realizado essa “entrevista” em Viçosa, na biblioteca da residência do ex-presidente, onde se viam, além de vários cartazes da campanha “O Petróleo é nosso”, diversas bandeirinhas do PRM. E continuando a gozar com a avançada idade de Artur Bernardes, chamava a atenção para o longo lenço de seda que ele passava sobre as lentes de seu velho “lorgnon” e para o chá preto que mandou servir para as visitas “em um enorme bule que ele recebera de presente de Pedro II”. E beberam o chá ao som das “últimas criações musicais”, colocadas no velho gramofone tocado a manivela. E aproveitando para criticar seu filho Arturzinho, senador da República na época, a “entrevista” começou com um desabafo de Artur Bernardes:

“Tudo está perdido, meu filho. Esse país já não se agüenta mais, de tão apodrecido que anda. Está tudo caindo de podre, entre nós: o governo, o povo, as instituições. Desde que o meu filho, Arturzinho foi eleito senador da República que eu perdi as esperanças de salvar a nossa terra.”

Um outro exemplo de características do humor binomiano, se encontra em “Place Pigalle”, assinada por Pompadour, pseudônimo de Euro Luiz Arantes. Conforme já foi dito, foi uma coluna que satirizava as colunas e os colunistas socais, o glamour, o “grand-monde” e a importância excessiva que se davam às aparências. O Pompadour era um “bicha”. A fotografia do colunista que costumava acompanhar a coluna, era a de um homem vestido de mulher. Euro Luiz Arantes, ao se referir a este fato, afirmou que foi a primeira vez que um “bicha” escreveu num jornal, de forma declarada, intencional, apresentando sua coluna da seguinte forma:

“Hoje, para gáudio de muita gente boa, para alegria dos brotinhos em flor e das balzaquianas aflitas, iniciamos uma crônica social, onde anotaremos em caderninhos de cores diversas os fatos mais sugestivos do nosso ‘grand monde’. Contaremos para vocês onde procurar os melhores uísques e descreveremos os últimos requintes do cerimonial, graças à solícitude do senhor Pedro (protocolo) Pereira (chefe de cerimonial) Filho. Também sei que muita gente falará mal de mim, mas tenho a certeza de que no fundo me admira. Afinal de contas eu conheço o gosto da nossa sociedade” **(Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente)**.

Pedro Pereira Filho era, conforme se encontra indicado entre parênteses, o chefe do cerimonial do Palácio da Liberdade e nas piadas do jornal apareciam insinuações de sua homossexualidade. Esta forma de escrever o nome da pessoa, colocando entre parênteses características suas, fez parte das criações do humor binomiano.

É importante ressaltar que as histórias contadas por Pompadour faziam uma crítica acurada dos costumes e hábitos, normas de conduta e da etiqueta social “do society e adjacências” e, portanto, essa coluna se constitui num material rico para se pesquisar, por exemplo, aspectos da etiqueta e da conduta social das elites da época, o que naturalmente, não será realizado aqui. Além disto, “Place Pigalle” continha, também, uma das principais características do humor binomiano: misturar ficção e realidade de forma a revelar certas verdades.

“Reveillon' no Iate²⁶ - Acontecimentos anotados pelo Pompa:
(...) Alguns grã-finos saíram sem pagar a conta e outros surrupiaram algumas garrafas de uísque do proprietário do bar.
(...) Uma senhorita perdeu uma anágua em pleno salão. A peça foi achada por um respeitável cavalheiro, que colocou-a na cabeça e saiu cantando: ‘Se anágua não quiser ir, eu vou só...’.

Dois ‘play boys’ foram apanhados em flagrante, nadando na piscina do clube, só de cuecas. Um diretor os advertiu, dizendo que eles não poderiam continuar nadando com aquele traje. Aí eles pediram muitas desculpas, disseram que não sabiam que era proibido nadar de cuecas, tiraram as cuecas e continuaram nadando.

No mais, aconteceu sem novidades, o ‘reveillon’ do Iate” **(Binômio - O Jornal da Semana)**.

²⁶ Iate Club é um dos clubes da elite belorizontina.

Pompadour gostava, também, de ridicularizar os símbolos de status do *grand-monde*, chegando a concluir, assim, sua coluna:

“Mas já estou tomando muito seu tempo tão precioso. Vou dizer-lhe ‘good bye’ e provar o ‘whiskey’ que comprei de um contrabandista muito simpático. Com meu chinelo furado, o ‘whiskey’ e provavelmente o contrabandista vou passar hoje uma noite muito alegre” (**Binômio - Sombra e Água Fresca**, set. 1954).

Como se pode ver, outro aspecto que diferenciava a primeira fase do jornal em relação principalmente à última fase, eram as paródias que fazia do glamour, tão valorizado nos anos 50, principalmente através dos concursos de Miss, de Rainhas e das listas das Dez Mais Elegantes. Em contrapartida, **Binômio** lançava as suas listas que mostravam o ridículo destas práticas e seu sistema de valores. No lugar das Dez Mais Bem Vestidas, “Place Pigalle” lançou as Dez Mais Bem Despidas. Além de Os Dez Mais Relaxados ou de Os Dez Piores Deputados, houve, também Os Dez Piores do Esporte. O primeiro da lista é o próprio governador Bias Fortes, segundo eles, escolhido por unanimidade:

“Bias trabalhou contra o esporte em quase todas as ocasiões, com toda a sua inépcia de dirigente. Na aprovação do plano de verbas deixou que o esporte e os clubes ficassem à míngua” (**Binômio - O Jornal da Semana, a maior tiragem da imprensa mineira**, jul. 1958)

É importante lembrar que a fase humorística do **Binômio** se deu no início da década de 50, quando as formalidades e o cerimonioso permeavam toda a conduta social e a vida pública. Todo aquele código sério e empolado da conduta social acabava por ocultar o erro, a falha, a gafe e em muitos casos, a própria verdade e os fatos mais fundamentais, que eram revelados pelo humor binomiano. A importância e o destaque dados por esse semanário ao chefe do cerimonial do Palácio da Liberdade, Pedro Pereira Filho, transformando-o em um de seus alvos prediletos para suas brincadeiras jocosas, mostra o quanto **Binômio** rompia através de sua ironia e irreverência com a “etiqueta de civilidade” tão valorizada naquele período, como se pode ver na ‘reunião fictícia’ supostamente ocorrida no Palácio da Liberdade, sob a direção de seu chefe do cerimonial:

“Deve-se recuar o pé direito quando se tem de cumprimentar uma pessoa importante? Problema de etiqueta social reúne em mesa-redonda vários homens do governo” (**Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente**, jun. 1952).

As informações, às vezes insuficientes do ponto de vista quantitativo, tornavam-se múltiplas em significado por serem deliciosamente veiculadas, sobretudo, através da gozação, do deboche e da brincadeira. A imaginação, aqui, é posta a serviço do desnudamento da realidade. O humor binomiano fazia uma mistura de crônica, humorismo e ficção para denunciar e registrar os acontecimentos, que não perdiam sua veracidade, embora fossem narrados através de metáforas e comparações muitas vezes gozadíssimas e geniais. Essa mistura de ficção com realidade realizada numa proporção que ressaltava a veracidade das informações, ao mesmo tempo em que avacalhava com a notícia, assim como nas “entrevistas” e em “Place Pigalle”, se encontra presente, também, em “As Histórias Secretas de Nonô”, como se pode ver no episódio abaixo:

“Desde menino, Nonô foi sempre assim: ambicioso, complicado e aventureiro. Já aos quatro anos, sua velha mãe o surpreendeu, certa vez, trepado no telhado de casa, olhando boquiaberto para uma janela da casa do vizinho. Chamado às falas pelo pai, Nonô explicou-se: ‘- Num foi nada não, pai. Eu tava só olhando a empregada do sô Maurício tomá banho.’ De nada valeram os conselhos, as reprimendas e as ameaças do pai. Uma semana depois, Nonô era carregado para dentro de casa, em estado de inconsciência e ainda com duas costelas partidas. Tinha caído do telhado” (**Binômio - Sombra e Água Fresca**).

Este estilo peculiar se encontra muito bem desenvolvido principalmente nos dois primeiros anos e foi sendo diluído e substituído por uma narrativa mais direta, jornalística, pendendo para o bombástico e para o patético. Tudo indica que essa veia ficcional se constituiu num recurso criativo para dar conta das precariedades e dificuldades financeiras, tendo sido, portanto, intencional. O próprio **Binômio** fez várias referências explícitas ao seu lado ficcional, chegando, inclusive, a lamentar a substituição do chefe de polícia, pois estavam perdendo uma de suas ‘personagens principais’. Outra referência a esse fato aconteceu no natal de 1953, quando anunciou os

“Presentes de Natal para os personagens do **Binômio** (sugestões de vários leitores):
Para o sr. Geraldo Starling - um boi assado.²⁷
Para o sr. Pedro Pereira Filho - um tubo dos grandes de pasta Mamex.²⁸
Ao governador JK - um par de sapatos modelo Fred Astaire.

²⁷ Geraldo Starling era o chefe de polícia da capital, pesava 150 kg e tinha fama de glutton.

²⁸ Marca de uma gomalina da época.

Ao banqueiro Luciano - um álbum com fotografias de mulheres nuas.
(.....)
E aos deputados do PSD, na Assembléia - oito vagões de capim” (**Binômio - Sombra e Água Fresca**, 13/12/1953)

Não era só quem era notícia (principalmente autoridades e governantes) que era transformado em personagem. Quem dava as notícias, também, se tornou personagem através de seus pseudônimos, como foi o caso de Pompaudour, Serafim Grandval e, mais tarde, o General da Banda, de forma mais completa que esses outros, como procurar-se-á demonstrar logo abaixo.

Outros aspectos importantes do humor binomiano são revelados pela coluna “O Golpe (contra o estado... de coisas)”, pelo General da Banda, que se transformou em mais que um pseudônimo, como já foi mencionado acima. O General da Banda foi se tornando uma destas personagens especiais, destas que dão ordens ao seu criador, e vão ganhando independência quase total. Ele encarnava o corruptor por excelência. Assumidamente de direita, era, também, corrompido por convicção, ou seja, tinha a corrupção como um princípio, agindo como se fosse perfeitamente corretas e naturais suas práticas corruptas. O melhor é que ele declarava isto o tempo todo e de várias formas, ao relatar suas experiências, aventuras, encontros com outros políticos e poderosos que pensam e agem como ele. É uma situação realmente divertida e bem atualizada, porque é possível identificar no General da Banda uma série de pessoas, de partidos, de instituições e de práticas que eram e que ainda são comuns no Brasil.

Em outras palavras, utilizando o conceito cunhado por DA MATTA (1990), o General da Banda é uma **personagem paradigmática**²⁹, principalmente no que se refere a alguns aspectos sombrios de nossa cultura, tais como, o clientelismo e a cultura de favor e do débito político (MARTINS, 1994).

O efeito cômico deste tipo de recurso é imenso, tanto quanto sua capacidade de comunicar, levando o próprio leitor a um distanciamento crítico em relação ao que está sendo denunciado, pela simples revelação do absurdo daquele tipo de mentalidade, seus valores e sua práxis. O efeito é bem maior do

²⁹ Pode-se classificar, também, como **personagem paradigmática**, o Fradim do Henfil, que não era simplesmente um sádico, mas o próprio sadismo encarnado.

que discursar contra. Ao tornar natural o que é absurdo, torna-se transparente o próprio absurdo que existe no que é comumente praticado, visto e considerado como natural, como se pode ver nesta edição de “O Golpe”:

“(…) Quando ouviu falar em helicóptero, o insigne homem de negociatas que comanda o Estado Maior de “O Golpe” percebeu logo que se tratava de uma visita de seu velho e ingrato amigo J. K., que há muito tempo não freqüenta essas colunas. E gritou para a humilde serventuária: ‘- Mande imediatamente preparar o campo de pouso!’ Ato contínuo subiram todas as agregadas, dependentes, semoventes, modistas, manicures, etc. do General para a ‘terrasse’ de nosso edifício, a fim de recepcionar o ilustre visitante.

Em majestoso vôo de colibri afoito, pouco depois a aeronave presidencial (helicóptero também é aeronave, gente) deslizava sobre a pista de cimento (feita à imagem e semelhança da do Palácio do Catete). O gato Biazão (o indolente) que dormia placidamente sobre o piso, com mais dois camundongos a lhe coçar a orelha, espantou-se com o ronco do motor e deu a primeira corrida de sua existência, escondendo-se atrás de uma pipa da ‘pura’ que o General guarda na ‘terrasse’ para se proteger do Dr. Amintas.

(…) Depois de algumas doses do velho líquido (velho líquido aqui em “O Golpe” é cachaça mesmo) foi que os três velhos amigos começaram a conversar sobre política. E então o General estranhou: ‘Por que é que vocês dois alardearam tanta neutralidade na escolha do candidato do PSD? Por que vocês não definiram pelo Ribeiro ou pelo Tancredo?’ ‘Olha aqui, meu chapa’ - responderam os dois em coro - ‘Nós somos macacos velhos e a experiência ensina muito. Se a gente se pronunciasse por qualquer dos dois vencia o outro. Você não sabe o que é a popularidade. Nós estamos numa situação tal agora, que se a gente torce pelo mocinho num filme americano, o bandido acaba vencendo’. ‘Tá assim mesmo?’ - perguntou o General meio incrédulo. ‘- Ora se tá. Tanto assim, que nós estamos até querendo apoiar abertamente o Magalhães. É o único jeito de ver se o candidato do PSD vence a eleição’.”

É importante lembrar também, como mostra MARTINS (1994) em relação ao processo movido contra o Presidente Collor, que as práticas de clientelismo e de troca de favores e de débito político foram declaradas como corrupção. Segundo este autor, estas práticas se encontram presentes entre nós desde a época do Brasil colônia. Desde então até o caso Collor, eram consideradas positivas tanto pelos políticos e poderosos, onde de fato têm suas raízes e atam os seus nós, como por quase todos os setores da sociedade civil, nos envolvendo a todos em práticas de corrupção, de maior ou de menor monta, formando uma rede difícil de ser denunciada, rompida e desfeita, pois, de alguma forma, cada brasileiro tem seu rabo preso nela. Neste sentido, ao identificar, demonstrar e denunciar através do General da Banda que o clientelismo, a troca de favores e os débitos políticos se constituem em atos de corrupção, **Binômio** se encontrava bem adiante em relação à compreensão de seu próprio tempo e,

infelizmente, permanece atualizado, pois estas práticas ainda continuam freqüentes, apesar de estarem, talvez, vivendo o seu momento de “Canto do Cisne”.

Em 1956, quando Celius Aulicus Jardim começou a trabalhar no **Binômio**, como já foi dito, esta coluna foi assumida por ele, que desenvolveu a idéia original de Euro Luiz Arantes de forma genial. Tão genial que, como já foi dito, ele passou a ser conhecido nos meios jornalístico de Belo Horizonte como General e assim identificado até quando veio a falecer em 1993. De uma simples coluna, Celius transformou “O Golpe” num jornal dentro do jornal, ampliando seu espaço de menos de uma lauda para uma página inteira. Ou seja, O General da Banda era o Diretor de “O Golpe”, recebendo pessoas em sua “redação”, se dando inclusive ao luxo de fazer brincadeiras e críticas ao próprio **Binômio**.

Portanto, é graças a Celius Aulicus que sobreviveu esse traço primordial da essência de **Binômio**. Parafraseando Bakhtin ao comentar Rabelais, é através de “O Golpe”, principalmente, que se pôde continuar ouvindo o riso do **Binômio**. Mais do que simplesmente fazer rir, o humor binomiano chegava a tocar a própria essência do cômico, a tornar audível o riso do mundo, cutucando sua natureza risível.

4.3.2. A seriedade unilateral do patético e do “sensacionalismo”: a linguagem do justiceiro e do renunciador

“O riso não é uma forma exterior, mas uma forma interior essencial, a qual não pode ser substituída pelo sério, sob pena de destituir e desnaturalizar o próprio conteúdo da verdade revelada por meio do riso.” (M. Bakhtin)

O sério e o cômico percebidos como uma totalidade, essa compreensão mais arrojada que se contrapõe à ideologia da seriedade presente em nossa cultura, perdeu espaço no jornal na sua segunda e terceira fases. Durante aqueles períodos houve um retrocesso nesta percepção. É como se tivessem dito: “Chega de brincadeira. Agora vamos fazer um jornal sério.” E para fazer esse jornal “sério”, delimitaram o espaço onde o humor podia acontecer. Diferente do caso d’**O Pasquim** (BRAGA, 1991), em **O Jornal da Semana** a abordagem “séria”

tornou-se unilateral e não preparava a chegada do cômico. Quanto mais o tempo foi passando, menor foi tornando o espaço do riso no jornal e maior a predominância da seriedade unilateral. Como dizia BAKHTIN (1987) em relação à Idade Média: “O sério tinha de permanecer grave, isto é, monótono e sem relevo”. Assim, também, faz a ideologia dominante em nossa sociedade e assim fez **O Jornal da Semana**: associou o divertido e alegre a coisa inferior e irrelevante.

É desta seriedade grave, pesada e unilateral dos meios oficiais que a linguagem do **Jornal da Semana** foi se revestindo em sua segunda e terceira fase. Na chamada fase panfletária ou do “jornalismo heróico”, o que predominou foi o som das metralhadoras e dos canhões: a palavra transformada em arma mortal. Apesar do barulho ensurdecador que nosso herói fazia em pleno campo de batalha, a repetição de tanto estardalhaço, juntamente com uma seriedade recheada de sermões abstratos e moralizantes, acabam por provocar cansaço e monotonia. Para o justiceiro “a melhor defesa é o ataque” e foi esta a estratégia que predominou, acompanhada de uma linguagem patética:

“Para nós, V. Excia. continuará sendo o mesmo perseguidor de funcionários indefesos, o mesmo chefe sem entranhas, o mesmo ministro apanhado em flagrante de peculato, tráfico de influência e advocacia administrativa, o mesmo governador que transformou o cargo em plataforma de enriquecimento da família, o mesmo mistificador inconfesso, para quem as acusações mais duras não merecem a mínima explicação” (Trecho da carta aberta ao governador Bias Fortes, de E. L. Arantes, em **Binômio - O Jornal da Semana**).

Foi com esta linguagem bombástica que nosso justiceiro expressou todo o seu espírito agressivo e sua indignação. Com o slogan “Coragem para dizer a verdade”, nosso herói se mostrava disposto a ir às últimas conseqüências, se necessário fosse, “sem se afastar um milímetro de suas posições”, como gostava de dizer, se confrontando com a própria morte - destino dos heróis - para poder lutar por seus ideais.

No entanto, o justiceiro conservava ainda um certo tom de deboche e de irreverência do humor binomiano dos primeiros tempo. É o que se pode comprovar, por exemplo, quando **O Jornal da Semana** conseguiu a proeza de publicar duas fotos com o folclórico deputado estadual Wilson Modesto,

conhecido como “burrinho do PTD”. Numa delas, Wilson Modesto posou abraçado a nada mais, nada menos que um burrinho. Na outra, o parlamentar apareceu escrevendo em um quadro negro de um grupo escolar: “ $2 + 2 = 5$ ”³⁰.

Em sua fase ideológica, o humor ficou restrito a uma ou no máximo duas páginas. O que sobreviveu do humorismo binomiano foram basicamente algumas criações de Euro Luiz Arantes, como a coluna “O Golpe” e, na linha do deboche, “Rádio, TV e Boite”. Como já foi demonstrado, através de uma relativa esquerdização, o justiceiro se transformou em renunciador e sua linguagem passou a se apresentar mais amena, menos sensacionalistas, voltando ao antigo tom apenas em situações mais dramáticas, quando desejava mostrar sua indignação, como aconteceu no episódio da invasão do **Binômio** por tropas militares ou quando apresentava suas idéias esquerdistas, como se pode ver no exemplo abaixo:

“(…) Dois homens negros que se consomem na construção. São apenas dois operários negros na manhã muito azul. Mais tarde serão muitos. E a eles se unirão os camponeses, os operários de fábrica de cigarros e todos os operários das construções. Aí haverá a grande transformação. As metamorfoses de há muito iniciadas, serão, finalmente, cumpridas.

(…) Na piscina do clube a moça bonita se prepara para um mergulho. São dez horas da manhã. Dois trabalhadores se dissolvem aos poucos sob o sol” (**Binômio - O Jornal da Semana**, 14/01/1962).

Houve, também, nessa fase, uma perda crescente da criatividade que pode ser percebida, por exemplo, na substituição da coluna “Place Pigalle” por uma coluna social nos moldes tradicionais, já analisada no início deste capítulo. O desaparecimento de “Place Pigalle” – primeira coluna humorística do jornal – e o surgimento de uma que representava o seu oposto, juntamente com a exclusão dos princípios do **Binômio** de seu expediente, demonstram bem o grau das mudanças ocorridas na veia escrachada desse semanário durante sua última fase.

³⁰ Algumas publicações que contam a história do **Binômio** ou tecem comentários a respeito desse jornal, costumam incorrer no erro de não situar claramente a fase em que se deu determinado acontecimento ou mudança, passando para o leitor a impressão de que o que está sendo contado se refere a toda uma determinada fase do jornal ou mesmo de atribuir a seus últimos anos ou meses fatos que na verdade se deram em épocas anteriores. Ver RABELO (1997) e WERNECK (1992:152).

Apesar de ter se perdido de suas raízes, em seu terceiro e último ato, **Binômio** continuou sua trajetória de herói, como já foi demonstrado. Apoiou um grupo que se encontrava no poder, mas que não tinha o consenso e a hegemonia junto às classes dominantes do país. Portanto, nosso herói apoiava quem estava no poder, mas que também era, de certa forma, *outsider* em relação às oligarquias e aos militares. Nesse sentido, **O Jornal da Semana** e o primeiro grande magazine brasileiro se mantiveram fiéis às suas origens. Conservou até o fim suas tendências oposicionistas, encarnando, apesar de alguns desvios, a personagem de rituais de inversão da ordem social brasileira.

Mesmo assim, é lamentável que o humor binomiano tenha deixado de ser a característica fundamental desse semanário. Sua fase humorística é, sem dúvida nenhuma, seu período mais fértil, original e criativo. Portanto, considerando que nosso herói nasceu saudavelmente bem humorado, não deixa de ser frustrante acompanhar sua mudança drástica de temperamento, como diriam os antigos, de sangüíneo para bilioso.

5. RESUMO E CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo geral identificar as relações existentes entre o jornal **Binômio** percebido como criação histórico-cultural e sua própria época. Como já foi dito, a fim de identificar como estas relações se deram, optou-se por dois eixos centrais de análise. No primeiro deles o jornal foi tratado como uma personagem, cuja trajetória apresenta semelhanças essenciais com heróis ou personagens paradigmáticas de rituais de inversão da ordem social brasileira, e portanto, como expressão de dimensões culturais da própria sociedade. Foram apontadas também algumas características do bufão percebido como feixe de paradoxos (NEVES, 1979) e o papel do **Binômio**, mais especificamente, junto ao mundo oficial e aos governantes.

Com o segundo eixo, ou seja, a análise do humor binomiano existente principalmente durante seus três primeiros anos, foi eleito como objetivo central definir as características fundamentais desse humor (BAKHTIN, 1987), assim como sua função no todo do jornal e desse, no conjunto de sua época. Ao analisar a comicidade como forma particular de conhecimento do real, delimitou-se os seguintes objetivos específicos: a análise das representações sociais encontradas na dicotomia seriedade/riso, a decodificação dos significados ideológicos que orientam as relações paradoxais entre o sério e o cômico.

Em relação ao primeiro eixo de análise, as principais semelhanças encontradas entre a trajetória do jornal **Binômio** e personagens de rituais de inversão da ordem social brasileira (DA MATTA, 1990) foram as seguintes:

- 1) A tendência dos heróis brasileiros serem tragicamente marcados desde os primeiros momentos de sua vida, se apresentou no caso de nosso herói de forma tragicômica em seu próprio ato de criação. É o que se pode verificar no contraste existente entre a ousadia, o estardalhaço e a irreverência expressas em seu primeiro número e sua aparência carregada de estigmas sociais. Sua primeira edição, assim como a maior parte das outras, era pobre, pequena e impressa em papel de péssima qualidade. Portanto, a forma ousada de se colocar passava a impressão de serem pretensiosas as intenções que declarava ter de lutar contra o monopólio da informação, exercido pelo Palácio da Liberdade sobre a grande imprensa e contra o governo do já então popular Juscelino Kubistchek.
- 2) Além dos traços descritos acima, existiam outros sinais peculiares, verdadeiras marcas de nascença, que diferenciavam completamente nosso herói do *regular guy*. Entre eles é importante destacar sua intenção de ser sincero e honesto declarada com clareza e originalidade, contrastando com o comportamento de seus “quase indignos colegas”; a necessidade de independência ressaltada ao colocar como parte de seu nome “órgão quase independente”, caracterizando, assim, mais um importante fator de diferenciação entre o **Sombra e Água Fresca** e a grande imprensa financiada pelo Palácio da Liberdade. Havia, também, os compromissos assumidos em seu primeiro editorial que passaram a ser transcritos em todos os expedientes do jornal até final de 1961, quando Euro Luiz Arantes saiu do **Binômio**. Em seu conjunto, essas marcas de nascença podem ser consideradas como uma verdadeira declaração de rebeldia e irreverência. Assim como o herói tipicamente nacional de rituais de inversão da ordem social, **Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente** já nasceu rebelde, criando suas próprias regras que promoviam uma inversão da ordem social.

- 3) A promessa feita e cumprida de conquistar um futuro promissor e grandioso, alcançando sucesso, coincide com as aspirações das personagens paradigmáticas analisadas, assim como se assemelha às aspirações brasileiras: “Brasil, país do futuro”. Segundo Ziraldo (RABÊLO, 1997:160), o sucesso de **Binômio**, que virou uma febre, só pode ser comparado ao que obteve mais tarde seu irmão carioca, **O Pasquim**.

As principais semelhanças encontradas entre a trajetória do jornal **Binômio**, principalmente durante sua fase humorística, e o paradigma do malandro são as seguintes:

- 1) Apesar da fama, popularidade e sucesso alcançados, esse jornal teve sua trajetória marcada pela busca constante de sobrevivência e colocou em prática um modelo de sobrevivência e de sucesso que não incluía sua integração na ordem social. **Sombra e Água Fresca** se impôs assim como Pedro Malazartes: como um herói das zonas ambíguas da ordem social, um relativizador das leis, regulamentos, moralidades.
- 2) Em seu nome – **Binômio - Sombra e Água Fresca, órgão quase independente** – se encontravam estampados seu espírito malandro, além de sua vocação para a vingança e para o desmascaramento. Com este nome, nosso herói ridicularizava o programa de governo de Juscelino Kubistchek ao mesmo tempo que usava as próprias armas da malandragem explicitando o que todos sabiam, mas que ninguém dizia: a queda para a marginalidade do governador mineiro, conhecido como boêmio e pé de valsa. Além disto, com esse nome expunha o que de fato, de acordo com o jornal, ele prometia a seus correligionários e colaboradores: no lugar de energia e transportes, uma vida de sombra e água fresca.
- 3) Em uma alusão direta ao ideal e à promessa do mundo da malandragem, sua epígrafe **Sombra e Água Fresca** demonstra que este órgão foi tão individualizado quanto um malandro o é na sua maneira de se vestir falar e andar, fazendo uso de uma linguagem marcada pela irreverência, a ironia e o deboche, com seu tamanho tablóide (nanico) e apenas quatro mal impressas páginas.

- 4) Vivendo perigosamente “comprometido no ponto certo do equilíbrio entre a ordem e a desordem” (DA MATTA, 1990), transformava as desvantagens em vantagens graças ao imprevisto e várias de suas saídas altamente criativas, de um espírito astuto e galhofeiro. Portanto, assim como um legítimo malandro, **Sombra e Água Fresca** compensava sua precariedade sempre ‘dando um jeitinho’.
- 5) **Binômio** lutava para que a justiça e as leis valessem igualmente para todos, pretendendo uma moralização da sociedade e não sua transformação. Assim como Malazartes, perseguia os poderosos ridicularizando a hierarquia da sociedade dos anos 50 e os símbolos de poder e de status, fazendo uso da arma dos fracos: a zombaria e a sagacidade.

De forma secundária, mas nem por isto menos importante, identificou-se, também, semelhanças entre as posturas, atitudes e funções exercidas pelo **Binômio** em sua fase humorística e o papel de bufão de Juscelino, embora ressaltando o fato desse órgão não ter sido escolhido pelo “rei” e por sua “corte” para desempenhar este papel. No entanto, assim como o bufão, **Sombra e Água Fresca** constituía-se num verdadeiro feixe de paradoxos (NEVES, 1979):

- 1) Embora se colocasse contra a política dominante e as normas de conduta social através de um comportamento que nada tinha de “razoável”, “sensato” ou “prudente”, conseguia que Juscelino Kubistchek fosse o primeiro a rir e se deliciar com suas piadas. Além do apurado senso de humor do então governador de Minas, há que se considerar, também, que as jacotas e piadas de **Binômio**, assim como as do bufão, se constituíam em verdadeiras armadilhas, pois quem reagia seriamente a elas, corria o risco de se auto-acusar. Ou seja, levar à sério o que é ‘brincadeira’ e, portanto, ‘mentira’, é atribuir-lhe seriedade, tornando-o verdadeiro.
- 2) Sua crítica e sua agressividade costumavam cair no vazio, pois na medida em que era um *outsider* sua fala se tornava ambígua. Dizia verdades que pareciam brincadeiras gratuitas, mas sua aparência não inspirava confiança devido ao seu caráter singular, incomum, anômalo, pois assim como o bufão, nosso herói foi “mais uma desvairada consciência crítica anárquica do que consciente

porta-voz de segmentos facilmente discerníveis na formação social” (NEVES, 1979). Ou seja, **Binômio** falava por todos, logo, falava por ninguém.

- 3) Como um estrangeiro, **Sombra e Água Fresca** atuava em setores dominantes da sociedade sem fazer parte deles, o que o tornava uma personagem sociologicamente desenraizada (NEVES, 1979), pois de certa forma já não pertencia mais ao seu grupo social de origem, ao mesmo tempo em que detinha um certo poder de influência sobre os meios dominantes, em decorrência de sua popularidade e sucesso. Desta forma, podia denunciar os conflitos ou mesmo fazer eclodir ou acirrar artificialmente conflitos, sem ser portador de uma nova ideologia.

Portanto, com todas as características do malandro e com alguns paradoxos do bufão, nosso herói teve uma trajetória marcada por inúmeras peripécias, venceu obstáculos de diversas ordens, inclusive duas apreensões em seu primeiro ano de vida, escandalizou a tradicionalíssima e provinciana capital mineira, transformando tudo o que era considerado solene em motivo de jacota, conquistou seu espaço e seu público principalmente por ter sido a própria encarnação da inversão, da ironia e do deboche: **Sombra e Água Fresca** e o que sobreviveu de seu espírito malandro em **Binômio**, pode ser considerado como um elemento de “carnavalização da realidade”, o que será melhor demonstrado nas conclusões da análise do humor binomiano.

As principais semelhanças encontradas entre a trajetória do jornal **Binômio**, principalmente em sua fase panfletária (1956-1959) e o paradigma do justiceiro são basicamente as seguintes:

- 1) Assim como os cangaceiros brasileiros, **Binômio - O Jornal da Semana** se colocou durante esse período de forma violenta e ofensiva para fazer a sua crítica e o seu protesto, vingando-se dos poderosos e da grande imprensa através da radicalização de sua postura combativa.
- 2) Portanto, como vingador generalizado de um sistema hierarquizado, tratava como sendo do plano moral o que tinha suas raízes na exploração econômica e política, tentando resolver esses conflitos via luta pessoal, o que

caracterizava sua vingança como um sistema institucionalizado (DA MATTA, 1990).

- 3) Livre e independente como um herói comprometido com suas próprias causas, orientado por seus próprios princípios de natureza humanística, procurava informar, “doa a quem doer”, e abalar com suas denúncias a estrutura social. Apesar de sempre ter tido uma tendência progressista e de esquerda, não era porta voz de uma ideologia específica, nem representava partidos ou grupos políticos, embora ironicamente tenha tido seu primeiro número totalmente financiado pela UDN.
- 4) Em sua fase panfletária, nosso herói enfrentou provas mais duras, saindo vitorioso de seus embates: governador José Francisco Bias Fortes proibiu as gráficas mineiras de imprimi-lo, o que fez com que tivesse que ser impresso no Rio de Janeiro; seu diretor, Euro Luiz Arantes e alguns de seus repórteres sofreram processos na justiça, ameaças e agressões físicas.
- 5) Exercia a violência usando e abusando da tática que diz que a melhor defesa é o ataque, extrapolando, às vezes, a função e o papel tradicionalmente exercidos pela imprensa, colocando em relevo e tons rubros, os escândalos, os roubos, “os ratos dos cofres públicos”.
- 6) Portanto, como estratégia de luta contra a corrupção e os desmandos, **Binômio - O Jornal da Semana**, a maior tiragem da imprensa mineira ziguezagueava entre a desordem e a ordem social, se mantendo, assim como os justiceiros, “na terceira margem do rio” (DA MATTA, 1990).

A facilidade para comprovar as semelhanças que se presumiu existirem entre a maneira de ser do jornal durante suas duas primeiras fases e o malandro e o justiceiro, percebidos como heróis/atores de rituais de inversão da ordem social brasileira, não aconteceu em relação à fase ideológica (1960-1964) de **Binômio - O Jornal da Semana** e, posteriormente, de **Binômio - o primeiro grande magazine brasileiro** e a personagem paradigmática do renunciador, o verdadeiro revolucionário (DA MATTA, 1990). Ou seja, não se comprovou que o jornal tenha incorporado o renunciador em toda a sua pureza.

Portanto, para assegurar maior clareza na exposição da ambivalência encontrada na relação entre nosso herói e o renunciador, serão sistematizados dois blocos distintos. No primeiro apresentar-se-á as semelhanças comprovadas com esta personagem paradigmática, e no segundo os aspectos que diferenciaram o jornal deste herói.

Pontos de semelhança comprovadas existentes entre as características de **Binômio - Jornal da Semana e o primeiro grande magazine brasileiro** durante a fase ideológica e a personagem paradigmática do renunciador:

- 1) Sonhando com um novo mundo, adotou a ideologia nacionalista e passou a lutar mais contra o sistema do que apenas contra seus representantes. Assim sendo, apoiou as reformas de base, os ideais nacionalistas de esquerda e fazia campanhas para as eleições a favor de políticos que lutavam por esses mesmos ideais.
- 2) O embate havido entre o Gal. Punaro Blay e o jornal que culminou com a invasão, depredação e saque da redação do **Binômio** realizada pelo exército em dezembro de 1961 fez nosso herói ser marcado para morrer.
- 3) Dois anos e três meses após essa invasão, ou seja, em março de 1964, **Binômio** se viu obrigado a fazer a passagem definitiva da ordem para a desordem, realizando, assim, seu destino de herói e, portanto, impossibilitando com sua morte seu retorno à ordem social.
- 4) Tal qual acontece com o renunciador, essa morte significou um movimento de transcendência da ordem social, pois como disse Fernando Gabeira, o que morreu foi o jornal de oposição. O **Binômio** mesmo, esse jamais morrerá. “Seus redatores, diagramadores e fotógrafos saíram por aí, continuando a história do jornalismo moderno no Brasil.”

Pontos de diferenciação comprovadas existentes entre as características de **Binômio - Jornal da Semana e o primeiro grande magazine brasileiro** durante a fase ideológica e a personagem paradigmática do renunciador:

- 1) Comprovou-se, pela investigação empírica, que a fragilização e fragmentação desse semanário foram crescentes. Suas principais causas foram as ambigüidades e distorções de sua linha editorial, motivadas, pelo que tudo

indica, por interesses de ordem política e, ou, comercial, o que levou a uma predominância cada vez maior de um “jornalismo leviano e inconseqüente”, como tão bem caracterizou, na época, Roberto Drumond.

2) Ao ser analisado no conjunto desses últimos três anos e pouco, não houve uma esquerdização integral nesse período, portanto, o fato de nosso herói ter se transformado num verdadeiro revolucionário precisa ser relativizado. Ou seja, a ideologia nacionalista de esquerda não se constituiu na tônica principal do jornal, ou numa orientação que lhe desse unidade e coerência. **Binômio** não conseguiu definir uma nova linha editorial como um centro firme e com contornos claros e inequívocos que expressassem com precisão sua nova maneira de ser, conforme aconteceu em suas duas fases anteriores, o que pode ser percebido nos seguintes fatos:

- Ao mesmo tempo em que apoiou as reformas de base e fez campanhas para políticos que também as apoiava, prestava homenagens a Magalhães Pinto;
- Perda editorial e de liberdade como consequência do comprometimento do jornal com determinado grupo político, da necessidade de atender a interesses políticos próprios somado à opção de procurar “agradar” um tipo de gosto do público, fazendo predominar no **Binômio**, conforme disse Roberto Drumond, a divulgação de “fofocas de garotas de propaganda, moças de amor livre, misses, etc.”, chegando a promover, inclusive, um Baile de Debutantes em Juiz de Fora.
- De acordo com Fernando Gabeira, a preocupação com as técnicas modernas de jornalismo se sobrepunha à militância política, o que pode ser conpovado pelo crescente aprimoramento gráfico do jornal durante a fase ideológica.
- Apesar desse aprimoramento e das inúmeras jogadas publicitárias, suas vendas caíram vertiginosamente, assim como sua popularidade e penetração junto ao público leitor.
- A epígrafe Sombra e Água Fresca, o epíteto, Crítica e Humorismo e O Jornal da Semana e os slogans, a maior tiragem da imprensa mineira e o primeiro magazine brasileiro foram tratados como índices do processo de

transformação do próprio jornal, das identidades sociais desempenhadas por ele (DA MATTA, 1990), marcando as etapas, os papéis sociais predominantes e as mudanças de posição social na trajetória de nossa personagem, sendo as mudanças de nome com conotações semelhantes um fato comum de acontecer entre os renunciadores. Tais mudanças expressam, também, reinterpretações da sociedade realizadas por nosso herói e a conquista de novos espaços sociais que foram sendo abertos a cada uma delas.

- Ao contrário de Augusto Matraga, **Binômio** agiu desde o início como um herói típico de rituais coletivos de inversão da ordem social brasileira. Sua ascensão social ocorrida até sua fase ideológica não se deu em direção aos grupos centrais da sociedade, mas sempre em oposição a eles, vivendo principalmente durante suas duas fases iniciais em completo estado liminar.

Em relação à linguagem, a presente pesquisa concluiu que a maior riqueza do **Binômio** se encontra em seu humor, pois seu período mais criativo se deu principalmente em sua fase humorística e no pouco que dela sobreviveu. O que há de mais original e vital no humor binomiano se baseava numa compreensão do riso bem semelhante à existente na cultura cômica popular da Idade Média e do Renascimento, conforme descrita e analisada por BAKHTIN (1987), e se fundamentava em três fontes da Antigüidade: o riso como forma universal de concepção do mundo; sua ligação essencial e indissolúvel com a liberdade; e seu vínculo com a verdade popular não oficial. Serão descritas, a seguir, as identidades existentes entre essas fontes e o humor binomiano.

Primeira fonte: o riso como forma universal de concepção do mundo:

- a) Tanto cômico quanto o sério eram percebidos como igualmente universais. O humor binomiano tratava a dimensão risível de todos os aspectos da vida em sua totalidade, da história e da sociedade. Ao fazê-lo, diferenciava-se da ideologia dominante que em 1950, assim como nos dias de hoje, associa o cômico apenas com aspectos negativos, menos relevantes, secundários e menores da realidade.

- b) No humor binomiano predominou uma compreensão que não opunha o sério ao cômico nem estabelecia a existência de um vínculo necessário entre a verdade e a seriedade e, entre o falso e o cômico, mostrando através de seu humor que a seriedade pode se encontrar presente no próprio cômico e vice-versa.
- c) Portanto, assim como a paródia medieval, o humor binomiano considerava o riso e a seriedade igualmente universais, não se prendendo apenas às imperfeições e lados negativos da realidade cultural, social e política.

Segunda fonte: ligação indissolúvel e essencial entre o riso e a liberdade:

- a) O humor binomiano mantinha a natureza extra-oficial de sua comicidade, fazendo um humor praticamente sem limites ou reservas.
- b) Assim como os rituais cômicos de festas populares ocorridas em praças públicas durante a Idade Média, o humor binomiano “promovia uma interrupção provisória do sistema oficial, com suas interdições e barreiras hierárquicas”, o que possibilitava aos seus leitores entrar no domínio da liberdade, que mesmo sendo ilusória e temporária, tinha algo de fantástico e de intenso, colocando a vida fora “de seus trilhos habituais, legalizados e consagrados” (BAKHTIN, 1987).

Terceira fonte: relação fundamental entre o riso e a verdade popular não-oficial.

- a) Fazendo jacota e ridicularizando as autoridades, os usos e costumes de seu tempo, brincando com tudo o que era considerado sério e, portanto, importante, o humor binomiano criava uma verdade não-oficial sobre a realidade.
- b) Por ser criativo em si mesmo, despertava o desejo de criar, de ser livre e poder imaginar uma nova ordem para o mundo.
- c) Havia entre os meios oficiais e **Binômio** uma tensão permanente de versões distintas do que era o Brasil: a visão grandiloquente de Juscelino Kubistchek, seu principal inimigo, versus a versão escrachada do jornal.

Semelhanças existentes entre os festejos carnavalescos, o grotesco, a paródia e a praça pública da Idade Média e do Renascimento e o humor binomiano:

- a) Invertia e desfigurava a seriedade unilateral, cerimoniosa e sem lugar para o cômico própria dos meios oficiais e dos setores dominantes da sociedade em geral e de sua ideologia, ao transformar os poderosos, as elites e suas regras, valores e hierarquias em objeto de sátira, de gozação e de brincadeira.
- b) Promovia uma “carnavalização da consciência” ao construir “um segundo mundo e uma segunda vida” ao lado do mundo oficial, que se fundamentava na percepção da dualidade do mundo e da vida humana.
- c) A visão carnavalesca da realidade que faz a vida real ser percebida como jogo, presente no humor binomiano, constituía-se em sua forma específica de comunicação, capaz de aglutinar os leitores em torno de si (basta lembrar do papel da coluna do leitor, “Sapo de Fora”, entre outras).
- d) Se contrapondo à ideologia oficial, construía uma lógica original das coisas “ao avesso”, reafirmando a possibilidade de renovação e alternância e “a alegre relatividade das verdades e autoridades no poder”.
- e) Mostrava a seriedade do cômico ao destituir de poder os poderosos ridicularizando-os com suas brincadeiras e com sua irreverência, fazendo com que perdessem sua suposta numinosidade, e, portanto, revelando a humanidade dos poderosos, o que é a própria essência da igualdade existente entre todos os seres humanos.
- f) Em cada edição suspendia temporariamente o poder do mundo oficial, juntamente com as regras e o sistema de valores dominantes, afirmando o direito de sair da rotina costumeira e de suas convenções.
- g) Punha a nú o falso moralismo de sua época ao revelar as dimensões risíveis da seriedade unilateral dos poderosos, dos meios oficiais e seus cerimoniais de manutenção da ordem e do *status quo*.
- h) Suas criações humorísticas tinham suporte na complexidade da natureza do riso, pois recuperavam sua universalidade e sua ambivalência, ou seja,

mostravam simultaneamente seu lado alegre e brincalhão e sua face satírica e burlesca.

- i) Possibilitava a libertação da própria consciência, do pensamento e da imaginação de seus leitores, ao transformar a alegria em paródia do espírito e da “verdade” oficial e de sua gravidade unilateral. Este poder da paródia e do grotesco identificados principalmente nos primeiros anos de **Binômio**, transformava o terrível, o espantoso e as formas de opressão do poder dos meios dominantes em “alegres espantalhos cômicos”.
- j) Com o medo dominado pelo riso, a alegria era recuperada de forma integral, abrindo espaço para a atuação da força de regeneração e de libertação do riso, sem se deixar contaminar pelos pontos de vista comuns, idéias e juízos “normais”.
- k) Ao utilizar uma linguagem informal, franca e familiar, diferente da língua culta e oficial, diferente do tipo de comunicação marcado pelo protocolo, pelas etiquetas, por princípios hierárquicos e regras de polidez que prevaleceram nas instituições formais dominantes, fazia predominar um ambiente carnavalesco como o das praças públicas da Idade Média, o que transformava o jornal num espaço de “extraterritorialidade no mundo estabelecido da ordem e da ideologia oficial” (BAKHTIN, 1987).
- l) O espaço utilizado para os anúncios de propaganda do próprio jornal eram aproveitados como mais uma oportunidade de gracejar dos acontecimentos, semelhante à propaganda dos pregões da praça pública.
- m) **Binômio** se transformava com frequência “num ponto de convergência de tudo o que não era oficial”, ao penetrar em aspectos importantes da realidade onde se realizam as inversões da ordem social e as rupturas com *o status quo* dominante.
- n) Rompia com a seriedade unilateral e mostrava a possibilidade de expressar o sério de forma livre e lúcida, mantendo a unidade existente entre a seriedade e as dimensões risíveis do mundo e da vida.

Exemplos de algumas colunas humorísticas do **Binômio** analisadas para demonstrar as afirmações realizadas acima:

“Entrevistas fictícias”

- Trabalho de equipe onde se inventava entrevistas como se fossem concedidas pelas autoridades de maior destaque no período. O jornal publicava o que “o entrevistado pensava e não declarava”, o que sentia mas não tinha coragem para externar. Para o leitor tornava-se claro que a entrevista não aconteceu na realidade, mas que houve uma mistura de ficção com a realidade de forma a revelar certas verdades, desmistificar e ridicularizar os governantes e autoridades, sua política e sua prática.

“Place Pigalle”

- Satirizava as colunas e os colunistas sociais, o glamour, o “grand-monde” e a importância excessiva que se dava às aparências.
- Sua crítica dos costumes e hábitos, normas de conduta social da alta sociedade era acurada e ridicularizava os símbolos de status do período.
- Mantinha uma linha semelhante à das “entrevistas” no que se refere à mistura da ficção com a realidade.
- Euro Luiz Arantes assinava a coluna com o pseudônimo de Pompadour, caracterizado por uma fotografia de um travesti colocada junto à coluna. Segundo ARANTES (1992) Pompadour foi o primeiro homossexual a escrever num jornal, explicitando esta sua condição.

“O Golpe (contra o estado... de coisas)”, pelo General da Banda

- Além de transformar quem era notícia em personagem, fazia o mesmo com quem dava as notícias. É o que aconteceu com os pseudônimos Pompadour (“Place Pigalle”), Serafim Grandval (“Rádio, TV e Boite”) e o General da Banda (“O Golpe”), que foi se transformando em personagem de forma ainda mais completa que os outros, ganhando independência quase total em relação aos seu criador e ao próprio **Binômio**.
- De uma pequena coluna, “O Golpe” foi transformado num jornal dentro do jornal, iniciando com menos de uma lauda, seu espaço foi para uma página inteira; de colunista, o General da Banda se transformou em Diretor de “O

Golpe”, recebendo em “sua redação” seus poderosos amigos, as maiores autoridades da época, com quem tinha uma enorme intimidade, fazendo brincadeiras e críticas ao próprio **Binômio**, dizendo, inclusive, que carregava esse jornal nas costas.

- General da Banda era de direita, tinha a corrupção como um princípio, agindo como se suas práticas de corrupção fossem perfeitamente corretas e naturais. Esta convicção era expressa claramente pelo General ao relatar suas experiências, aventuras, encontros com outros políticos e autoridades da época que de acordo com o jornal eram tão corruptos quanto ele.
- Não é preciso fazer muito esforço para identificar no General da Banda e seus comparsas, pessoas, partidos, instituições e práticas que permanecem comuns nos dias de hoje em nosso país. Portanto, classificou-se o General da Banda como sendo uma personagem paradigmática, no sentido atribuído por DA MATTA (1990) a este conceito, considerando como rituais de preservação e reprodução da ordem social brasileira o clientelismo, a cultura do favor e do débito político (MARTINS, 1994) ainda presentes em nossa prática política-partidária.
- Este tipo de recurso, que é semelhante ao Fradim do Henfil (paradigma do sádico), tem um imenso efeito humorístico e de comunicação, pois possibilita ao leitor o distanciamento crítico necessário em relação ao que está sendo indiretamente denunciado. Ao tornar natural o que é absurdo, torna-se transparente o próprio absurdo que existe no que é comumente praticado, visto e considerado como natural.

Outras características gerais do humor binomiano presentes nas colunas citadas acima e em outras matérias e piadas, principalmente da fase humorística:

- Em função das precariedades que o jornal enfrentava, as informações eram veiculadas sobretudo através da gozação, do deboche e da brincadeira, o que as tornavam múltiplas em significado, embora às vezes fossem insuficientes do ponto de vista quantitativo. A imaginação era posta a serviço do desnudamento da realidade.
- Governantes e autoridades do período foram transformados em personagens.

- Misturava-se crônica, humorismo e ficção para denunciar e registrar os acontecimentos, que não perdiam sua veracidade, embora fossem narrados através de paródias, metáforas e comparações muitas vezes gozadíssimas e geniais.
- A mistura de ficção com realidade feita na proporção certa. Ressaltava a verdade, ao mesmo tempo em que avacalhava com a notícia.

Principais aspectos de seriedade unilateral da linguagem do justiceiro (fase panfletária) e do renunciador (fase ideológica):

- Em sua segunda e terceira fases foi perdendo espaço no **Binômio** a visão mais arrojada que compreende o caráter universal do sério e do cômico em sua totalidade e unidade.
- Na linguagem do justiceiro e do renunciador predominava, cada vez mais, uma seriedade unilateral, grave e pesada e foi diminuindo cada vez mais o espaço do cômico, que se tornou predominante satírico e, portanto, voltado apenas para os aspectos negativos da realidade.
- À medida em que o sério foi se transformando em algo cada vez mais grave, monótono e sem relevo, o cômico foi sendo associado com o ligeiro, o negativo, o inferior e o irrelevante, assim como acontece na ideologia dominante.
- O justiceiro, com seu “jornalismo heróico”, transformou a palavra em arma mortal, repetindo com estardalhaço e com um barulho ensurdecador, com uma seriedade permeada por sermões abstratos e moralizantes, que provocam ainda hoje, cansaço e monotonia.
- Junto a uma linguagem patética e bombástica, com o slogan “coragem para dizer a verdade” e a disposição para ir até às últimas consequências, “sem afastar um milímetro de nossas posições”, a principal estratégia do justiceiro para manifestar sua agressiva indignação era sempre “a melhor defesa é o ataque”.
- Mesmo assim, na fase panfletária ainda permanecia um tom de deboche e de irreverência do humor binomiano dos primeiros tempos, o que praticamente

deixou de acontecer em sua fase ideológica, onde o humor ficou restrito a um pequeno espaço dentro do jornal.

- Embora mantendo características sensacionalistas, a linguagem do renunciador tornou-se mais amena que a do período anterior, voltando ao antigo tom em situações mais dramáticas.
- Enquanto renunciador, **Binômio** sofreu uma perda crescente da criatividade.
- Não fosse a coluna “O Golpe”, poderia dizer que a fase ideológica rompeu totalmente com as origens desse jornal, fato que pode ser comprovado com o desaparecimento do expediente que trazia os princípios do **Binômio** e a substituição de “Place Pigalle” por uma coluna social nos moldes tradicionais do colunismo social.
- No entanto, mesmo tendo se desvinculado de suas origens, pode-se considerar que **Binômio** concluiu sua trajetória de herói de rituais de inversão da ordem social brasileira, vindo a ter de desaparecer de circulação, assim como é comum acontecer com os renunciadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: história e imprensa brasileira.** São Paulo: Ática, 1990. v. 20.
- BAKHTIN, M.M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec, 1987. 422 p.
- BECKER, H. **The outsiders.** Mcmillian, The Free Press, 1966.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: TAC, T.A. Queiroz, 1979.
- BRAGA, J.L. **O Pasquim e os anos 70.** Brasília: UnB, 1991. 226 p.
- CARRATO, A. **A amena casa de Assis: papel e atuação do jornal O Estado de Minas.** Brasília: UnB, 1996. 258 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, 1996.
- COURA, A.M. et al. **Gramática da inovação: a linguagem jornalística em Binômio.** Belo Horizonte: UFMG, 1993. 106 p. Monografia (Graduação) - Universidade Federal de Minas Gerais, 1993.
- DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990. 288 p.

- DA MATTA, R. O ofício do etnólogo ou como ter antropológico blues. In: NUNES, E. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 156 p.
- DUMONT, L. **The modern conception of the individual**. Chicago: The University of Chicago, 1965. 326 p.
- DURKHEIM, E. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968. 238 p.
- FIGUEIREDO, C. **As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. Rio de Janeiro: Record, 1987. 208 p.
- GOLDENSTEIN, G. **Do jornalismo político à indústria cultural no Brasil**. São Paulo: USP, 1978. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 1978.
- GOODE, W., HATT, P. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1973. 286 p.
- HOBSBAWN, E.J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975. 270 p.
- IANNI, O. **Estado e planejamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- KOWARICK, I. **Estratégias do planejamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Página Aberta, 1991. 252 p.
- NOSSO SÉCULO. São Paulo: Abril Cultural, 1980. v. 4, 1945/1930.
- NEVES, L.F.B. **O paradoxo do coringa e o jogo do poder e saber**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979. 174 p.
- ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 224 p.
- RABÊLO, J.M. **Binômio, edição histórica: o jornal que virou Minas de cabeça para baixo**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, Barlavento, 1997. 260 p.
- SODRÉ, N.W. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1970. 504 p.

TURNER, V. **Dramas, fields and metaphors: symbolic action in human society**. London: Cornell University, 1974. 184 p.

WERNECK, H. **O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais**. São Paulo: Companhia. das Letras, 1992. 208 p.

XAVIER, I. **Sétima arte: um culto moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FONTES

ARANTES, E.L. Depoimento de Euro Luiz Arantes nas entrevistas realizadas pela pesquisadora em Juiz de Fora, MG, nos meses de abril e maio de 1992.

AULICUS, C. Depoimento de Celius Aulicus na entrevista realizada pela pesquisadora em Belo Horizonte, MG, em setembro de 1992.

BINÔMIO. Coleção dos exemplares do período 1952-64 existentes na Hemeroteca do Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte - MG.

RABÊLO, J.M. Depoimento de José Maria Rabêlo nas entrevistas realizadas pela pesquisadora em Belo Horizonte, MG, em novembro de 1993.